



VISEU

COMEÇANDO DO FIM

CÍNTIA FRANCO



Copyright © Viseu

Copyright © Cíntia Franco

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues Regina

projeto editorial: BookPro

coordenação editorial: Blenda Castro

revisão: Leilane Tolentino Stauffer

copidesque: Adriele Silva

diagramação: Clara Wanderley

capa: Vinicius Ribeiro

e-ISBN 978-65-567-4928-0

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Viseu Ltda.

contato@editoraviseu.com

www.editoraviseu.com

Na desconstrução somos construídos.

Este livro é para Deus, que me fez assim, tão singular com meus devaneios.

E para minha família, que mesmo sem entender, respeita esses devaneios.

“E assistindo ao filme com a minha mãe, que mais cochilava do que assistia, tomei um susto. Ela agitou a cabeça para frente com os dentes fora da boca como se estivesse sofrendo algum mal súbito, infarto ou algo parecido.

Meu Deus! Que medo! Pensei: Será que ela está morrendo na minha frente? Justo eu, que tenho medo do fim e da morte, terei que socorrê-la?

Então quando gritei: — Mãe! A senhora está morrendo? Ela abriu os olhos assustada, sorriu com o canto da boca e respondeu: — Não, minha filha. A mamãe sacolejou, porque sonhou que estava rindo!

O que para mim parecia o fim da matriarca, para ela era somente um sonho divertido...”

Agradecimentos

Muito obrigada às pessoas maravilhosas que fazem ou fizeram parte da minha vida e história. História essa que ainda está sendo escrita, mas que é composta por aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a formação do meu caráter, qualidades e daquilo que preciso melhorar. Como das lições e aprendizados, positivos ou nem tanto, que de alguma forma me ajudam a entender o que quero e o que não quero, o que acredito e desacredito, o que sou, fui e tentarei ser.

Dedico também às pessoas que ainda irei conhecer e continuarão contribuindo para minha jornada.

Gratidão a Deus pelo presente da vida, por toda sua Criação, e pelo o que Ele é, ainda que meu entendimento não alcance.

Gratidão às pessoas que permitiram que este livro chegasse às mentes e aos corações, pois esse é o maior intuito.

Agradeço à parentes e amigos, ao Daniel durante apoio, só que principalmente à minha mãe Diná, filhas Letícia e Giovanna, meus irmãos Cássio e Cláudia, meus cunhados e sobrinhos. E dedico à memória do meu pai, João Clóvis.

Por fim, continuemos evoluindo e nos respeitando independentemente de placas, bandeiras, identidades étnico-raciais, crenças, posições e opiniões. Pois todos nos completamos de alguma forma.

Muito obrigada!

Convite

Você já parou para pensar nos tipos de Fim que fizeram ou fazem parte da sua vida? Será que sabe identificar quais deles aconteceram, se existe o risco de que algum aconteça, e quais precisam acontecer?

Convido você para uma experiência diferente neste livro, que não tem como pretensão ensinar ou impor opiniões e crenças, mas sim perceber a importância, os impactos, os benefícios ou malefícios dos “términos” de ciclos das nossas vidas. Não é um livro para você, e sim para nós, para que viajemos juntos em nossas descobertas.

Viagem essa que nos permita conhecer ou revisitar sentimentos, lembranças e pensamentos dentro de cada um, para que, ao final, digamos em nosso interior tudo o que precisava ser dito.

Ao final de cada capítulo, deixo um versículo que fala à minha alma (que pode falar ou não com a sua), e um espaço para registrar as reflexões que você desejar, no intuito de meditar ou simplesmente colocar para fora. Porém fique na liberdade caso sinta de fazê-lo ou não. Vamos lá!

SÃO PAULO, início do ano de 2020.

Período de Pandemia pelo Coronavírus (COVID-19)

Só para registro.

Enquanto escrevo, peço a Deus que tenha misericórdia das famílias de luto e das que estão sofrendo pelo contágio, como das que perderam ou perderão.

Desejo muita força e coragem para as pessoas que, de alguma forma, sofreram ou sofrerão impactos de diversas formas com essa doença pelo mundo todo. E não posso esquecer de mencionar que esses sofrimentos atuais (de forma diferente ou não) são reflexos dos muitos sofrimentos que acompanham a humanidade em vários aspectos.

E ainda que seja um período muito difícil, cujas sequelas ainda não podemos mensurar, acredito que “Do Fim Brotará O Início”, o começo de algo bom extraído de tudo isso, e uma lição com muitos aprendizados individuais e coletivos.

O cenário atual trará menos dores do que muitos pensam, mais dores do que muitos esperam, e só resta a todos a esperança de que dias melhores virão.

Para algumas pessoas, os “fins da vida” nunca se apresentaram tão de perto quanto agora.

Este livro pretende ser um relato da alma e do coração como experiência de vida e não como experiência científica. Não trago conteúdos com base em ciência ou religião, e nem é esse o objetivo do livro, pois não tenho especialização para tal abordagem.

Divido com os leitores apenas um pouco do que observei nestes 41 anos nas mais variadas vivências trazidas em forma de reflexões, desabaços e pensamentos que estão nos momentos bons e ruins, e que podem, de alguma forma, ser edificantes. São atitudes, anseios, medos, ousadias e consequências que percebo acompanharem o bem-sucedido e o malsucedido, o rico e o pobre, as etnias e crenças, povos e nações, sem distinção.

Dedico a pessoas que, como eu, sempre tiveram de lidar com muitos “fins” a vida toda. Mas pretendo alcançar também as que se recordam de um “único fim” que tenha trazido um grande marco em sua trajetória, ou que tenha deixado muitas cicatrizes.

A mensagem pode ser para aqueles que têm verdadeiro pavor de conhecer “algum fim”. Como pode ser para aqueles que desfrutaram de tantos resultados positivos e duradouros que nunca acreditam que terão de lidar com o fim um dia.

Que esse livro alcance quem mesmo com “seus fins” visíveis em diversas áreas relutam em aceitar, seja por teimosia, vergonha ou persistência. E que dialogue com quem gosta de camuflar o término das coisas.

Quem sabe vá ao encontro de quem lida muito bem quando o fim aparece, exercitados na superação e resiliência. Seja achado pelos que experimentam o fim das suas mais variadas formas, sensações, reações e pontos de vista.

Almejo refletir com os viciados por términos, que precisam parar um pouco de “não finalizar” as coisas, e com os que precisam buscar “um pouco de fim” para dar mais sentido à vida.

Também gostaria de enfatizar que o livro não tem caráter religioso, apesar de em alguns momentos eu discorrer a respeito da minha fé e do que com ela tenho aprendido e sido transformada. Não tem como refletir e abrir a janela da minha vida sem expressar o que faz parte da minha construção enquanto Cíntia.

Mas o objetivo não é relatar uma visão doutrinária, até porque, mesmo dentro das minhas crenças, costumo ir na contramão de muita coisa que me é interpretada, acreditando então que cada estágio e interpretação de fé é algo muito peculiar.

O que desejo é simplesmente “bater um papo” das minhas memórias, meu histórico e análises pessoais com sua história, formas de pensar e sentir. De humano para humano.

E com qual credibilidade procuro fazer? A mesma que você possui caso um dia decida escrever: a vida, os aprendizados, as experiências e o convívio com as realidades mais variadas.

Não desejo nos levar a um campo que causará divisões entre “o time daquilo que é certo” e “o time daquilo que é errado”, pois esses times podem mudar constantemente de posição a vida inteira. Como podem alternar dependendo da visão de quem vive ou vê. Desejo sim alcançar um campo em que possa compartilhar um dos aprendizados mais valiosos que tive até aqui: Na Desconstrução é que Somos Construídos.

Que esses relatos e questionamentos possam visitar você da mesma forma que diariamente me visitam. E, assim, você consiga também passear em si nas regiões que andam esquecidas, perdidas ou que nunca foram visitadas, a fim de

melhor se compreender. Não porque pretendo ensinar, porém pelo que pretendo dividir.

Possa, da mesma forma, ser útil essa compreensão de nós mesmos com o entendimento do outro. E se servir ou não de aprendizado para hoje, quem sabe encontre espaço no seu amanhã, alcançando também aqueles que o rodeiam e que talvez precisariam estar lendo essas palavras.

Sejam os nossos caminhos alegres e tristes, de inícios e de pontos finais, grandes amigos e não inimigos.

“Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas...”
(Eclesiastes 7: 8).

Boa leitura!

A ponta do carretel

Quando paro e penso tentando lembrar como foi chegar até aqui dessa forma, tão diferente de tudo que tinha imaginado, procuro, procuro, procuro e não encontro a resposta. Tinha aprendido, ensinado, projetado, programado ou feito por impulso e sem pensar mesmo, só que ainda assim dentro de algum rascunho. Mas no fim, saiu tão diferente.

Dia após dia tentando achar a ponta desse carretel. O início dessa linha que puxou as coisas para “o agora”. A ponta perdida da vida, que só faz a gente perder tempo procurando. Se bem que talvez esteja na minha “cara”, porque tem coisa que a gente olha e não vê. Prossigo procurando até encontrar.

Também, o que esperavam? A vida toda (desde quando nem me lembro) sempre fui ensinada a começar tudo para atingir algum objetivo. Começar a chorar para ganhar o leite; começar a estudar para me tornar inteligente; a decidir o que queria para ter um futuro promissor; a obedecer para conquistar a satisfação familiar e a ordem; a me arrumar para socializar melhor; a ter bom comportamento e resistência para lidar com racismo ao tentar não ser diminuída por ser negra num ambiente de maioria branca; a aprender me defender para não ser engolida pela sociedade; a ser legal para ter um maior número de amigos; a entrar na moda ou nos padrões da

sociedade para ser aceita; a procurar fórmulas para ser feliz; a buscar uma religião para encontrar a Deus; a escolher uma profissão para exercê-la a vida toda; a correr em busca do dinheiro; a pensar em sexo porque estavam todos da minha idade falando sobre isso; a aprender as tarefas domésticas para ser boa esposa; a acertar no relacionamento para não ficar sozinha. E outros tantos começos que poderiam preencher todo o livro. Sempre começar, acertar e continuar começando.

A vida inteira iniciando a corrida pelo troféu do objetivo alcançado.

Só esqueceram de ensinar que nem sempre o começo parte do início. Às vezes só conseguimos dar início a algo depois de decidirmos colocar em prática muitos pontos finais. Também não me prepararam para entender que nem tudo é tão previsível assim, pois as rasteiras em várias áreas nos surpreendem com muitos fins. Fui treinada para a ilusão de que sempre daria tudo certo.

Como assim não dar certo? Não tinha pensado nisso? E precisava ser ensinada? Isso era tão óbvio! Mas não passou pela minha cabeça sequer um minuto. E já que não estava preparada para o fim e nem para perder, somente para começar e ganhar, a vida se encarregou de me apresentar o “senhor fim” pessoalmente, assim como a experimentar o amargo sabor de perdas e derrotas.

Nunca aprendi sobre o FIM, ou pelo menos em como lidar com ele. Não me recordo de nenhum aviso dizendo: “Se prepare, linda criança, pois você terá que lidar com tudo isso quando o leite acabar; Tenha em mente um projeto, caso seja demitida; Se

não concluir a faculdade ou não seguir essa carreira, tenha em mente um plano B; Lute contra os traumas sofridos (preconceito, violência, e outros), antes que eles te engulam”.

Não necessariamente nessa ordem.

Aliás, há alguns ensinamentos que poderiam ter sido semeados na infância mesmo, pois na fase adulta estaria *expert* em lidar com tudo isso.

Que me lembre, o fim jamais poderia ser favorável. Sempre foi visto como algo negativo que só conduz à vergonha, depressão, tristeza, dor, perda e fracasso. Se lá atrás eu dissesse “essa derrota é para a vitória, essa vergonha é para a força, essa dor é para a edificação...”, com certeza meu pai teria perguntado se eu estava depressiva. Até porque a depressão que sofri muito nova foi justamente por não saber processar esses cenários como deveriam.

A questão é: recebi muitas orientações do que fazer para “iniciar algo”, porém, quando alguns castelos emocionais, sentimentais, psicológicos, profissionais, ideológicos, religiosos, sexuais e sociais foram desmoronando, ninguém conseguia me ajudar concretamente além de conselhos superficiais e palavras de consolo, porque na verdade ninguém tinha um manual de apoio para o fim de nada, pois também não tinham aprendido lá atrás.

Quem já ouviu a expressão “você vai quebrar a cara”, provavelmente não a recebeu de bom grado, nem acompanhada de dicas e regras do que fazer se essa afirmativa se cumprisse. Não há projetos ou cursos para um possível “fim do caminho”.

Não. Não estou pregando a “Teoria do Pessimismo”. Muito

pelo contrário. A preparação para um cenário de “fim” na verdade deveria ser vista como algo positivo, se o intuito é nos moldar a tirar algo bom de cada um, fortalecendo-nos para romper barreiras e para extrair a lição que nos restaurará.

Há uma grande diferença entre profetizar que as coisas darão errado, esperando sempre o fracasso de tudo, e se preparar para o que de repente pode terminar diferente do planejado.

É enraizar em nós a mente preparada para comportamentos, atitudes, rascunhos, ideias e decisões que façam com que muitos fins nos impulsionem para a superação, ou pelo menos, tragam consequências menos catastróficas. De forma que as perdas, fracassos, tragédias, tristezas, falências, separações ou as simples mudanças de plano se tornem MOLAS estimuladoras para a próxima fase ou objetivo, e não um poço sem fim para a sensação de derrota, frustração, incapacidade, morte ou desespero.

O fato de se preparar para resultados negativos e não só para conquistas pode amenizar os impactos, o que evitaria pessoas tanto tempo perdidas, desorientadas, sem perspectiva, sem fé, sem achar uma saída, sem se levantar, sofrendo, chorando, nadando em remédios, sem alternativas ou sem enxergá-las (mesmo que eu respeite quem esteja passando por isso como já passei).

Hoje em dia livros, terapias, religiões, especialistas, médicos e muitos outros métodos que têm como objetivo estimular o ser humano a acreditar que é possível mudar o cenário, e que são ferramentas muito importantes, vêm fazendo um trabalho por vezes de “serrar feridas” e direcionar o ser humano a entender

que está dentro de cada um a capacidade de superar e vencer obstáculos. Isso é uma verdade. Mas aonde quero chegar com isso?

Essas ferramentas que vêm para auxiliar deveriam ser como uma “mão ajudadora”, e não “a única base” como têm sido para muitos. E mesmo recebendo apoio e orientação, alguns persistem em continuar carregando um bloqueio dentro de si e dificuldades para avançar a cada novo obstáculo, ou até no mesmo.

Seria tão difícil colocar em prática os ensinamentos de superação, se estivéssemos melhor preparados para lidar com os “fins da nossa vida”? Será que teríamos tantas feridas e dificuldades, se fôssemos culturalmente treinados para as frustrações como somos treinados para as vitórias? Ao invés de buscarmos somente refúgios, estaríamos nos atentando mais em como alicerçar nossa base e, assim, esses meios de ajuda iriam agregar ainda mais.

A tristeza, o medo, a vergonha, a decepção fazem parte do percurso do ser humano desde sempre. E digo, continuarão fazendo. Não penso que criei fórmula mágica alguma que imunizará as pessoas de sentirem tais emoções, sentimentos e vivências que também são necessários. Contudo, as sociedades estão cada vez mais exigentes em encurralar e pressionar cada indivíduo, fazendo com que eles se vejam na obrigação de ter sucesso e acertar sempre e para sempre, como se fosse um crime PRECISAR ou QUERER começar de novo. Ou como se fosse um pecado mortal quando as coisas não saem como esperamos, findam ou mudam.

Onde está o crime em não terminar o que se começou por mudar de ideia no meio do caminho? Ou que fatalidade há em sofrer uma decepção amorosa? Sim. Há muita tristeza em muitos finais, mas precisamos aprender a encontrar as próximas portas e os caminhos das jornadas, porque mesmo doendo (e muito) precisamos continuar. Precisamos de palavras de incentivo sim, como também precisamos ir além disso, buscando saídas e tomando atitudes que possam trazer novo sentido à situação difícil que estamos vivendo.

A pandemia da Covid-19 chegou expondo um verdadeiro caos em todos os setores (caos esse que já existia). Por quê? Numa sociedade tão moderna e cada vez mais preparada, cheia de recursos e mentes geniais, por que ninguém estava preparado para os “fins” que ela trouxe?

Estudiosos, líderes de vários setores, religiosos, cientistas, entre outros especialistas em assuntos passados, atuais e futuros, há tempos anunciam os diversos “fins” em seus muitos aspectos e, ainda assim, insisto, o mundo foi pego desprevenido?

E aqui não estou desmerecendo o fim que cada um anunciou e nem colocando em questão a veracidade (pois para isso seria necessário um estudo amplo), mas sim, alertando-nos como realmente não damos a devida atenção a esse assunto.

Digo isso porque gosto do fim? Não. Tenho tentado aprender com ele (de forma pacífica ou em pé de guerra) a cada etapa que nos encontramos. E nesses encontros, ainda nos falta muita sincronização. Só não o vejo com os mesmos olhos de antes. Pelo menos não em alguns setores da vida.

Então agora você, Cíntia, culpa seus pais e aqueles que a instruíram por não terem lhe ensinado a fazer menos besteiras na vida? Ou será que você está tentando encontrar culpados pelo que não deu certo para justificar “seus fins”?

A resposta é muito simples: NEM QUE EU QUISESSE.

Nem se eu quisesse poderia achar responsáveis que não fossem minhas próprias escolhas ou a falta delas (ainda que com alguns imprevistos e interferências), que resultaram em alguns sonhos não alcançados, projetos não finalizados e até términos de relacionamentos, sejam amorosos ou de amizades. E mesmo que situações imprevisíveis ou determinadas pessoas tenham influenciado direta ou indiretamente para alguns pontos finais, não estou aqui para procurar culpados.

Ninguém poderia carregar a história de fim que me cabe. Porém, se todas as pessoas que contribuíram para a minha formação tivessem também aprendido a lidar com os bancos de reservas da vida e seus rascunhos, teriam a mente aberta para as demais hipóteses e probabilidades que não se limitassem a uma visão única de acertos e vitórias. Algumas delas seriam menos infelizes e mais corajosas para juntar os “cacos que se quebraram” e consertar o que fosse preciso, e isso refletiria no nosso aprendizado.

Por mais que a decisão seja acertada e o plano o mais promissor possível, nada impede que as coisas não tomem o rumo esperado. Não deveríamos viver carregando o peso da pressão de fazer tudo dar certo a todo tempo. Também não deveríamos impor esse peso à vida, como se ela sempre tivesse de nos permitir o desfecho que queremos. E muito menos cobrar tanto

das demais pessoas.

Devemos sim planejar, acreditar e nos esforçar para buscar resultados positivos, porque eles são mais possíveis do que imaginamos. Mas, em todo caso, se eles não acontecerem, precisamos entender: **ESTÁ TUDO BEM!** Isso pode não fazer parte do processo esperado, porém, com certeza, fará parte de um processo maior: a construção. E trará lições e frutos. Com fim ou sem fim, outras oportunidades e vivências virão.

Trarei um exemplo que pode ser considerado o mais banal e bobo possível, só que gostaria de ser uma mosca para voar até aí e ver a sua expressão com a resposta: como reagimos com o fim do filme, desenho, série ou novela? Quais as reações quando eles terminam da maneira que gostaríamos e com o final tão sonhado, ou quando terminam de uma maneira que contraria nossas expectativas?

Isso exemplifica muito da sociedade e de nós, individualmente ou coletivamente. Dependendo desse fim: bombardeamos as redes sociais, dirigimo-nos a atores e autores com flores ou pedras (como se esses fossem os personagens). Assistimos de novo, mais umas sete vezes, ou ficamos irritados dizendo que não vamos assistir à continuação. Indignamo-nos, choramos, ficamos felizes e emocionados. Um turbilhão de emoções e reações.

Tudo por quê? A dificuldade em lidar com o fim. E se isso acontece com filmes, séries, desenhos e novelas, quem dirá o impacto que nossas etapas sofrem na vida real. Na vida real, em meio a tantos pontos finais, podemos até atingir o ápice do desespero dependendo do que se perdeu ou se findou. Só não

podemos perpetuar esse desespero como se não houvesse cura para ele.

Se as bananas estão começando a estragar, você pode jogá-las fora, como fez a vida toda, ou olhar por outro ângulo e, das bananas que pareciam perdidas, fazer um belo doce de banana.

Acredite, há bananas que estavam aguardando o fim para virar um doce. Algumas coisas precisavam acabar para nos levar a outro caminho, muitas vezes mais necessário do que o caminho inicial desenhado em nossa mente.

Quando algo não dá certo é possível:

- Ficarmos desapontados por toda dedicação, sofrer por algo que perdemos, desesperar pela dor, e sentir tudo isso prostrados diante da tristeza nos perdendo dentro dela;
- Ficarmos desapontados, sem chão e sofrendo, por tudo que perdemos ou por qualquer dor e frustração (o que é super normal), porém, sofrer caminhando. E mesmo sendo difícil, replanejar e continuar. Buscamos ajuda, e mesmo com as dores, quando nos sentirmos aptos a isso, iniciarmos um novo projeto, sentindo tristeza com paz e esperança em dias melhores.

E sempre se dar nova chance. Chance essa com as mesmas escolhas ou com escolhas diferentes.

A vida é feita dos que param e dos que tentam de novo, dos que paralisam na dor e dos que caminham com ela.

A pergunta é: em qual fim ou em quais fins eu parei? Em qual

fim você parou?

Será que a morte de alguém que amamos nos fez parar no fim trazido pela dor?

Será que os assédios, traumas, preconceitos, rejeições e bullyings vividos cercaram você numa muralha de impotência e dor?

Será que as dificuldades dos ataques sofridos nos fizeram só saber atacar, acabando com nossa capacidade de fazer diferente?

Será que a decepção do término de um relacionamento nos fez parar no fim da crença no amor?

Será que a frustração de um projeto fracassado nos fez parar no fim de tentar novos projetos?

Será que o sucesso e o dinheiro fizeram você parar no fim trazido pelo comodismo, onde você não ousa mais nem avança com descobertas e novidades?

O fato de alguma coisa não acontecer como esperávamos nos levou ao fim de continuar esperando ou iludidos?

Estamos condicionados àquilo que se passou, ao que perdemos, ao que terminou, às opiniões alheias, àquilo que não temos coragem de fazer, àquilo que não temos a paciência de esperar, àquilo que não temos a ousadia de decidir, ao que não temos força de mudar, ou talvez ao que não temos a fé de persistir?

A sensação de certas batalhas interiores e exteriores pode ser comparada a de viver um pesadelo. Só que, nesses casos, diferentemente dos pesadelos que ninguém controla quando está dormindo, esse nós podemos controlar em alguns

momentos. Podemos escolher continuar presos a ele ou transformá-lo em sonho bom. Assim, igualmente é perigosa a sensação de alguns sonhos trazidos pela segurança e pelo conforto. Pois podemos ficar presos a eles, enterrados vivos sem nem percebermos, acorrentados sem outras perspectivas, acomodados e estacionados, na ilusão de vivermos esses bons resultados para sempre.

E sendo sonho ou pesadelo, depende de nós identificar como encará-lo para que possamos dar um sentido proveitoso para tudo que vivemos e que não é vergonha alguma. O fim faz parte da existência, porque, de alguma forma, fim também pode ser vida.

“Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte” (Provérbios 14: 12).

Refleta:

Recomeço – A agulha no palheiro

Há aproximadamente 15 anos, por um momento, decidi me rebelar com os Céus. Mais precisamente com o Criador dele e seus soldados da ordem e do bem. Meu pai havia acabado de falecer de câncer no esôfago, de uma forma muito rápida e que pegou todos de surpresa. Ele era alcoólatra por mais de dez anos, e as doenças já deveriam ser um risco esperado. Não tinha surpresa nenhuma nisso. O que foi um golpe certo e que pegou todos de “bobeirinha”, como ele mesmo dizia, era que sempre esbanjou uma saúde invejável.

Tomava banhos gelados, tinha uma alimentação saudável, com exceção do álcool, e dificilmente ficava doente. Dá para contar nos dedos as vezes em que presenciei meu pai com algum problema de saúde, como gripe ou algo parecido.

Ele ainda costumava brincar que era mais saudável com suas cachaças do que nós que não bebíamos (a não ser muito socialmente), principalmente eu e minha mãe, que havíamos acabado de nos converter ao cristianismo.

Infelizmente não estava tão saudável quanto parecia. Certo dia num churrasco de futebol nas várzeas da vida, ele foi comer um pedaço de carne e sentiu travando na garganta. Chegando

em casa, com aquele olhar distante, minha mãe resolveu levá-lo à clínica do bairro. Apesar de tentar se mostrar forte, seu semblante dizia tudo.

O médico, ao fazer um ultrassom e perceber o estado gravíssimo em que ele se encontrava, orientou minha mãe a levá-lo dali mesmo com urgência para um hospital que teria mais recursos.

No hospital, a notícia de câncer no esôfago e de que precisaria ficar internado para mais exames foi como um gol contra. Gol contra que ele costumava fazer, pois era péssimo no futebol. Sim. Aquela sensação que traz a agonia de que provavelmente seu time vai perder. Num único chute, vimos o adversário balançar a rede bem na nossa frente, na maneira com a qual lidamos com o alcoolismo, na maneira que exercemos a fé (e que achamos que era fé), na estrutura familiar que não estava preparada para isso, no emocional, sentimental e psicológico. O gol que acertou diversos travessões.

Poucos dias internado descobrimos que era metástase. Os médicos disseram que era inútil tentar qualquer tratamento.

Na igreja ouvíamos: “A cura vai chegar”. Para mim era a resposta que queria: a cura da carne e a restauração da saúde que estavam chegando. Apoiei-me nisso como sendo a única resposta que aceitava de Deus e o único fim que permitia acreditar.

Quando chegou o trigésimo terceiro dia de internação, os médicos nos alertaram que as dores que tinham começado iriam aumentar de forma terrível. Então, a equipe médica responsável decidiu sedá-lo, para amenizar o sofrimento.

Chegando na visita, vi meu pai sedado e ainda assim gemendo. Lembrei-me, numa fração de segundos, que poderia existir outro desfecho que não fosse o esperado pelo meu coração. Então me aproximei do leito e, acariciando sua careca, falei no meu interior com Deus: “Se for da Tua Vontade, cure, mas se não for, livre da dor”. Chamei a minha avó para irmos embora. Nós duas tínhamos mais dificuldades emocionais para lidar com tudo isso de forma equilibrada. Deixei minha irmã caçula e minha mãe que eram mais tranquilas mentalmente para pernoitar com ele.

Quando viramos as costas, cerca de uns quinze minutos, ele começou a falhar a respiração. As duas correram para chamar a enfermeira, que disse “vocês precisam deixar ele ir”. Minha mãe conta que elas começaram a clamar a Deus que fizesse o que fosse melhor e, em seguida, ele faleceu nos braços delas.

Eu ainda deveria estar no portão do hospital com minha avó e não sabia qual notícia me aguardava. O cenário alertava qual era o desfecho mais provável. A família deveria estar preparada para essa dor, mas não estávamos. A sensação era literalmente de perder o chão.

Sabe o que foi mais engraçado nisso tudo? Sim, acredite, uma verdadeira piada de terror. É que pelo fato de meu pai ser alcoólatra por anos e gerar muitos problemas devido ao vício, na hora da raiva, das mágoas, das vergonhas, das discussões e dos diversos sentimentos negativos que também de certa forma adoecem a família de um viciado, sempre pensei que seria um alívio o dia que ele morresse. Seria o fim dos nossos problemas, o fim da dor, o fim da vergonha, o fim do sofrimento da minha

mãe e de todos.

Porém, esse pensamento egoísta para alguns e compreensível para outros foi um verdadeiro truque de ilusão. Não tinha noção do que representaria a ausência dele e o quanto o amava, mesmo com suas fraquezas, até porque mesmo com seus erros, ele era um pai e marido amoroso, atencioso e divertido (com suas falhas e bravezas, mas amoroso). Estávamos despreparados emocionalmente e financeiramente, como não estávamos prontos nem de corpo, nem de alma, nem de mente.

Só nos preparamos para tudo dar certo, e não para o fim físico dele em nossas vidas.

O vazio, a saudade, o desespero de não vê-lo novamente e de não termos aproveitado para falar tudo o que gostaríamos de ter dito pareciam um castigo sem fim. O susto de não termos nos programado para que ele pudesse ter deixado algo material para minha mãe, e a decepção de muitas coisas que não fizemos diferente (nem ele, nem nós) e não dava mais tempo de arrumar. Veio tudo de uma vez, com mil pensamentos perdidos e emoções variadas nos dando uma rasteira.

E, então, demos conta que dentro dessas frustrações, estava também o desconsolo do que esperávamos dele e não contemplamos. Pensávamos: “custava ele ter parado de beber quando pedíamos?”. Percebemos que talvez estivéssemos cobrando mais do que ele poderia entregar. Chegara o fim que se esperava com a confirmação do que não se aceitava.

Bem é verdade que o fator preparação não iria nos privar da dor, mas certo é que iria nos organizar e dar alicerce para o que teríamos que sentir e enfrentar. Lembro que, no fim do

sepultamento, meu irmão que sempre foi muito calmo nas situações, e estava forte até então (apesar dos pesares), foi se despedir do pastor e ouviu a frase que desestabilizou toda sua estrutura: “agora você é o homem da família, trate de cuidar da sua mãe e das suas irmãs”. Ele começou a soluçar copiosamente, mais do que toda a noite de velório, como se tivesse tomado um choque, uma descarga elétrica de sentimentos que o apresentaram para a porta do “E agora? Não estava preparado para isso”. Afinal, quem está?

Ninguém se prepara para morrer, para perder o pai, para perder o marido, para perder a esposa, para perder filho e filha, para perder a mãe, para perder irmãos, para perder amigos, para perder seja quem for que se ama. Trinta e três dias de internação e só fui pensar na possibilidade de morte no dia da morte. Percebi que aquele sentimento ruim que brotava com o ódio pelo alcoolismo sempre foi da boca para fora. Jamais imaginamos “ele pode morrer de verdade”, ou “ele está se matando aos poucos”, e “o que fazer se isso acontecer de verdade”.

E nessa de não saber o que fazer, fiz o que foi mais fácil: me revoltei com Deus. Porque me revoltar com Deus não me levaria a pensar, refletir, enfrentar a dor, solucionar problemas, e tampouco aceitar o que não queria aceitar. Sim, isso foi mais prático no momento.

Se a vida toda, ou pelo menos parte dela, tivesse me organizando mentalmente para buscar ajuda nas horas de desespero, procurar terapias adequadas além da busca espiritual, a pedir socorro nas horas da dor, a planejar saídas e

novos rumos em situações inesperadas, e principalmente, a enfrentar, eu sofreria sim. Minha família sofreria também. Mas não estaria tudo tão obscuro.

Aquelas frases “fica calma, vai dar tudo certo, agora vocês precisam caminhar e enfrentar, supere, blá blá blá”. Ok, eu sei. São frases de quem está tentando ajudar e de quem quer o bem. Só que sinceramente, nesse momento não ajudam em nada. Às vezes estamos tão anestesiados, que mal conseguimos ouvir. Agora, desenvolver em algum momento da vida essa linha de raciocínio, construindo a si mesmo dentro dessa verdade, preparando-se interiormente para isso, fazendo parte da formação da sua mente e da sua vida, ajudaria para que esses conselhos fossem uma voz mais conhecida, com mais sentido, mais fácil de absorver nas horas necessárias e mais fácil de colocar em prática no dia da perda. Iria doer, porém, evitaria o tsunami do desespero interior e a cegueira imediata que a dor traz consigo.

No aprendizado superficial de ser humano que recebemos, recomeçar numa hora dessas é como procurar a chave da saída amarrada na agulha lançada ao palheiro. Você olha, olha, pensa, pensa, e não consegue enxergar nada. Não vê nenhum caminho, nenhum apoio, nada que conforte, nada que inspire, até que mais uma vez se vê doente na mente, na alma e nas emoções.

Buscamos, então, diversos subterfúgios como solução na tentativa de resolver o que não será resolvido dessa forma, e que trará mais problemas provavelmente. Será que precisaríamos ficar tão doentes assim diante de tudo?

No que você estiver passando, espero de coração que possa ter

um resultado positivo. O fato de se preparar para o pior não quer dizer que o pior acontecerá. Até porque ao se preparar, sempre irá transformar o pior em força e encorajamento para tentar um recomeço.

Não aconteceu como eu queria. Aconteceu como deveria acontecer. Ele realmente alcançou a cura anunciada na igreja, mas não da carne e nem aqui. Tudo depende de como cada um interpreta e acredita.

Prefiro acreditar dessa forma. Trouxe mais paz do que perseguir para sempre uma resposta que nunca teria. E do que brigar dia após dia numa luta em vão com Deus. Em vão porque não o traria de volta.

Dias antes de morrer, ele disse que não tinha mais medo. Acalmou-se porque começou a ver uma luz muito forte. A alma, antes abatida e perturbada, entregue aos vícios, agora tinha paz. Não foi a cura que eu esperava, e sim a cura que ele conseguiu alcançar e que o esperava.

E triste ou não, esse fim de jornada na vida dele, para nós, foi um final amargo, mas para ele talvez tenha sido o alcance da paz como há anos não experimentava. Pois é. Até o fim tem seus vários ângulos.

Revoltar com Deus não ajudou muita coisa. Tempos depois, fui forçada pela vida a enfrentar as consequências de escolhas pós-traumáticas desse fim e de muitos outros, concordando ou não, e a encarar cenários de muitas lutas e dor por agir com a mente em desequilíbrio e por conta própria.

Sim. Chega um momento em que, não importando mais quem você culpe ou o que você justifique, precisa decidir o que

vai fazer dali em diante.

“E terás confiança, porque haverá esperança; olharás em volta e repousarás seguro” (Jó 11: 18).

Refleta:

O fim bumerangue

Sabe aquela criança na mesa do bolo de aniversário? Aquela que a mãe ordena: “não ponha a mão na mesa até que se libere os docinhos, e não vá encostar no bolo!”? Então, a criança olha ao redor como se fosse um foragido procurado em três países e, em meio à multidão, com medo de ser descoberta, sutilmente se aproxima da mesa. Começa uma luta interior entre a voz da razão que diz “sua mãe disse para não encostar” e a voz da emoção, que tem uma leve tendência a ser ousada, e que sussurra “você vai perder essa oportunidade? Vale a pena experimentar”. Uma voz diz na mente da criança “tome muito cuidado”, enquanto a outra diz sem vergonha alguma “você só vai saber se tentar. Experimente!”.

Sentimos que algumas situações já nascem com prazo de validade. É difícil de explicar, mas, lá no fundo, você sente “isso não vai dar certo ou não vai ter um futuro promissor”. E, ainda assim, é curioso. Insistimos em ousar e começar. Sim, como a criança que sabe que será pega pela mãe, só que ainda assim vai pegar os docinhos. E quando termina de um jeito desagradável, insistimos em ficar decepcionados por algo que sabíamos que não daria certo.

Como pode isso, sofrermos por algo que esperávamos, e nos surpreender por algo que já prevíamos? Interessante, não é

mesmo? Ou não. Interrogamos: “Terminou?” Em seguida exclamamos: “Que coisa! Não acredito!” Só que, lá no fundo, o coração diz “Até que durou muito. Como durou tanto tempo?”

De que maneira conseguimos sofrer e demonstrar desapontamento com um resultado que esperávamos? Quando penso nisso não sei se dou risada ou se choro. Isso retrata a nossa imensa capacidade de manipular uma emoção, na qual vamos mergulhar, até dentro de outra emoção. Cavamos camadas tão profundas em diferentes sentimentos que chega um ponto que nem sabemos mais em qual camada estamos apoiados.

Foi assim quando aprendi amargamente a lição do “fim bumerangue”.

Sempre carreguei comigo a teoria da sementeira e da colheita. Não no tempo oportuno de Deus e nem no fluxo natural da vida, e sim no meu tempo oportuno, como se tivesse um crédito depositado por boas ações a ser barganhado sempre que solicitado. Eu sei, muito errado. O fato de fazermos o bem esperando algo em troca anula o verdadeiro sentido e significado do bem. Porém, na maioria das vezes, muitos de nós agimos nessa linha de pensamento: eu faço o bem e o bem espero receber.

Crenças e religiões podem não concordar com algumas coisas entre si, porém, nisso concordam: aqui se faz, aqui se paga. Quem planta coisas boas colherá coisas boas. E isso também norteia o que acredito. Eu só havia me esquecido de um detalhe: essa colheita nem sempre vem como esperamos ou na hora que queremos, o que não significa que deixaremos de colher um dia.

Tempos depois da morte do meu pai, quando eu ainda estava de mal com Deus, fiquei afastada de tudo e de todos. Já não queria conselhos, e nem tinha paciência com amizades. Nem dos cultos da igreja participava mais como antes. Foi quando, depois de muita insistência da minha mãe, fui participar de uma cerimônia religiosa onde conheci o pai biológico da minha filha mais velha, meu ex-marido.

E lá estava ele, muito divertido, atencioso e com um histórico de vida sofrido – daqueles que você ouve e tem vontade de colocar no colo e acariciar as feridas. Ele havia enfrentado problemas com drogas, mas dizia que estava tentando se aprumar na vida. Ah, o cenário perfeito para uma pessoa que estava sem estrutura para ela mesma (psicológica e espiritual). E como não conseguia arrumar um sentido para a minha vida e nem um objetivo a seguir, encontrei nisso o sentido que me faltava: o de querer bancar a heroína para arrumar a vida de outra pessoa (e que não pediu que arrumasse sua vida), mesmo não conseguindo arrumar a minha.

Porque às vezes o ser humano tem disso. Um sentimento maternalista ou paternalista, querendo se aproximar dos problemas dos outros para resolvê-los, sendo que não consegue resolver seus próprios problemas. Achamos que podemos esculpir a vida das pessoas, quando na verdade mal esculpimos as nossas como gostaríamos.

Meu lado racional nessa hora estava de férias por tempo indeterminado. Em nenhum momento ele tentou me alertar “Ei, Cíntia, ninguém arruma ninguém. E se essa pessoa não aprendeu a ter amor-próprio, o que te faz pensar que te amaria?”

Não se meta nisso, ninguém pediu para você arrumar nada!”.

Viu só. Hoje o meu lado racional descreve isso com muita facilidade. Porém, naquela época não.

O que era previsível aconteceu: ele foi preso, dando início ao meu filme de “drama”. Chorei indignada por um mundo tão injusto e desigual que levava o pobre e oprimido a esses resultados, e esquecendo-me de que mesmo em cenários mais difíceis, sempre há uma escolha.

Apoiada somente naquilo que queria enxergar, como costumamos fazer, resolvi mandar cartas ao presídio e, como consequência, visitá-lo. Começou, então, meu filme de “romance”. Após poucos anos de prisão, quando ele obteve a liberdade condicional, nos casamos. Eu estava com nossa filha nos braços aguardando por esse dia. E deu início ao filme de terror.

Que o ser humano pode sempre ser transformado, disso não tenho dúvidas. Que cada caso é um caso, pode ter certeza que sim. Só que sendo transformado ou não, isso sempre depende das escolhas de cada um, e não das demais pessoas, ainda que a intenção tenha sido boa. Por isso, pergunto: convém apoiar seus sonhos e projetos em terceiros? Convém construir sua vida com base no que você espera da outra pessoa? É correto colocar Deus ou religiões contra a parede, como se tivessem obrigação de cumprir o que pedimos e escolhemos?

Naquele impulso que mistura perigo e paixão, mergulhei de cabeça e abracei os perigos de agir com a mente e o coração confusos. Nada justifica abusos e violências, só que também tive o direito de escolha.

E nesse despreparo emocional no qual eu me encontrava, decidi dar o sangue e a vida por essa relação. Deixei de lado meus sonhos, desejos, anseios e projetos. Passei por cima de conselhos e me dediquei na certeza de que a outra pessoa fosse retribuir tudo que depusitei em afeto. Além do fato de ter sido pressionada por alguns dogmas criados por pessoas que acreditam que há uma “certa obrigação religiosa” em suportar “algumas infelicidades” ou “relacionamentos abusivos”. Foi quando o fim bumerangue apareceu.

É. Você joga o bumerangue e, nessa viagem, você coloca um pouco ou muito do que você tem de melhor, na expectativa de que, quando o bumerangue voltar, trará no mínimo um pouco ou muito de tudo de melhor que outra pessoa tem a oferecer.

Não imaginei que muitos bumerangues poderiam voltar vazios ou cheios de tudo o contrário do que você esperava. Eu não estava pronta para não colher na minha hora prevista os frutos das minhas “supostas boas obras”.

O conto de fadas estava só na minha cabeça. A violência doméstica, os maus tratos, a ruína financeira, os empréstimos que tive que fazer para sustentar a família, a solidão, a vergonha e a frustração brotavam, enquanto meu ex-marido gastava tudo em suas fraquezas e vícios.

O choro da nossa filha pequena, o fato de ter perdido todos os meus pertences e bens para suas dívidas, o divórcio, a perda do amor e a perda da autoestima, o fim no fim, tudo isso me fez olhar no espelho e ver uma fracassada. Jamais ver uma mulher forte que enfrentou o que muita gente não enfrentaria, ou uma pessoa experiente e corajosa que deu tudo de si e, por isso,

estaria sempre pronta para começar e recomeçar quando fosse necessário.

Nas dificuldades e vales podemos amadurecer e superar. Quisera eu ter percebido mais cedo que, mesmo nas escolhas “aparentemente erradas”, se é que isso existe, mesmo quando tudo parece perdido, ainda assim há um recomeço. E quando percebi, quisera eu ter me lembrado sempre que foi preciso.

Lembrado e enxergado que dentro de nós tem muito mais do que pensamos. Há coisas boas, há fé, e principalmente, há uma natureza transformadora, que pode usar tudo que foi negativo, sofrimento, queda, dor e ruína como mola e estímulo para saltarmos do buraco psicológico no qual, de tempos em tempos, entramos.

A realidade foi diferente: profundo abalo emocional. Ao invés de sofrer e levantar, recebi o peso da condenação, minha e de outros, associada à minha dor naquele momento. É incrível como a fé, o amor-próprio e a atitude são chaves importantes para nos desprender de qualquer opressão e sofrimento. Mas sem ajuda e sozinhos, fica difícil encontrar esse caminho.

Não. Não estou dizendo que tudo isso foi legal e bonito para carregar como troféu de aprendizado e superação. Nenhuma dor é bonita. Como também não estou insinuando que sou santa ou vitimizando. Pelo contrário. Como todo ser humano, tive minhas parcelas de falhas, de imaturidade, de fraquezas, de escolhas erradas e de comportamentos equivocados.

Só que a conclusão é que por muito tempo fiquei olhando para tudo o que perdi e para aquilo que não me retribuíram. Ou me vi, mesmo sofrendo maus tratos, como culpada, incapaz e

impotente, assumindo uma culpa que não me cabia.

Prendi a mim mesma ao que não alcancei, ao que não foi como esperava, ao que não recebi em troca, ao que deu errado, ao que não fui capaz, ao invés de sofrer olhando para frente, para o que queria, para o que iria buscar, para a reconstrução, para novos horizontes. Poderia até ter olhado mais para o rosto da minha linda filha, que foi um verdadeiro presente de Deus, e teria percebido que nem tudo estava tão perdido.

Como disse anteriormente, depende muito do ângulo que se vê. Por um bom tempo esqueci de notar que, mesmo com tudo isso, ainda estava de pé. Não olhei para os cuidados de Deus que, em meio a tantos perigos, riscos e ameaças que sofremos, ainda assim, não permitiu que tivesse acontecido algo pior. Vesti a “camisa” de culpada e fraca que muitos me impuseram, mesmo sendo vítima e forte.

Nesse contexto violento e de desvalorização, no qual minha vida e a vida da minha filha sofriam constantes ameaças, se eu olhasse direito, iria ver muitos motivos bons para lutar, ser liberta e me reerguer. Só que, acredite, tempos depois, ainda olhava pela janela com a esperança de que o “bumerangue” pudesse me surpreender e me dar nova chance para “consertar” tudo. Por que queremos consertar o que não depende de nós, o que não foi nós que quebramos ou o que não merece conserto?

Alguns diziam que era pelo sentimento, mas hoje vejo que não. Era pela dificuldade em encarar o fim e o que ele exigia de mim nessa nova realidade. Fiquei estacionada nesse pensamento como sendo minha única maneira de reverter as coisas. Era mais fácil imaginar que tudo iria melhorar com o

passado voltando no bumerangue, do que enfrentar o fim desse ciclo, suas consequências e novas decisões que eu teria de tomar.

Você já se viu refém de bumerangues (histórias, pessoas, sentimentos e situações) só por se apoiar naquilo que não deu certo (e que você ainda espera que dê), ao invés de enfrentar o presente que exige coragem, despertar, amor-próprio e mudanças?

E lá ficamos, na “janela”, esperando e esperando esse bumerangue que nunca vai chegar. Pelo menos não como gostaríamos.

Certas vezes, o bumerangue se torna uma desculpa para as janelas das falsas esperanças, que nos impedem de olhar a porta da saída. É mais fácil debruçar e fingir que acreditamos, do que decidirmos levantar e caminhar para a porta necessária. No meu caso, tive de encarar o fato de que nunca aquilo iria trazer as coisas que esperava. E que para alcançar alguns objetivos e sonhos, o último lugar que eu deveria estar era nessa “janela”. Lá, seria impossível batalhar pelo meu projeto de vida.

Se você se vê ou se viu nessa mesma situação de constante espera, reflita no que quer para a sua vida. Conforme seus sonhos e planos, pode ser que também perceba que eles nunca se cumprirão se a janela continuar sendo o seu lugar.

Essa dor serviu para algo: me aproximou mais de Deus novamente e de mim mesma. E nesse “fim” que havia chegado para minha vida contra a vontade, foi na igreja que fui aos poucos entendendo que nem todo fim vem para o mal, que nem todo fim é o beco sem saída, e que o próprio Deus é o Deus do

recomeço, do renovo, de novidade, da misericórdia, da compreensão. Também aprendi que enquanto muitos me condenavam até na minha religião, queriam me algemar no sofrimento e manipular minhas escolhas, Deus me ensinava a experimentar a liberdade do seu amor e a chance de recomeçar.

Fechei as janelas que esperavam o bumerangue, respirei fundo, olhei para a porta e caminhei.

E para aqueles que não se apegam à fé, nem a Deus ou a nenhum tipo de religiosidade e espiritualidade, encontrar-se e se redescobrir é um bom caminho. Pois até com fé é importante a ajuda profissional. Faça valer a pena esse reposicionamento, das janelas das falsas esperanças para as saídas das preparações que aguardam sua vida. Mas, principalmente, não se condenar. Valorize-se. Sim. Há muitos caminhos aguardando somente nossas decisões para nos alcançarem ou os alcançarmos.

“...Porque quando estou fraco então sou forte”

(II Coríntios 12: 10).

Refleta:

Não precisam saber. O fim é meu e de mais ninguém!

Eu saberia muito bem e, modéstias à parte, de forma invejável, responder a provas orais, questionários, debates, diálogos, desde que o assunto estivesse no meu campo de conhecimento. Sempre tive facilidade, na juventude, de ser a oradora da classe, ou aquela que iria dar a cara a tapa e apresentar o trabalho da turma na frente de toda a sala. Bastava ler o assunto e bingo! Podia vir a pergunta que fosse, saberia responder, ou ao menos fingir que sabia, e dar aquela famosa “enrolada” para satisfazer aos ouvintes.

Pena que nem sempre é assim tão simples, e nem tudo se resume a aprender, decorar, entender e responder. Consigo trazer à memória a lembrança de meus pais me ensinando que quanto maior o conhecimento, melhor o resultado de testes e provas. Mas existem testes, questionamentos, perguntas, indagações que são uma verdadeira tormenta. São fantasmas que nos perseguem por todos os lados, principalmente quando você mais evita.

Está preparado ou preparada? Talvez você já o conheça. E se ainda não o conhece, saiba que a qualquer momento da vida ele

vai se apresentar. Vai aparecer no dia mais inoportuno e, certamente, quando o fim de alguma coisa chegar: “O Fantasma do Quer Saber”.

Sempre fugi dos encontros que me trouxessem o risco de me deparar com esse fantasma e, ainda assim, ele dava seu jeito de aparecer. Como aquelas reuniões da turma de ex-alunos da escola, alguns eventos de trabalho que você precisa ir sem vontade, ou até aquelas festas da família em que você sabe que encontrará um parente que dará lugar para o fantasma que há tantos anos assombra você. O fantasma das perguntas:

— E, você, tem contato com o pai biológico da sua filha?

Sabendo que você não quer lembrar do passado.

— Ainda está solteira?

Sabendo que está.

— Não pensa em exercer a profissão que fez faculdade?

Sabendo que você trabalha em outra área e que não conseguiu seguir a carreira da faculdade.

— Comprou sua casa própria?

Sabendo que mora de aluguel.

— Está gostando dessa festa?

Sabendo que você é a única negra da festa em que, todos, só tem olhos para suas amigas brancas que a convidaram.

— Como está seu atual casamento?

Sabendo que a última coisa que você quer é que façam comparações.

— Notou como engordei?

Sabendo que você está, no mínimo, 25 quilos a mais do que a pessoa que está perguntando.

— E seus irmãos, como estão?

Sabendo que você odeia comparativos familiares.

— Quando será promovida?

Sabendo que você exerce a mesma função há anos.

— Quando vai se casar?

Sabendo que você nem namora ou que começou a namorar há cinco meses.

— E você passou na entrevista de emprego?

Sabendo que já fez várias entrevistas e que essa ansiedade é constrangedora.

— Superou a morte do seu pai?

Sabendo que sempre que você fala dele, você chora.

— E aí, qual seu próximo projeto?

Sabendo que você odeia expor para os outros seus planos e rascunhos.

— E aquela sua amiga? Nunca mais a vi.

Sabendo que vocês brigaram.

São tantos “QUER SABER” a respeito de todas as nossas fases e etapas vivenciadas, sobre passado, presente, futuro, de dias que recordamos a dias que queremos esquecer. Perguntas sobre as mais diferentes áreas, tais como financeira, sentimental, familiar, profissional, pessoal, como se nossa história fosse uma série para ser “maratonada”. Questionamentos sobre momentos bons e ruins que só dizem respeito a nós, e que são sugados pela

curiosidade alheia a tal ponto de serem quase tirados à força de dentro de nós.

Não sei você, porém, isso me incomoda muito. Não deveria, mas incomoda. E foi assim, sentindo essa perturbação e esse desespero em ter que expor minha vida, que descobri a dificuldade que tenho de aceitar alguns fins e principalmente, ter que confessá-los para os outros.

O que deveria ser comum, pois tanto eu, quanto você – ou como as pessoas que nos perguntam – deveríamos estar acostumados que nem tudo são flores. O fim existe, está logo aí para todos, em alguma parte da vida. Pela deficiência da sociedade em não nos preparar para isso – lembrando que a sociedade somos nós–, o que deveria ser normal se torna um verdadeiro monstro, um “atestado de fracasso” que queremos esconder debaixo daquele tapete da avó que ninguém levanta. Assim como o terror de querermos mostrar para os outros que temos todas as respostas, que todos os projetos estão um sucesso, quando na verdade não temos noção do que fazer da vida. Qual o problema se por um tempo estivermos sem respostas? E qual a necessidade de querermos mostrar para as pessoas somente nossas vitórias? Por que tanto assombro com nossa jornada?

Isso não deveria ser motivo de constrangimento ou de obrigação, expormos ou nos importarmos com a opinião alheia de algo que só diz respeito a nós. Só que carregamos essa cultura de buscar ser aceitos, onde não podemos falhar, não podemos estar abaixo do outro no que se compete ao acúmulo de vitórias, não podemos deixar de terminar as coisas, ou temos que

alcançar a perfeição em todos os resultados.

Aliás, não sei nem o que é pior, a curiosidade popular ou a nossa covardia em contar nossa história. Sim, porque tudo que compõe a nossa trajetória faz parte da nossa vida, e independentemente do resultado, deveria ser motivo de honra, de orgulho, de aprendizado, de renovação, de esperança, de um novo sonho, de um novo projeto, de coragem, e não motivo de vergonha.

Agora, se foi algo muito grave, deveria ser um constrangimento nosso, não do outro. Por que o outro tem vergonha do que nos diz respeito? Ou por que nós temos vergonha do que diz respeito ao outro?

Se o fim foi nosso, por que se abalam os pais, os parentes, familiares, amigos, vizinhos? É uma etapa de evolução no processo da nossa caminhada. E o que deveria ser motivo de encorajamento, muitas vezes, torna-se um peso a mais para carregarmos em cima do peso da nossa própria frustração ou consciência.

E por que nos abalamos com o fim que compete à vida do outro? Nosso pesar torna mais pesar o que a pessoa está sentindo com o fim que chegou na sua vida. Até porque, uma coisa é se expor por vontade, outra coisa é ter a pressão de responder às muitas perguntas e ainda passar pelo crivo dos julgamentos.

O que percebo é que todos sofrem tanto, com seus fins e com os fins de terceiros, pela dificuldade de percepção do que se pode aprender e do que o fim representa. Deixamos rapidamente de ser otimistas com a nossa vida ou com a vida de alguém, porque

aprendemos que temos que começar e não recomeçar. Somos estimulados a ver tudo como dor e derrota permanentes. Perder, mudar, parar e retroceder não se encaixam no padrão do que nos foi ensinado a querer e a aceitar.

Eu vou bater muito nessa tecla do “recomeço”, porque ficamos muito alienados a tudo que está ao redor, às situações, ao que se perdeu, ao que se acabou, ao que se queria, e com isso não enxergamos a capacidade de projeção, de reorganização, de rompimento de barreiras, de descobertas, de levantar, de acreditar, de fazer de novo, de aprimorar, de crer, de mudar, de reconstruir e de curar.

E você pensa que isso acontece somente ao fim inesperado? Não. Existem fins que também não são agradáveis, mas que não acontecem aleatórios à nossa vontade. São fins que nós executamos, na tentativa de alcançar algum resultado positivo no futuro. E mesmo esse fim que nós decidimos executar também é visto como absurdo, vergonha, fraqueza e equívoco.

Ainda que proveniente de escolhas boas ou más, esquecemos de que a vida é feita de ensinamentos, o que significa que faz parte dela errar, aprender e tentar de novo. Então, por que tantas condenações e julgamentos? A perfeição que exigimos ou que nos exigem é vivida por todos?

O segredo é deixar o ego de lado e ter orgulho de nossa história. É fácil? Lógico que não. Mas que tal vivermos nossas angústias e depois prosseguirmos? Existe uma receita para isso? Dia a dia vamos aprendendo uma diferente. Tenho algumas e você deve ter as suas. Porém, estou em constante busca de outras novas, pois não podemos limitar nossa visão e nem as

“receitas” da vida. E vale a pena lembrar que nem sempre as minhas receitas servem para você ou vice-versa, ainda que sirva de ensinamento.

Só que é possível sim aprender a se libertar dessa pressão de todos em nossa direção, nossa em direção a todos, e nossa para nós mesmos. Assim como a lidar com as cobranças.

Deixando de querer construir uma vida para as pessoas aplaudirem, não sofremos a vergonha, ainda que ela chegue. E se, mesmo assim, algo nos trouxer vergonha, não nos prostraremos nisso por conta das muitas opiniões.

Ao não nos debruçarmos na dor, nos fortalecemos para fazer o que precisamos e queremos. Estar livre da necessidade de aceitação e de agradar aos outros, isso ajuda a passar por cima de tudo. Passamos pelo que está exposto ou encoberto, pelo que foi aceito ou não, e de forma leve como bailarinas saltitantes ou de forma brusca como um trator, mas passamos.

Expor algo pessoal, seja positivo ou negativo, deve ser feito por vontade própria e não por pressão. Como algo que somente se deseja informar ou compartilhar, e não no intuito de obter vaias e aplausos. E se mesmo assim as vaias e aplausos vierem, que possam encontrar somente o vazio das próprias pessoas que nos assombram e condenam com suas curiosidades, e não nos encontrar no centro do palco “preocupados”. Até mesmo nossos desabafos são colocados para fora na maioria das vezes pela necessidade de sermos ouvidos e não sermos julgados.

Como os feedbacks e críticas, que são importantes para analisar e edificar o que temos feito, por exemplo, a respeito do nosso trabalho, ou na relação entre familiares e amigos. Aqui, já

se trata de um sentido diferente, como uma troca, algo construtivo, não como fofoca, nem como uma opressão para realizarmos o que esperam que realizemos.

Precisamos parar de querer satisfazer os ouvidos alheios. A ponto de entendermos que tudo que acertamos e erramos (se é que acertamos e erramos – o futuro dirá, e se é que aprendemos esses conceitos da forma adequada) faz parte das nossas tentativas e lições. Assim como aquilo que conquistamos ou fracassamos precisa ser considerado como ponte para algo produtivo e não para exibicionismo ou murmuração. Resumindo, não precisamos provar nada para ninguém, mas também não precisamos nos esconder de ninguém, gostem ou não, concordem ou não, aceitem ou não, satisfaça a todos ou não.

Não há motivo para ter soberba, porém também não há motivo para se envergonhar.

Não digo isso pensando que tanto eu quanto você devemos agir de qualquer jeito e mandar todos para Júpiter. Não é esse o intuito. O que verdadeiramente quero dizer é que devemos nos preocupar menos em fazer feio ou bonito, seja para quem for, e nos preocupar mais com aquilo que sentimos, acreditamos e com o que estamos fazendo das nossas vidas.

No meu caso, por exemplo, que sou cristã – e serve de exemplo para todas as crenças –, sinto ter recebido uma bagagem de experiências e lições na minha fé e religião. No entanto, acredito que isso tenha acontecido com alguma finalidade que dialogue comigo, e não com o que acreditam ou desejam.

Devemos ter mais carinho com nossa própria história de vida, ainda que ela tenha sido um belo quadro ou não tão belo assim. Seria mais saudável não responder a todas as perguntas e expectativas com a preocupação de sermos obrigados a isso, e nem com a preocupação de estarmos dando a resposta correta.

Precisamos tirar o pincel de nossas telas das mãos das pessoas. Aprendendo, assim, a sofrer menos a partir do momento que entendemos que tudo tem um certo limite. Nossa vida deve ser para nós, mesmo que alcance a muitos. Algum ponto de equilíbrio e de confiança deve ser encontrado primeiro em nós, para depois conseguir ser edificante para os que nos rodeiam ou para os que serão alcançados por ela.

Usando como exemplo dentro do que acredito, Jesus, ao meu ver, primeiro alcançou a fé e o conhecimento dentro Dele, para depois alcançar multidões. Muito se ressalta o quanto Ele viveu pelos outros e o quanto serviu aos oprimidos, porém, pouco que se fala que para isso Ele precisou primeiro se encontrar em Si mesmo, pois nem mesmo sua humildade O fez se prender às opiniões contrárias, nem buscar aceitação das pessoas, como muito menos ser manipulado ou influenciado pelo que desejavam que Ele fizesse ou deixasse de fazer. E recebendo pedradas ou aplausos, elogios ou perseguições, não se perdeu em meio a isso, e foi quem escolheu ser.

Ele aceitou sua trajetória, independentemente dos críticos, dos religiosos, dos opressores, dos julgadores e curiosos, e com seus pontos altos e baixos enquanto homem, continuou se apoiando naquilo que acreditava e que tinha como objetivo de vida, ainda que ninguém acreditasse. No respeito e tolerância

ultrapassou fronteiras, não aceitou imposições e não se impôs. Também não respondeu a todas as perguntas, e as que respondeu, não respondeu da maneira que muitos esperavam e queriam.

E é dentro disso que nos perdemos muitas vezes. As muitas opiniões passam a ser cruciais para nós e afetam nosso foco e objetivo. Se relacionar de forma saudável não significa viver o que é imposto ou cobrado, e nem aceitar tudo. Há muitas maneiras de fazer isso sem se tornar uma marionete. Quem consegue entender a dimensão disso passa do mesmo modo a não impor.

Porém, caso me pergunte se consegui aplicar isso por completo na minha vida, eu

lhe responderei: Quem me dera. Continuo tentando. Talvez continue tentando até o último dia de vida. Mas, se todo dia ou a cada tentativa, conseguir absorver melhor, e principalmente, praticar mais essa visão, já será uma grande vitória. Só o fato de não permanecer com os pensamentos estacionados ou cauterizados, traz muito otimismo.

Deixemos o outro respirar como almejamos respirar. Por vezes cobramos tantas explicações, satisfações, respostas e formas de vida, que achamos que o outro é obrigado a viver na dependência de nossas vaias e aplausos, ou pensando como pensamos.

Esse entendimento não é via de mão única. Deve ser de direito e por igual para nós e para o outro. E como estou tentando aplicar em minha vida, faço esse convite a você para que experimente aplicar na sua também. E quem sabe possamos

conquistar mais autoconfiança quando esse “fantasma do querer saber” não nos assustar mais.

“Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol,
e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito”
(Eclesiastes 1: 14).

Refleta:

O fim que tinha acabado de começar

Quando era criança e meus pais me acordavam para ir à escola, pensava “que jornada eterna”. Na minha mente os professores tinham vida infinita, pois cada aula parecia durar meio século. Ainda assim, apesar da preguiça que me seguia fiel escudeira de ano em ano, eu me alegrava em fazer novas descobertas e amizades. Ficava apegada muito facilmente aos professores e alunos. E com essa facilidade em me apegar, vinha acompanhada a dificuldade em desapegar.

Lembro-me que cada encerramento de ano chorava tanto que mais parecia um sepultamento escolar. Não conseguia enxergar o ano vivenciado com gratidão, pois o FIM DE CICLO representava, na minha mente, uma perda, e não o INÍCIO DE OUTRO CICLO.

Imaginava: “Nunca mais verei meus amigos; em pouco tempo ninguém nem lembrará meu nome e é certo que a próxima professora será uma bruxa”. Isso era o que eu construía na mente.

A questão é que ano após ano a professora era cada vez mais legal, os amigos novos cada vez mais divertidos, assim como os amigos antigos permaneciam mais amigos. Só que, mesmo

assim, lá vinha eu com meu velório estudantil “programado” novamente todo final de ano.

Pensa, então, que chegou um momento em que despertei desse drama inexistente e pessoal, que só habitava em minha mente insegura, e, por fim, melhorei?

Que nada! Na juventude, com as amigas parceiras de descobertas e aventuras, com os colegas de faculdade e de trabalho, nas muitas relações em todos os lugares, a todo tempo, tinha tudo para desfrutar de um cenário cheio de estímulos e de expectativas, de projetos e alegrias vindouras. E desfrutei. Mas, chegando ao término de cada fase, a “dependência emocional” se repetia.

Está aí uma lição que aprendi cedo: a insegurança. O SOFRIMENTO POR UM FUTURO QUE AINDA NEM TINHA ACONTECIDO, E A ILUSÃO DE ACHAR QUE A FELICIDADE DEPENDIA DE PESSOAS OU SITUAÇÕES. Engraçado que o mal que eu esperava acontecer com o medo do “novo” nunca veio. E o mal que eu não esperava, justamente esse, chegava como uma rasteira surpresa.

Você já experimentou aflição por algo que nem tinha acontecido? Vivenciou uma fase tão deliciosa que morria de medo que terminasse? Às vezes nos cobramos para fazer tudo tão perfeitamente certo somente para não correr o risco de afastarmos pessoas ou sermos excluídos por elas. Tentamos forçar situações ou relações só porque foram especiais.

Eu era a garota negra tentando espaço e querendo agradar os amigos para ser vista, procurando ser legal para ser notada, buscando ser engraçada para que ninguém percebesse meus

problemas familiares, e assim por diante.

A angústia constante pelo receio de perder me fez perder. A começar pela paz e autoconfiança. O medo de errar me levou a muitos erros. Acreditava que os afastamentos e separações, naturais ou não, eram acidentes de percurso e não etapas da vida. Pensava que as mudanças só podiam ser para o mal e nunca para o bem. Sim. Existem acidentes de percurso. Porém, acidentes ou não fazem parte das etapas da vida. Sendo assim, os medos de errar não podem ser tornar desesperos ou condenações, pois mesmo trazendo difíceis consequências, são com eles que aprendemos.

Nessa luta interna, por muitos anos atuei como um ímã para decisões impulsivas, não finalizando planos, não me declarando, não expondo sentimentos e ideias. Pela insegurança, cortava projetos e relações antes mesmo que comesçassem, pois assim não correria o risco de fracassar, de me decepcionar ou de decepcionar os outros. E nisso, eis aí minha decepção. Pois quem disse que o fracasso está somente naquilo que terminou mal? Há fracassos que estão no simples fato de nem terem começado ou no motivo pelo qual não concluímos algo. Buscava me sabotar para não sofrer a dependência que sentia.

Quem me via pensava “que jovem calorosa, espirituosa, extrovertida e corajosa!”. Mas, na verdade, era tudo um personagem de autodefesa. O que realmente precisava ser dito e tinha valor não dizia. Não me declarava para algum jovem que estava apaixonada, não expunha projetos que almejava realizar na escola e, assim, vivia sempre por trás das cortinas, menos no

palco da vida. Eu me posicionava diante de algumas questões conforme as pessoas queriam, para agradar, com medo de manchar a boa imagem de jovem extrovertida e amiga de todos.

Até que por fim algumas situações expuseram o que eu não queria ver, porque quando usamos máscaras demais, desaprendemos a agir quando as máscaras caem.

Presenciei amigas se declarando para rapazes que eu gostava e namorando eles em meu lugar. Vi colegas realizando tarefas que eu havia planejado, porém, não tive a coragem de executar. Vi problemas familiares se agravando por ninguém ter agido com a ousadia de freá-los. Perdi a oportunidade de cursos e promoções no trabalho por insegurança em não me sair bem. Joguei fora a chance de me divertir e de ser feliz em lugares, por me prender ao medo de não agradar aos demais ou não dançar direito. Saí com rapazes e tive relações sexuais sem ter vontade, só por me considerar inferior a eles, já que eram pessoas que tinham status diante de todos.

Muitas foram as máscaras para me posicionar do jeito mais fácil. Usei a máscara da rebeldia para não ter que assumir responsabilidades. Criei a imagem da garota negra briguenta para esconder que estava cansada de apanhar na alma, e de sofrer bullying ou desprezo. Eu me escondi na máscara do desinteresse para fingir que era minha decisão não tentar. Quando na verdade eu queria, queria muito, várias coisas, mas não queria o risco da vergonha de falhar, errar ou sofrer.

Isso não significa que devemos fazer tudo insequentemente. Não prego a ideologia do tente tudo e dane-se o resultado. Longe de mim esse pensamento. Mesmo

porque a realidade mostra constantemente que as coisas não são bem assim. Sempre é válido e lúcido planejar, concluir, alcançar, vencer, conquistar, persistir e tentar. É bom um planejamento que procure o sucesso de algo que almejamos.

O que percebo e me incomoda é que os processos e tipos de fim não são ensinados como verdadeiros, importantes e reais. E, pior, me incomoda mais ainda a maneira como somos feitos para ter medo de tudo, pressionados pelas cobranças sociais ou pela necessidade de sermos amados. É real e possível concluir, ganhar, vencer, amar e receber amor, ter sucesso e ser feliz, só que também é verdadeiro e normal acontecer o inverso. E precisamos lidar com todos esses fatores com mais equilíbrio.

Sim. Existe “fim” que faz parte do processo de conquista e amadurecimento, e nem sempre deve ser visto como algo mau ou fim do túnel.

Tem fim que nada mais é do que cura, do que ponte, injeção de ânimo, porta, libertação, novidade de vida, autoconhecimento, oportunidade, descoberta, superação, ensinamento e transformação.

Saiba que em todas as fases da vida as coisas podem não dar certo. Podemos receber um “sim” e um “não” que decepcionarão, um planejamento pode ir por água abaixo, um adeus de quem amamos pode surgir, um “chega pra lá” de alguma amizade pode nos encontrar, e outras muralhas podem aparecer do nada. Mas, mesmo tristes, confiemos que nada disso impede que outras vitórias, amizades, manifestações de amor, alegrias e bênçãos cheguem quando menos esperamos também, pois essas, da mesma forma, fazem parte da existência.

Valorize-se e tente não passar a vida buscando o valor dos que não valorizam você. Afaste as relações com pessoas tóxicas que não respeitam suas vivências e sentimentos. Chegando o bem ou o mal, o que alegra ou o que fere, de alguma forma, é preciso prosseguir com as dificuldades e com os sucessos, porque isso tudo é a vida.

Quisera ter entrado nas boates ou nas igrejas que deixei de entrar por medo de não estar com a roupa adequada. Quem me dera ter exposto minha opinião e o que sentia nas religiões das quais fiz parte (umbanda, candomblé, kardecismo, cristianismo), onde me calei por achar que só os outros tinham credibilidade. Antes não tivesse negado tantos passeios, festas, viagens, danças, reuniões, na covardia de não agradar as pessoas ou não saber me portar adequadamente, ou até por medo de que não fossem do meu agrado.

Deveria ter passado por cima dos complexos de inferioridades por ser negra e pobre num ambiente de pessoas brancas e de classes mais favorecidas, e ter me declarado para minhas paixões juvenis, mesmo que não desse em nada. Só pelo simples gostinho de ter feito. E com tantos trabalhos que participei, em orfanato, asilo, presídio, comunidade, manicômio, cracolândia, pudera eu ter falado tudo que minha alma gritava para ser dito. Covardemente me calei.

Quando penso de onde vêm tantas cobranças: da família, da sociedade, dos amigos que podem rir de você (e que também estão com medo, querendo aceitação), da religião ou de todos, questiono se realmente me ensinaram, ou se também me ensinei a ter medo de tudo. Pois falamos das pessoas que nos

influenciam, só que há momentos em que nós nos boicotamos.

E não trago essas questões como uma prisão ao passado, porém, como um lembrete libertador do que não quero para o hoje e para o amanhã, já que pessoas se habituaram a anular a si mesmas ou anular o outro. Há uma incredulidade no potencial que possuímos e que o outro possui, e que acredito muito ser DOM DE DEUS, para quem crê nisso, logicamente. Para quem não crê, só pense que possui da mesma forma, independentemente do que você imagina sobre a origem dessa capacidade de superação.

Esse poder que transforma desertos em rios, dor em força, perda em conquista, anulação em valorização, rejeição em autoestima, fim em começo, tristeza em alegria, creio que habita em nós, faz parte da nossa natureza, e não deveria assustar tanto. Mas eu sei, assusta. Eu me assusto da mesma forma. Só que um dia precisa deixar de assustar.

Acredito que Deus é o Alfa e o Ômega, e que faz morada em mim e em você. Então, preciso crer que habita dentro de cada um o início e o fim. Por que temo tanto meus finais? Também para quem enxerga Deus de outra forma, faço a mesma pergunta, por que você teme tanto? Se olhar ao redor, verá a natureza em constante transformação e superação e, em tudo, a morte e a vida, o começo e o fim, o recomeço, o sucesso e o fracasso, as mudanças, expostos em tudo, indicando que faz parte da criação de tudo e da criação humana. Por que somos brecados por tanta aflição em não saber lidar com algo que preexiste dentro de nós?

Que sejamos revestidos de coragem, pois inseguros ou não, o

que tiver que ser será. E o que tivermos de enfrentar nos encontrará.

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, que era, e que há de vir, O Todo Poderoso” (Apocalipse 1: 8).

Refleta:

O fim que paralisa

Certa vez trabalhei numa empresa onde sofri uma rasteira que tinha nome e rosto. O nome não convém citar, o rosto eu prefiro deixar no baú do esquecimento. Sabe aquelas pessoas que você já perdoou, mas sabe que elas não podem fazer parte do seu círculo de amizades? Essa relação trouxe grande confusão para minha vida (e dei abertura para isso), criando problemas no meu trabalho.

Já dei muitas cabeçadas, porém, foi difícil assumir cabeçadas alheias.

A questão é, por conta de um problema que a pessoa estava “supostamente” envolvida, sofri desconfianças no círculo profissional e de amizades, e fui expulsa do serviço pior do que um cachorro na churrascaria, pois caiu sobre mim a suspeita também, uma vez que nos relacionávamos.

Lembro-me da condenação das pessoas ao redor, que não tinham entendido direito o ocorrido (assim como eu), mas fizeram questão de julgar e atirar pedras.

E nessa tempestade emocional, Deus, me ajudou a ver a justiça e injustiça dessa situação. Porque damos espaço, brechas e oportunidades para algumas coisas ruins acontecerem. Em determinadas fraquezas ou falta de posicionamentos, o oportunismo ganha território. Em tudo tem uma lição. Há

sempre um dedinho de irresponsabilidade, ainda que muito sutil. Situações e pessoas podem ser injustas, porém, algumas contam com um “empurrãozinho” da desatenção ou do fato de querermos ser “bons” demais.

Com isso, depois desse “tsunami” sentimental e profissional que me engoliu por todos os lados, direta ou indiretamente, fiquei por três anos sem conseguir trabalho registrado em carteira.

Primeira lição dessa experiência: tem fim que não dá para esperar. Tem pessoas que de alguma forma contaminam nossa vida com tanta negatividade e influência ruim que, por mais que machuque, devemos cortar e pôr fim à relação. Doa o quanto doer, pois pode ter certeza, que há consequências que doem muito mais.

Tem decepção que traz o fim que paralisa todas as demais coisas. Paralisa sua fé, sua confiança, sua coragem, sua capacidade criativa, sua capacidade de relacionamento, de recomeço, de mente saudável, de positividade e de dignidade.

Eu disse que nem todo fim é maléfico, só que nem todo fim é bom (mesmo que ambos sejam reais). Tem fim tão venenoso e tão rápido, que se não estivermos bem estruturados, as consequências podem ser trágicas. Quando protelamos a decisão de colocar alguns pontos finais para nos proteger, o fim vem de outra forma trazendo paralisia, pega de surpresa e vai se espalhando por todos os lados, como o veneno de uma serpente. Ficar em cima do muro às vezes é pior do que escolher o “lado errado”, pois quem está do “lado errado” ao menos está preparado.

Ah, se soubéssemos entender os muitos sinais que a vida nos dá!

Temos por hábito reclamar de que a vida é amarga, cruel e injusta. Ok, às vezes até é mesmo. Só que nem todos lembram de mencionar quantas vezes a vida é generosa. Há momentos em que ela parece uma estranha desconhecida, porém, em outros momentos, é boa mãe, boa amiga, boa filha, boa madrasta e boa irmã, e fica tentando nos alertar, dar indícios e nos avisar para que não sofram. Só que fingimos que não estamos entendendo.

Pois é. A minha muitas vezes me avisou. E eu não quis ver. Por fechar os olhos, alguns males me deram o bote. Ainda assim, nesses sustos, veio o outro lado, o lado bom da vida. Ela mostrou que sabe bater, mas também sabe cair. E se sabe cair, sabe se levantar.

Podemos não aprender desde a infância como as coisas são perdidas pelo caminho. Podemos nem sempre ter aprendido na escola ou em casa. Só que sempre a vida é instrumento que se encarrega de nos ensinar a começar quantas vezes forem necessárias.

Como parte da paralisia, eu me vi com as mãos atadas. Entregava diversos currículos e mal era chamada para entrevista. E nas raras entrevistas, conseguia me sobressair, porém era barrada na documentação. Não tinha carta de referência.

Quando pensava em ir pessoalmente às empresas entregar mais currículos, só de imaginar a possibilidade do “não”, a vergonha de ter que voltar para casa e dizer “não deu certo”, me

bloqueava em casa mesmo. E eu continuava somente no processo de currículo a distância.

Dizem que quem não é visto não é lembrado. Isso! Era justamente esse meu desejo. Não ser lembrada. O trauma era tanto, que queria trabalhar, só que não queria passar de novo por humilhações, por testes, nem por decepções. Lá estava eu, sendo consumida pelo veneno do fim que tomava conta da minha mente.

E assim, nem com as palavras de esperança ouvidas na igreja ou pelas pessoas amadas, não conseguia me estimular. Nada me animava. Na minha ótica, Deus poderia abrir as portas para todo mundo, menos para mim. Não conseguia acreditar e estava totalmente consumida pela inércia.

Fazia alguns trabalhos informais em casa, só que não era o que queria. É engraçado dizer que “se quer” o objetivo, só que “não se quer” o processo para que o objetivo seja alcançado.

Já viu sua vida como em um telão e pensou que parecia a história de um filme? Eu sim. Se contar as situações que vivi, vão pensar que tirei de algum filme. O que para muitos é exagero, para outros, como eu, é pura realidade. Cada fim que não soube lidar, perdida, me fez chorar e dançar, lamentar e rir, brigar e amar, desacreditar acreditando.

Eu me encaixo perfeitamente naqueles encontros e desencontros, naquelas loucuras tristes e divertidas, nas alegrias carregadas de tristezas, nas indecisões e paralisias trazidas por algumas memoráveis películas.

Era exatamente assim que me sentia, com minhas lutas, amores e traumas, que facilmente poderiam se fazer passar por

um roteiro de cinema. Entretanto, as câmeras não estavam lá. Somente eu e a realidade com a qual eu não sabia lidar (ainda que pela fé acreditasse não estar totalmente só).

Nas “idas e vindas” do caminho, paramos no fracasso, paramos na desconfiança, paramos por causa de alguém, paramos na dor, paramos por sentimentos, paramos por exigir demais, paramos por ilusão, paramos por baixa autoestima, paramos na competição, paramos no ego, enfim, simplesmente paramos. E para piorar, não falamos e nem pedimos ajuda sobre essas dificuldades.

Entretanto, isso pode ser diferente. Nem todos são curiosos e tem gente disposta ajudar. E nesse contexto de insatisfação, há quem marche e, mesmo com as lágrimas, busque forças. Do mesmo modo que numa fração de segundos tudo se bagunça, numa fração de segundos tudo pode se ajeitar. Um ato simples pode mudar o cenário.

Três anos depois, certo dia, minha mãe chegou da casa de uma amiga dizendo que o filho dela havia participado de um processo seletivo numa grande instituição bancária e que essa seleção tinha se encerrado no dia anterior. Essa amiga deu a dica para que eu tentasse ligar e agendar uma entrevista, independentemente de ter terminado o prazo para inscrição.

Instituição Bancária, à época, o emprego dos sonhos no Brasil. Mas logo veio a paralisia do fim trazendo aquela voz pessimista: “encerrou ontem. Não adianta tentar. Nem vale a pena. Sabe quantos jovens participarão com currículos muito melhores que o seu? Como concorrer com eles? Além do mais você não tem

perfil para isso”.

O que o veneno paralisante, proveniente de traumas anteriores, não sabia é que também existia um antídoto, uma força Divina atuante, uma garra interior que se manifestava dizendo: “você só vai saber se tentar. Deixa de ser medrosa! Não há o que perder. Não custa arriscar”. E resolvi tentar.

Mesmo fora do prazo, liguei para o setor responsável de recrutamento, que logo me chamou para participar de um teste no dia seguinte. E, de dinâmica em dinâmica, fui me destacando e avançando no criterioso processo de seleção. Nesse período ouvi de um conhecido: “Você sabia que nesse lugar só costumam contratar pessoas brancas? Você, uma mulher negra, será bem difícil ser aprovada. Só que continua tentando. Boa sorte”.

Depois de um “estimulante” desejo de boa sorte desse, cheguei ao último estágio para a etapa de recrutamento com as pernas trêmulas: o exame admissional, em que é feita uma avaliação médica da empresa recrutadora para verificar a capacidade física do indivíduo que almeja ser contratado.

Foi quando me atacou um problema nas cordas vocais pelo estresse e minha voz quase não saía. Quando tentava falar ecoava um som rouco e tenebroso que precisava ser acompanhado de sinais para ser compreendido.

Pensei: é o fim. O fim do fim! O começo do fim do outro fim que nem acabou. Com o peso de um piano invisível nas costas, fui subindo as escadas para a sala do médico em espírito de oração como minha mãe havia ensinado, tentando encontrar um pouco de fé no mais profundo poço interior, para enfrentar

o médico admissional sem voz.

Quem contrataria alguém sem voz para atender ao público? Pensava enquanto subia. Também reafirmava para mim mesma: se Deus me permitiu chegar até o fim do processo, Ele há de me ajudar, eu vou conseguir.

Quando entro na sala, quase caio para trás. Mas não caí, senão seria mais uma anotação para incluir no meu prontuário médico. Quem está pronto para me atender? O médico do pequeno posto de saúde do bairro onde cresci, do outro lado da cidade, e que me atendia desde quando tinha uns cinco anos de idade. Expliquei com certa dificuldade que a voz havia sumido durante a triagem da empresa, e que os exames não apontavam problema algum.

Então, ele super tranquilo me examinou, viu que estava tudo bem, e deu o ok para meu ingresso à firma. Ele disse: “Está tudo bem com você e com exames. Isso não é problema, embora se fosse outro médico correria o risco de te barrar. Quem diria que estaria aqui tão longe para te atender nessa seleção hein?!”.

Explodindo de alegria por dentro, sem voz e querendo cantar, com medo e confiante, querendo rir e chorar ao mesmo tempo (como eu disse, coisas de filme), percebi o quanto foi importante superar “o fim da tal paralisia interior” aplicando um outro “fim” a ela, mesmo com pouca coragem.

É importante tentar fazer algo, mesmo na fraqueza e desânimo. E por mais de 13 anos trabalhei nessa empresa, até quando decidi sair para buscar novos caminhos. Entendi que se não tivesse continuado tentando, quando tudo parecia estar contra a maré, não teria conquistado o sucesso dos resultados.

E se tivesse me apoiado no encerramento das dinâmicas e nem tentasse entrar em contato para agendar entrevista? Se não fizesse o exame admissional por estar sem voz? Meu Deus! Ou se desse ouvidos àquele que disse que pessoas negras não entravam nessa empresa?

Certas vezes paramos antes de começar e de nos darmos a oportunidade de tentar. Quando algo de ruim acontece nos entregamos, perdendo a confiança de que alguma coisa boa também possa estar por vir. Perceba que uma das coisas mais perigosas é ouvir a voz do veneno da paralisia ou guardar as palavras de insegurança que são direcionadas a nós.

É preciso encontrar essa força, com ou sem vontade, para prosseguir. O não já temos, ou não temos, só que acreditamos ter. Chamamos o não quando a vida quer dar o sim. Continuar encontrando um motivo para buscarmos a reconstrução e a edificação daquilo que valha a pena, pois há casos e casos, e situações que precisam de um ponto final. Tentar encaixar ou desencaixar as peças, até que comece trazer paz ou fazer mais sentido para o que queremos e sentimos. Precisamos aprender a discernir.

O contrário de paralisia? É o desentorpecimento. O que significa que podemos nos limpar e desintoxicar mentalmente de tudo que oprime e enfraquece. Devemos nos mover. Mova-se, com pequenas ou grandes atitudes, e aos poucos irá perceber a anestesia do sofrimento ou da indecisão indo embora.

“... Porque quando estou fraco então sou forte”

(II Coríntios 12: 10).

Refleta:

O fim que começa

Quem de nós não nasceu em meio a um planejamento de regras e costumes que tinha como objetivo pré-determinar o caminho que deveríamos traçar? Sim. Como membros de uma sociedade que possui crenças, culturas, instituições sociais das mais variadas e ideologias diversas, fomos criados dentro dos padrões do grupo que nos desenvolveu e ensinados desde os primeiros passos até o presente.

E concordando com as regras ou não, fazemos parte de tudo isso. Conforme os anos vão passando, trazemos os reflexos das primeiras opiniões, formas de pensar e crer, independentemente se criados por pais, parentes, amigos, desconhecidos e organizações. Não importa. Em todos os campos de desenvolvimento individual e social, seja familiar ou não, recebemos um grande depósito de conhecimento que representa a bagagem alheia dada a nós dia após dia. E aqui não entro em detalhes se o conteúdo dessa bagagem é ou não adequado. O que era a “bagagem alheia” passa a ser transferido e internalizado como a “nossa bagagem”.

Com ela vem uma grande influência do rumo e da “viagem” que querem nos direcionar. É verdade que ainda estamos em constante construção. Mas me refiro àquilo que forma nosso entendimento, como conceitos familiares, tradições

hierárquicas, ancestralidade, conceitos religiosos, opiniões e assim por diante. Pessoas nos cercando de todos os lados e, de alguma forma, deixando sua contribuição para nossa formação. Sempre existe alguém de forma direta ou indireta adicionando ou excluindo “uma peça” para aquilo que carregamos.

Usemos esse mesmo exemplo. A tal bagagem.

Se alguém fica responsável para arrumar a sua mala e nela coloca agasalhos, meias, blusas, moletoms, lã, touca, chapéu e casacos, logo, você imagina que vai para um lugar muito frio, pois estão preparando você para isso. Porém, se essa mesma pessoa colocar roupas de banho, shorts, regatas, óculos escuros, protetor solar, logo você define que estão preparando você para uma jornada de calor. E mesmo usando esse exemplo simples, é mais ou menos assim que começa nossa jornada. Pelo que depositaram em nossa formação, temos uma noção do rumo que esperam que seja traçado em nossas vidas.

A tradição familiar nos indica como esperam que nos casemos. A maneira como conduzem nossos estudos nos aponta o que esperam que sejamos profissionalmente. Aquilo que nos ensinam a respeito da fé nos mostra como esperam que busquemos a Deus ou quem é Deus para nós. Sonham e planejam como devemos ser, como devemos crer, quem devemos seguir, quem deixamos ou não fazer parte do nosso convívio, o que temos de querer e buscar, como devemos nos relacionar, qual a profissão ideal para nós e “por aí vai”. Contudo, quem disse que somos ou precisamos ser tudo isso?

Sabemos que muitas dessas pessoas tiveram boas intenções (se bem que nem todas). Algumas acreditaram que estavam

fazendo o melhor para nós. E muitos ensinamentos realmente fizeram e encontraram espaço na nossa identidade, o que não significa que sejam todos, já que alguns não nos cabem.

Há também aqueles que nos ensinaram e com suas lições nos boicotaram por suas experiências próprias, mesmo sem perceberem. Depositaram tantas expectativas para conquistarmos um resultado com base em seus sucessos ou fracassos, que não deram espaço e liberdade para a construção do que realmente seria melhor para nós.

E esse conteúdo a nós transferido é de grande importância e valor, tanto para a identificação pessoal, cultural, como para o reconhecimento da própria história. Existem valores que carregamos enquanto indivíduos de uma família, de um povo, de uma nação, de um grupo, que devem ser perpetuados por gerações, ainda que sofram transformações. Mas será que todos e da mesma forma?

Chega um tempo em que a “tal bagagem” está tão cheia e tão pesada, que pensamos que não cabe mais nada, ou que está muito difícil suportar o peso e permanecer caminhando. Em algum momento, torna-se desgastante carregar algo que talvez não queira ou não precise mais levar dessa maneira e nem o tempo todo. Pelo menos não como no início da jornada, e nem com todas “as peças e conteúdos”.

Eu tive a honra de ser criada numa família humilde e com muito amor. Tinha seus problemas como qualquer família tradicional brasileira: um parente ou outro que gostava de beber um pouco além da conta, alguém mais inconveniente, “um ou outro” mais chato, a falta de dinheiro que fazia com que a

maioria crescesse com simplicidade (não todos). Só que, no geral, uma família estruturada.

Eu me lembro que desde cedo fui ensinada a conversar com Deus de diversas formas. Por parte da parentela materna, havia uma grande maioria cristã (evangélica) e por parte de pai basicamente pessoas de religiões africanas, católicos e kardecistas.

E nessa pluralidade, cada um dava o seu jeitinho para adicionar sua “contribuição” de crença na minha mente, que era o depósito. Por parte de pai, havia os que almejavam que eu desse continuidade às tradições espiritualistas e africanas da família. Por parte de mãe, esperavam que eu seguisse caminhos evangélicos para dar continuidade aos passos dos mais velhos.

Minha mãe, por sua vez, não se dedicava nem ao que tinha aprendido com sua família e nem ao que tinha aprendido com a família do marido. Seguia tudo e todos, e não seguia nada, pois vivia confusa e com dúvidas ao que realmente se identificava.

Era até engraçado. Quando acontecia algo de ruim na casa dos meus avós maternos, todo mundo corria para abrir a Bíblia e clamar a providência de Jesus. E nos avós paternos, quando algum problema trazia dor de cabeça e confusão, corria todo mundo para invocar as manifestações de entidades e espíritos, para tentar solucionar. E nessa linha cruzada de fé, minha mãe abria a Bíblia, fazia as orações que aprendera desde criança com os pais evangélicos, ao mesmo tempo em que acendia vela para os santos católicos. No mesmo momento, partia rapidamente para fazer as rezas africanas que aprendeu na casa da sogra. E para finalizar, pegava seus folhetos budistas e do seicho-no-ie

para garantir que estava mais fortalecida com seu amplo exército ecumênico. Só que seu semblante não era de paz, e sim de insegurança e incerteza.

Eu me lembro que bem jovem ficava olhando e imaginando: “se pudesse ver com os olhos espirituais, veria a casa cheia de gente invisível originárias de diversos lugares, vestidas cada uma de um jeito diferente, falando diversas línguas e proclamando inúmeras formas de fé, por ela ter invocado tantas crenças”.

E sem entender direito, percebia que a bagagem dela deveria estar carregada de muitas informações. Como aquela pessoa que demora duas horas para se arrumar na viagem, pois levou tanta coisa que não consegue decidir que roupa usar. E não trago essa lembrança questionando os que seguem uma pluralidade de crenças que lhes traga paz, pois respeito seus estágios e interpretações, mas para me referir ao comportamento confuso e perdido que ela demonstrava ter.

Hoje, depois de uma diversidade religiosa onde busquei Deus em vários caminhos (raspei no candomblé, batizei na umbanda, fiz cursos e trabalhos no kardecismo, participei anos do catolicismo, e outros) e que me envolvi dos pés à cabeça em diversas crenças, aprendi a respeitar a fé de todos. Foi muito bom entender a prática de diversos lugares e a representatividade de cada um. Hoje, seguindo minha fé no cristianismo, onde encontro minha paz e a crença nas promessas e ensinamentos de Jesus (e que também deve ser respeitada), não me esqueço do que aprendi em todos os lugares e continuo aprendendo. Lições e experiências sobre formas de se

propagar o bem, o amor e a ajuda ao próximo de diversas maneiras. Aprendo muito também com o que cada uma representa enquanto identificação cultural e resistência de um povo. Carrego lembranças com pessoas fazendo coisas ruins e pessoas fazendo coisas maravilhosas desde o passado por onde frequentei até mesmo hoje nas igrejas. O que me ensinou que “uma pessoa ou um grupo de pessoas” não pode resumir nossa fé.

Na medida em que fui sendo orientada sobre o que deveria crer, não percebi que estava enxergando com os olhos dos outros, crendo com a fé dos outros e vivendo com base naquilo que interpretavam para mim como religião ou crença.

Acho super importante essa vivência espiritual que é passada de geração em geração, entre famílias, povos e grupos. Porém me pergunto se cada um que segue sua fé, independentemente de qual seja, segue porque se encontrou ou a segue porque mandaram seguir.

Até mesmo aquelas que são tradicionais em sua regionalidade ou cultura (e que também devem ser analisadas, pesquisadas, renovadas e mais bem aplicadas na sociedade atual) devem ter um sentido real e verdadeiro naquilo que buscam seus herdeiros. O problema não é herdar uma crença e sim não sentir essa crença como sendo algo que acredite. Você pode se identificar com os muitos aprendizados, ser feliz por tê-los aprendido, porém, não ter encontrado ainda a profundidade do papel disso na sua vida. Se é o que quer seguir, procure isso dentro de você, para que não vire uma prática morta e sem sentido.

Certa vez trabalhei com um rapaz ateu que me disse que era ateu, porque seu pai era e pronto. Será que ele tentou buscar dentro de si próprio se isso mesmo é que se encaixa no que sente e acredita, ou ele só o é porque o pai lhe ensinou?

Assim como perguntei para cristãos o motivo de serem cristãos e não souberam explicar. Isso deve acontecer em todas as religiões. E é mais comum do que imaginamos.

Existem, também, pessoas que se identificam com as crenças familiares, mas por influências variadas ou por alguma decepção se desviaram de seus costumes e ensinamentos. Só que se sentem incompletas naquilo que estão buscando atualmente.

Ainda existem os que seguem “placas” só para não desapontar amigos, familiares, líderes e influenciadores. Ou os que creem que fé virou algo ultrapassado, e que qualquer crença tem de estar nos padrões da modernidade. Quando, na verdade, o tradicional e o moderno devem ser respeitados pelos adeptos ou incrédulos, pois ambos encontram lugar em corações (desde que sem intolerância ou preconceitos).

Entretanto, fé não pode ser fruto de opressão, ainda que historicamente a maioria das crenças tenham se construído através de dogmas e imposições (o que também pude ver por onde passei e ainda vejo). Qualquer busca precisa ser verdadeira e pessoal, apoiada em algo que dialogue com alma, espírito, mente e coração, e não tendo como base as manipulações.

Foi muito importante para mim entender o que sentia, o que acreditava, e filtrar todas as influências recebidas, para então discernir aquilo que queria buscar e que fazia sentido para

minha maneira de ter fé e ver as coisas.

Outro ponto interessante é que nesse percurso eu odiava o cristianismo. Porque o que tinha de visão de cristianismo era uma visão apoiada em algumas pessoas e livros, que me traziam somente um entendimento com base em interpretações limitadas (e limitantes) que não concordava, e praticado por aqueles que não resumem a fé cristã. Essas pessoas não deveriam desenhar a minha fé e nem a minha interpretação. Já não era somente meu círculo familiar me influenciando e, sim, novamente, estava crendo pela crença de terceiros, enxergando pelo olhar dos outros, exercendo a religião pelas atitudes de alguns, praticando fé com a fé e dos outros.

Foi um árduo caminho até compreender que precisa ser um exercício individual (ainda que praticado no coletivo) de reflexão, de autodescobertas, de vivências e de muitas “janelas” de conhecimento. Trata-se muito mais daquilo que você sente de buscar do que daquilo que lhe dizem para buscar. Lógico que precisamos ser ensinados quanto à base de tudo, e que estamos cercados de dogmas, doutrinas e costumes por todos os lados. Porém, mesmo naquilo que cremos, precisamos desconstruir ou reconstruir, ampliar a visão, desenvolver o entendimento, contribuir e receber contribuições de formas de pensar. E isso durante toda a vida.

Estou dizendo para se converter à minha religião? Não.

Estou dizendo para ter religião? Não.

Estou, então, aconselhando a mudar de religião ou seguir sua religião? Não.

Não estou incentivando o uso ou desuso da religião. Nem é

esse o intuito do livro.

Estou simplesmente convidando você à reflexão, para que se encontre no que acredita e no que segue ou deixa de seguir. Que saia da condição de “prática morta” para “prática viva”, e que saia da condição de “sem sentido” para ganhar um “significado” para você, que é o que importa. Que acima de tudo, aprenda a enxergar a fé, os estágios e os entendimentos humanos com respeito. E que esses também se façam respeitar.

O que tento trazer para essa nossa reflexão (servindo também para mim) é que precisamos encontrar a sintonia do que seguimos dentro de nós, experimentado e sentido por nós. Para que não fique sem evolução por sofrer tantas imposições, porque não há sentido manter-se sem liberdade dentro de si. Pois de alguma maneira, a fé precisa ser alimentada com “cuidado”, já que também irá alimentar. E isso serve para tudo. Usamos aqui como exemplo a religião, mas, vale para todos os demais assuntos. Respeitemos a nós, respeitemos os outros, sejamos respeitados e façamos respeito.

Quando penso as inúmeras vezes que tentei satisfazer sonhos e estilos de vida que não eram meus, entendo a relevância de identificar e discernir nas fases da vida se os caminhos que estamos trilhando estão sofrendo influências diversas, só que fazendo parte do que almejamos, ou se estão sendo traçados pelo que outros estão determinando.

Se acreditamos no que propagamos, no que vivemos, no que fazemos, no que praticamos, isso se torna meio caminho andado para atravessar pontes de obstáculos e de superações que transpõem os fins da vida.

Caso esteja vivendo o que planejaram e isso faça você feliz, e se enxergue nesse contexto, sem problemas. Entretanto, se faz mal, agride e você nem sabe o porquê está nesse caminho, às vezes é preciso pôr um fim em algumas peças da bagagem. Peças que serviram por um tempo, só que não fazem mais sentido estarem com você. Reformule e renove sua “bagagem”, até se for continuar seguindo o mesmo caminho. Pois até o que acreditamos precisa ser sempre “revisto”.

Tem tempo de encher a mala e tempo de esvaziar a mala. Tempo que os outros arrumam e tempo que nós mesmos arrumamos e, principalmente, tempo de carregar essa bagagem com nosso próprio entendimento.

Ao fechar os olhos e ouvir mais o meu interior, comecei a colocar um fim na Cíntia que desenharam e na Cíntia que se desenhou enganada por ela mesma. Comecei a dar lugar à Cíntia de verdade. A minha Cíntia. A Cíntia que eu sou, e não a que queriam que eu fosse. Ao fazer isso, recebi críticas diversas, muitos amigos não entenderam e se afastaram (e confesso que de muitos me afastei por não saber lidar com as mudanças).

Porque foi difícil para alguns, e até para mim, conviver com uma Cíntia diferente, com outra realidade, que não se encaixava nos padrões que estavam acostumados.

Muitas vezes a alma grita por socorro por estar sufocada com aquilo que praticamos e que sabe que não pertence a ela. Nos omitimos por ser mais fácil seguir a cartilha pronta que nos entregam. Negligenciamos a esse grito de socorro com receio de decepcionar, ou com medo de ir contra aquilo que foi ensinado e que esperam de nós.

Estamos rodeados de pessoas com esse sentimento, precisando desse fim (de imposição, de opressão, de egos e vaidades) para se encontrarem e, inclusive, para “fazerem a diferença” até no meio em que estão. **ESVAZIE-SE DO QUE VOCÊ SE TORNOU PARA ENCONTRAR QUEM VOCÊ É.**

Às vezes o que você procura nem está tão longe. Pode estar mais perto do que imagina. Só está precisando se manifestar em seus sentidos e seu interior, para que consiga se expressar com você numa linguagem própria.

Talvez esse seja um dos fins mais difíceis. Aquele que você precisa procurar o fim para começar. Pois lidar com algo que se perdeu ou não deu certo, onde você é forçado a se deparar com esse término, é uma coisa. Agora você se conhecer, descobrir-se, e tentar se conectar com quem você realmente é e com o que você acredita é uma viagem somente para corajosos. Já não é o fim que chegou, e sim você que o está procurando e executando, para que possa dar início a si.

Perceber que, talvez, para ser feliz ou para achar a paz, precise tirar quase todos os tijolos do lugar e construir tudo de novo, é um esforço que poucos querem se dar ao trabalho de fazer, pois dura tarefa é. Porém, vale muito a pena. Saber que se com muito trabalho cavar lá dentro de si e tirar os entulhos que sufocam, encontrará sua fé que responderá a sua alma, é algo sublime.

Tudo que é construído com material que “não encaixa” tem grandes chances de dar problema. Pode não ser agora ou pode não ser tão visível, porém, uma hora vai desestabilizar. Uma fraca e insegura construção não consegue resistir a ventos fortes, tampouco resistir por muito tempo. Aquilo que é

construído com material firme pode até dar trabalho, só que é resistente, duradouro e dificilmente vai precisar ser reconstruído toda hora. Pode até precisar de alguns acertos, tirar ou acrescentar um tijolo ou outro, entretanto a base é forte e bem encaixada.

Conhece o ditado: “quanto mais alto, maior a queda”? Pois é. Há momentos que vamos deixando o muro subir, subir, subir, no intuito de agradar aos outros, mas quando ele cai, pensamos: “Por que deixei chegar até aqui?”.

Sou grata por onde passei. Por todos que contribuíram com suas crenças e lições que compõem minha história e minha cultura. Hoje entendo que não devo deixar pessoas e opiniões representarem minha fé. No meu caso, Jesus representa a minha fé. E em meio a tantos exemplos negativos de intolerância, eu me sinto no dever de registrar: respeito a sua fé e faço minha fé respeitada.

Sempre é tempo para começar a ser você. Basta estar vivo. É tempo!

“Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram” (Hebreus 4: 2)

Refleta:

O fim da sombra

A sombra segue o bem-sucedido e o malsucedido. A nuvem acompanha o de coração cheio e o de coração vazio (de coisas boas e ruins). Segue o que tem sonhos realizados e o que tem sonhos frustrados. E na maioria das vezes se passa por imperceptível.

Que sombra? A sombra do passado. Com as perdas e as derrotas que encontrei no caminho, e com os sucessos e conquistas que alcançaram minha jornada, por um bom tempo fiquei refém de sombras que me seguiam de área em área, de fase em fase, sem que pudesse perceber. Era algo muito sutil e que na verdade demorei muito para identificar.

A memória negativa do que não deu certo ou a competição dos resultados positivos anteriores se manifestava no início de projetos e relacionamentos, o que não permitia o rumo natural das coisas.

Apresentando um exemplo bem simplório do que isso significa, é como se cada raiz que eu plantasse fosse semeada, regada, lançada à sombra da “nuvem” do passado. Eu buscava colher frutos naquilo que estava vivendo, porém, associando a “condições de plantios antigas”. O presente tinha belos frutos a oferecer, mas lá estava eu atrapalhando a plantação.

Pelas injustiças vividas, passei a achar que viveria injustiça

em tudo. Na amizade, costumava comparar as pessoas. No amor, cobrava os relacionamentos com base no que tinha vivido em relações anteriores. E no que tinha conquistado, ficava guerreando comigo mesma para conquistar de novo da mesma forma. E assim repetia também os tropeços.

Em tudo reportava a mente ao que havia sido, e não ao que estava vivendo ou ao que poderia ser.

E debaixo desse reflexo, programei que essa era minha verdade e minha vida. E não é disso que se trata lidar com os fins. Preparar-me para eles não significava ser pessimista e esperar os resultados fracassados de tudo, tampouco era buscar a todo custo os sucessos anteriores com medo dos possíveis términos. Era entender que eles existem e que, quando chegam, precisam ser enfrentados, e não esperar o fim a todo tempo como num “mau agouro”.

Achava que era madura e experiente por causa dos muitos fins vivenciados, porém, na verdade, eu era muito ingênua, mesquinha e sem discernimento para enxergar a vida na sua profundidade e essência. Tinha experimentado vários “fins”, só que não conseguia compreendê-los, nem discernir os que eram bons ou não, necessários ou não, e quando eles podem aparecer ou não.

Lógico que ninguém sabe de tudo sempre. Por isso, estamos constantemente aprendendo. Só que poderia ter sido diferente. Eu poderia ter usado tudo o que passei para ser mais forte, para não cometer os mesmos enganos, para ter a mente mais aberta, mais preparada e com mais percepção, e não um poço de negativismo ou de impulsividade. Teria aprendido a ver com

“outros olhos”, com mais gratidão, as novas chances que a vida estava me oferecendo e Deus me permitindo viver.

Há fases em que usamos o passado como desculpa ou muleta para não nos libertarmos do que se foi. Associamos passado ao presente e ao futuro, até que chega um ponto em que não conseguimos mais percebê-los como situações distintas. O que foi, o que é e o que será se tornam uma coisa só, não na realidade, mas na nossa mente.

E ainda que haja alguma semelhança entre pessoas, relações, histórias, momentos, sentimentos e comportamentos, e que os “tempos” sejam influenciados pelos momentos, todos se diferenciam entre si. Pensamos: Isso de novo? É porque novamente estamos plantando com semente do que passou, regando com a chuva da nuvem do que se foi e usando a sombra de tempos atrás. Não é a vida que se tornou desfavorável. É que os agricultores, nós, que precisamos buscar um tempo novo para sementes novas. Sementes que não estejam contaminadas olhando para trás, para conseguirmos ver tudo isoladamente como precisa ser visto.

Viu como as nuvens bailam nos céus, mudam de lugar e são passageiras? Não há como viver a todo o tempo debaixo da mesma nuvem. E, na vida, por diversos momentos conseguimos essa proeza.

Vivemos debaixo de histórias ou histórias tentam nos acompanhar e encobrir. Acredite se quiser, isso pode perseguir mesmo a pessoa bem-sucedida e que aparentemente tem uma vida de conquistas.

A vida toda trabalhei atendendo o público. Milhares e

milhares de pessoas de áreas diferentes, de todos os lugares do país e de vários lugares do mundo. Vindas de classes sociais diversas, de estilos variados, de muitas crenças e etnias, de diferentes identidades sexuais e de gênero, de formações e de culturas. Isso contribuiu para algumas percepções e aprendizados, permitindo ter contato com muitas histórias de vida em que pude enxergar o outro e me enxergar (o que também às vezes contribuiu com alguns enganos, já que às vezes a gente enxerga demais ou de menos).

Porém, notei depois de muitos relatos e desabafos, amizades e experiências, o peso que as pessoas bem-sucedidas carregam em silêncio, como se fosse um fardo pesado e necessário, mas que não precisa ser.

Pessoas que alcançaram o sucesso e têm medo do próximo projeto não alcançar o mesmo resultado. Outras que vieram de uma família que construiu uma grande trajetória e acúmulo de bens, e sentem o peso de todos ao redor as cobrando para trilhar os mesmos caminhos. Gente que é supervisionada por “chacais à espreita” a todo tempo, não conseguindo ter autonomia e nem liberdade de escolha.

Vivem debaixo da nuvem de escolha dos antepassados, seguindo suas carreiras e modos de vida por gerações e gerações. Seguem a mesma cartilha, liderando empresas e negócios da família, vivendo os mesmos padrões, porém mal sabem quem são ou o que querem. A vida toda alguém pensou por elas. Não se conhecem, nem conhecem quais são suas verdadeiras aptidões, dons e vontades próprias. E ainda que conheçam suas aptidões, de nada adianta, pois elas não têm

coragem de se indispor com os “mandos e desmandos” recebidos. Algumas vezes, até têm coragem, só que não querem frustrar os planos da família. Nunca viram o céu com seus olhos, porque foram ensinadas a enxergar as coisas com os olhos de terceiros.

E dessa forma acabam vivendo às sombras dos outros. São pessoas bem desenvolvidas, ótimas profissionais, só que não vivem aquilo que planejaram e sim o que para elas foi planejado. Mesmo com boas condições financeiras, alguns ainda nem experimentaram seus próprios sonhos, pois tudo que conhecem são os sonhos das pessoas ao redor.

Dentro desse mesmo grupo, por vezes, encontrei aqueles que não têm problema algum em conduzir os negócios da família e nem a carreira profissional que é de tradição do sobrenome que carregam, porém, ficam debaixo da nuvem da anulação. Tudo em suas vidas tem que se resumir ou girar dentro desse nicho. É como se sentissem que trairão suas tradições se mantiverem essa jornada profissional de herança paralela a outras atividades, experimentando outras áreas e se redescobrando.

Quando alguns encontram esse espaço e liberdade de administrar a carreira hierárquica, e paralelamente desenvolver outras atividades que se identificam, por incrível que pareça, cumprem até melhor o serviço conduzido na empresa da família, trazendo novas ideias e se aprimorando. Porque não sentem a opressão de estarem presos e limitados, e isso contribui para os resultados agregados aos planos da família.

E não digo isso por pensar que a família ou as tradições familiares sejam vilões. Esse não é o ponto. Sabemos que em

todas as sociedades antigas e modernas encontramos as tradições de diversas formas. Tem quem ensina e investe, pensando estar moldando seus filhos por uma boa causa, o sucesso e a felicidade. E não estão errados em querer o melhor. Talvez só a forma com que estejam fazendo precise ser repensada, assim como a interferência nas individualidades, sentimentos e escolhas.

Muitos agem dessa forma porque acreditam que estão zelando pela cultura, pelo esforço de gerações em conduzir a família para desfrutar o que construíram, ou porque no núcleo familiar é onde encontram segurança e confiança para entregar as rédeas dos negócios.

É importante dar ouvidos à voz da experiência de pessoas que viveram muitos “acertos e erros”, e que falam com credibilidade pelo que construíram. Como também é fundamental ouvir aqueles que nos amam, que nos querem bem e desejam nossa prosperidade e felicidade.

Jamais sou a favor de virar as costas para os conselhos daqueles que bem-sucedidos ou não, passaram por anos e anos de suor, perdas, vitórias, amores, traições, dores, alegrias, superações e fracassos. Tudo é lição, ainda mais quando essa lição vem da história daqueles que compõem também nossos valores e história.

O que não acho saudável, como disse anteriormente, é quando somos forçados e temos nossa vida e nossa individualidade anuladas pela obrigação de cumprir sonhos familiares que não são os nossos.

Quando o que deveria ser uma tradição familiar (que dá a

oportunidade de desfrutar e perpetuar o suor e o trabalho daqueles que vieram antes de nós), transforma-se em uma prisão que tira o direito do outro.

Para aqueles que pensam: “Quem é ela para falar isso sobre as tradições ou negócios de família?”, convido a fazer um teste.

Comecem a ver sua posteridade como pessoas com pensamentos, sonhos, gostos, vontades, capacidade, objetivos, sentimentos e desejos, e experimentem dar espaço para que surpreendam ao conseguirem expressar tudo isso. Afinal, você colaborou com a formação para que justamente essa pessoa se desenvolvesse, pudesse explorar e ser promissora em diversas áreas da vida, não é mesmo? E isso não deveria ser motivo de orgulho?

Entenda melhor o que o herdeiro e a herdeira almejam, e verá que por livre e espontânea vontade essa pessoa ajudará a encontrar uma solução para liderar e conduzir os trabalhos da família em sintonia com os seus projetos individuais, ou a encontrar novos meios.

E se, ainda assim, insistir na falta de interesse de conduzir os negócios da família, valorize ao menos a sinceridade de quem está expressando o desejo de outros caminhos. Nem sempre se trata de rebeldia, e sim muito mais de sinceridade e honestidade daquilo que se quer.

Não precisa ser uma queda de braço. Nem precisa ser um castelo de areia, que qualquer vento a qualquer momento poderá derrubar pela instabilidade. Pode ser algo construído em conjunto, em sintonia, em parceria, com liberdade, com saídas e estratégias que beneficiem a todos os envolvidos. E mesmo

naquilo que é percebido como falta de maturidade, tem muitas formas de se buscar o desenvolvimento e amadurecimento. Os comportamentos nas buscas de soluções podem fortalecer ou destruir os vínculos e relações familiares.

Vale lembrar também que o que é feito com contrariedade não consegue perdurar por muito tempo, e nem trazer o sucesso esperado. Se algo não é alimentado (de prazer, de satisfação e de identificação) pode perecer.

Já me questionaram: “Ah, é porque você não conhece meu herdeiro ou herdeira! Se der espaço e liberdade, só fará besteira ou vai deixar os negócios afundarem, pois só terá cabeça para aquilo que gosta de fazer”.

Realmente, se a vida do herdeiro ou herdeira foi construída com base em cobranças excessivas trazendo um sufocamento ou com excesso de liberdade onde não há limites, pode ser difícil cobrar uma maturidade ou parceria imediata.

Entretanto, se essa liberdade e se esse desenvolvimento das particularidades e escolhas individuais acontecerem gradativamente em parceria com os projetos familiares, haverá um amadurecimento espontâneo e coletivo, afinal, todos precisam constantemente amadurecer, não só os herdeiros. O apoio dos familiares por si só faz toda competição cair por terra. Os projetos da família não serão mais o centro do bombardeio, e sim o centro de alianças, parcerias e união para as resoluções em conjunto.

Agora se a personalidade em questão for alguém sem interesses, sem pretensões de adquirir responsabilidades em qualquer área, entregar os projetos familiares em suas mãos

torna isso mais arriscado ainda. Será mesmo que convém?

O experiente viveu muitas coisas para se tornar experiente, porém não se pode cobrar do inexperiente que obtenha êxito rápido só por estar às sombras da experiência de alguém. A pessoa que se sente encurralada com um grande peso de responsabilidades, perspectivas, indecisões e dúvidas precisa saber que tem apoio para errar e acertar. Até porque mesmo o experiente erra e ainda está em constante aprendizado. Perfeição não deve ser cobrada por seres imperfeitos.

Sabemos também que existem alguns casos extremos de pessoas de mentes muito fechadas e que forçam o outro a ser mais radical nas atitudes para conseguir mais liberdade. Como existe da mesma forma casos de herdeiros rebeldes ao extremo e que forçam algumas exigências, pois na verdade desejam uma liberdade irresponsável e não têm compromisso algum com suas próprias vidas, quem dirá com a família. Mas nem sempre é assim. Nem sempre precisa ser por intermédio da “batalha”.

Conheci também o grupo dos que sofrem grande pressão da família, querem liberdade, porém, não fazem por onde serem ouvidos. Não que isso seja algo obrigatório, e nem deveria ser imposto, só que, nem ao menos pesquisam, nem estudam, nem projetam, nem se movimentam em plano algum para conquistarem sua liberdade e seus sonhos, e continuam sem o respeito dos que os rodeiam. Sabe por quê? Porque nem sabem o que querem e não têm sequer um planejamento para apresentar que justifique o real motivo de não desejarem exercer os projetos familiares.

E embora eu continue não concordando com qualquer tipo de

opressão e imposição, dificilmente o “não quero, não sei o motivo, não sei o que quero procurar, não sei o que não quero” irá conseguir convencer uma família com essas características autoritárias. A família conclui: se a pessoa não sabe o que quer, será que tem mesmo certeza do que não quer?

Quer dizer, então, que a pessoa tem a obrigação de saber toda a sua vida planejada? É lógico que não. Nem os mais velhos o sabem, quem dirá os mais jovens. É super normal ter dúvidas e não ter um plano por um tempo (isso em qualquer idade). Só que alguns nunca sabem o que querem e nunca têm um plano. Sendo assim, como explicar isso para os que estão pressionando? Ou como ter frutos sem plantio? Por isso o “se mova”. Porque mesmo sem planos, mover-se permite que o raciocínio e portas se abram, desenvolve a ousadia e a coragem, a independência para decisões, o processo criativo e as descobertas.

Até aqueles que têm uma noção do que se encaixa em suas vontades (independentemente se vai ou não dar certo e isso não vem ao caso, porque o que importa é tentar) e têm uma noção de seus dons, talentos, habilidades e aptidões precisam perceber que, com ou sem apoio, com pessoas a favor ou contra, com tudo favorável ou desfavorável, só eles poderão dar um rumo à sua história.

Ninguém escreve a própria vida com a caneta nas mãos de outra pessoa. Só você precisa e pode decidir o que será escrito. E, para isso, existe a necessidade de ação, e acima de tudo, independentemente do cenário, ter coragem o suficiente para tomar posse da sua própria caneta.

E se, como eu, você se pergunta: como agir? Por onde começar?

Respondo: pensa que sei? Também estou procurando descobrir essas respostas todos os dias, para todas as situações que surgem dia após dia. Mas consigo perceber que existem muitas formas de ação para cada situação. Para alguns projetos descobri, para outros continuo buscando. E isso sempre será assim. Ou pensa que sua vida se resume a um único projeto ou decisão?

Tenho notado que qualquer ação não pode estar somente associada ao que ocorre ao redor, ao que está ao alcance ou às ferramentas que temos. Porque as situações ao redor mudam, pessoas mudam, vontades mudam, escolhas mudam, sociedades mudam, crenças mudam, ferramentas ao nosso alcance mudam, os contextos mudam, e sendo por vontade ou por necessidade, de maneira voluntária ou involuntária, temos que continuamente projetar ou reprojetar, decidir ou repensar.

Se nossas ações estiverem somente baseadas no que nos rodeia ou no que vivemos, isso poderá se tornar uma grande armadilha. O fim dessa nuvem que nos persegue e a dissipação dessa sombra dos outros sobre nós, independentemente de quem somos e de nossa realidade, têm que ser algo muito pessoal, com um olhar muito mais de dentro para fora do que de fora para dentro.

Nossa base não pode estar nos traumas, medos, opositores e concorrentes, visíveis ou invisíveis, da nossa jornada. Nossa base deve estar naquilo que acreditamos, naquilo que somos, no respeito às opiniões contrárias e no entendimento para conosco

e para com o outro, ainda que não sejamos entendidos.

Há viagens que somos obrigados a nos atentar para as paisagens para sermos guiados. E há viagens que quanto mais ficamos dispersos olhando a paisagem e olhando tudo ao redor, mais nos perdemos. Para aprender isso, precisei mudar muita coisa dentro de mim, já que por muito tempo vivi presa a tudo que estava em volta e deixando que me aniquilassem.

Lembra quando disse que tem muitas formas de ação? Em minhas muitas mudanças de cenários (religiosos, profissionais, sentimentais...), vi que uma ação pode ser das mais simples às mais complexas e, em qualquer contexto, pode mudar num piscar de olhos a rota e as situações de diversas áreas da vida.

Pesquisar, estudar, fazer um roteiro, colocar no papel, perguntar, expor-se, expressar-se, calar, confessar, ouvir, falar, declarar-se, cortar laços, criar laços, viajar, retornar, avançar, recuar, aparecer, sumir, abraçar, afastar-se, matricular-se, desmatricular, escrever, apagar, cantar, mostrar, fazer igual, fazer diferente, e muitos outros, conforme o que cabe a cada um, a cada história, a cada necessidade, a cada momento, ainda que seja em meio a conflitos.

Essas questões internas e externas (de forma parcial ou total), tornam os seres muito mais conectados do que acreditam. Os sentimentos, os medos e os anseios não têm cor de pele, nacionalidade, credo, gênero ou orientação sexual, posição social ou currículo, e estão presentes em todas as famílias, ainda que os motivos, as lutas, os processos, os resultados e os comportamentos alterem de uns para os outros.

Conforme o que vi e vivi, posso dizer, existe atitude sim que

nos liberta das muitas sombras:

- No silêncio da alma, quando pela primeira vez nos calamos para tudo e todos, e tentamos entender o que está se passando em nosso interior e o que estamos precisando. Na quietude que busca descobrir o que tem nos afligido, atormentado, prendido, pesado, e até nos realizado e feito felizes.
- Na flexibilidade, quando tentamos ajustar as coisas, ao invés de mostrar domínio. Quando procuramos ouvir, entender e desarmar tudo aquilo que tem sido motivo de guerras e dissoluções.
- No recuar, quando entendemos que não é vergonha nenhuma recomeçar quantas vezes forem necessárias até acertamos a rota.
- Quando insistimos em algo que ninguém gosta ou acredita, que parece impossível, mas que temos a certeza dentro de nós que é o correto a ser feito.
- Na compreensão de que nem sempre o que almejamos é compreensível ou nem sempre está no amadurecimento do outro entender. Assim como nem sempre compreenderemos.
- Quando nos permitimos tentar, errar, acertar, cair e levantar.
- Ao reconhecermos que não devemos tentar, e que não vale a pena. Como também quando nos esforçamos o quanto for preciso para fazer dar certo.
- Se reconhecemos que tomamos o caminho errado, pois

ninguém nasceu com o dever de acertar sempre.

- Ao ouvirmos conselhos, acatando orientações e não nos apoiamos unicamente no nosso entendimento.
- Em ajudar, em deixar ser ajudado, como em deixar de ajudar.
- Quando buscamos, quando abrimos mão, quando paramos, quando persistimos, quando desistimos, quando acreditamos ou quando não temos forças, mas procuramos tentar.
- No silêncio, no grito, na voz e no gesto. E em coisas que precisam ser ditas se queremos alguma mudança.

Existe atitude quando buscamos a paz, porém existem situações em que a atitude está quando lutamos e guerreamos. E não digo aqui uma luta violenta e física, e sim uma luta de se guerrear e batalhar com a força da mente, da ousadia, da fé, da alma, do coração e da ação.

Existe atitude até mesmo quando estamos parados. Pois há momentos em que estamos tão desorientados que a melhor atitude é parar, refletir, alinhar as ideias, para que isso possa trazer o bom direcionamento daquilo que devemos agir.

Sim. Existe atitude em reconhecer que se está perdido e em parar de querer se mostrar forte.

Você consegue ouvir a sua alma? Eu consigo ouvir a minha. Há muita atitude em ouvir.

E não se iluda. Nem sempre tudo é tão tranquilo. Muitas vezes, e literalmente, será necessário correr, expor a “suposta loucura”, impor-se, fazer-se presente, ir na contramão,

submergir ou emergir em situações, subir a lugares extremamente altos ou descer a lugares mais profundos “da decisão”, entre outras ações extremas que exigem um nível mais desafiador de atitude. Lógico, tudo isso dentro de um campo de determinação, mover, segurança e sensatez, não no sentido agressivo que falte com respeito a sua vida ou a do outro. Mas no que diz respeito a ousar numa larga escala de ousadia se for preciso.

E em todas essas formas de agir, nossa semente, nossa colheita, nossa nuvem, nossa chuva.

Presente. Sempre o presente. Cada dia o céu amanhece de um jeito, que é para lembrarmos que o céu de hoje nunca será idêntico ao céu de ontem, e nem o de hoje é certeza do céu de amanhã. Deixemos as sombras do passado, os anseios do futuro, as incertezas do presente e as sombras alheias de lado. Que venha o fim de muitas sombras.

E caso se preocupe em não magoar ou não atingir pessoas que ama com suas decisões, lembre-se de que a melhor maneira de você fazer isso é tentando ser feliz e se amando primeiramente. Pois se amando e respeitando a si, você consegue respeitar os demais e conquistar respeito.

Procurando se conhecer, consegue entender o que está fazendo. Aqueles que o amam, no tempo certo (nem cedo e nem tarde), entenderão que você é passível de erros, de acertos e de escolhas, como eles. Porém, você também precisa entender isso.

Agora, para aqueles que se habituaram a viver às sombras e às custas de alguém, recebendo ajuda (seja da forma que for), ou se apoiam em pessoas e coisas para sua estabilidade financeira,

social, religiosa, sentimental e outras, também pode ter chegado a hora de se autoconhecer. Pode ter chegado o momento de fazer essa sombra da dependência se dissipar.

Você pode até pensar: “Por enquanto está tudo bem dessa forma, muito obrigada”. Afinal, por que se esforçar se tem alguém que sustenta você, ou para que buscar autonomia na vida se tem uma boa posição social, e por que buscar ser feliz, se recebe as migalhas de sentimentos de alguém?

Para que pensar, orar, questionar, refletir, meditar e aprender sobre a fé que segue (isso para quem possui alguma), se há um líder religioso para pensar, buscar e fazer tudo isso por você? Por que se aprimorar no trabalho, se tem amizade ou parentesco com o patrão?

Qual o sentido de buscar o desenvolvimento do relacionamento, se sente que a outra pessoa ama você o suficiente? Para que melhorar a relação se é uma relação estável?

Sombras, sombras, sombras, como as nuvens se vêm e se vão! Pessoas confiantes demais no cenário que vivem, como se fossem imunes a mudanças ou desprendidas a melhorias e transformações. Aprendem desde cedo a se apoiarem em pessoas e coisas, esquecendo-se que essas mudam.

Nunca cogitaram a hipótese de surpresas, e por isso nunca se prepararam para elas. Acreditam que os fins, os sustos, os imprevistos, as alterações de sentimentos e situações só atingem as outras vidas, não a delas. Lidar com esses altos e baixos é difícil para aqueles que pensam nisso, imagina para quem nem pensa.

Mesmo o fim sendo algo natural, alcançando todos de formas

positivas e negativas, compondo parte da construção, da desconstrução e da reforma individual, ainda assim, não sabemos administrar. A humanidade ainda está aprendendo a conhecê-lo, por mais familiar que seja em toda a existência.

E pelos fins ou falta deles, tantas doenças são geradas, guerras, conflitos, vaidades, soberbas, humilhações, depressões, mágoas, decepções, desamores, infelicidades, divisões, iras, ódios, falências, solidões, desencontros e vidas estacionadas ou destruídas.

Muitos dizem que não querem pensar nisso até que chegue. Essa é a questão. Pois esses podem estar precisando determinar alguns pontos finais para avançarem e não somente esperá-los. E mesmo sabendo que também existe um processo natural das coisas, um tempo para tudo, isso não isenta uma possível necessidade de ação.

Para os que se sentem destruídos que chegue o entendimento de que é possível recomeçar. Não se debruce no passado. Para os que se sentem imunes que chegue o alerta de precaução. Para os que se sentem fracos ou perdidos que chegue a coragem. Não se apoie no futuro esperando demais. O que importa é que tentemos ser pessoas mais flexíveis, ousadas e verdadeiras para o presente.

Que sejamos estimulados a alcançar a superação e a compreensão necessárias para cada etapa. E quando nos esquecermos ou não tivermos forças, que estejamos rodeados de pessoas e de sociedades mais preparadas para nos ajudarem a lidar com tudo isso.

“Quem observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará.” (Eclesiastes 11: 4).

Refleta:

O fim que eu não aceito

São muitos os fins que não aceitamos e não toleramos. Eles sendo confirmados ou não, conclusivos ou não, que importa? Não muda o fato de que “não aceitamos e não toleramos”.

O fim da vida de alguém que amamos sempre traz uma dor de sensação incurável. Alguns convivem com a dor e a aceitam como uma peça que faz parte da existência. Outros não superam essa dor, rejeitam, não aceitam e não conseguem mais encontrar sentido para viver. Digo isso porque para mim também é o fim mais difícil. Costumo dizer quando me perguntam se consigo lidar com isso: “Tento, mas ainda tenho dificuldade em lidar com muitas coisas. E preciso que me lembrem dessas palavras quando eu precisar”. Porque nessa troca de experiências sobre os fins da vida, sempre uns vão lembrando aos outros como voltar a ver a luz no fim do túnel, e continuar seguindo. E assim caminha a humanidade.

Há também o fim do sucesso, trazendo insegurança e sensação de impotência. Ora é compreendido como parte do processo, uma fase (com começo, meio e fim), ora é inaceitável com inúmeras tentativas frustradas de lutar por um resultado que não voltará.

É possível sim reverter muitas situações, e acho louvável a capacidade de algumas pessoas fazerem o máximo para

obterem sucesso de algo novamente. Porém, também vejo grandeza naquelas que reconhecem e identificam que há tempo para tudo, onde ciclos começam e terminam. Porque em alguns momentos é normal ter gratidão e lembranças daquilo que se teve êxito, só que precisamos nos permitir novas fases e oportunidades que também possam trazer ótimos resultados e glórias.

Isso não significa que a pessoa nunca mais terá sucesso. Significa que, talvez, naquilo que ela espera e que foi sucesso um dia, não, não terá. O que não impede que ela tenha sucesso menor, maior ou igual em outros projetos. É preciso aceitar isso e se ver livre para prosseguir.

Existe o fim dos sentimentos e relacionamentos, acabando com qualquer tentativa de reaproximação. Nesse convívio com muitas famílias em diversos ambientes religiosos (e nos últimos anos nas igrejas), testemunhei bem de perto histórias de destruição e de restauração das mais variadas.

Pessoas que se separaram e depois reaproximaram com amor redobrado, amizades sendo destruídas, laços de famílias sendo rompidos, e depois, sendo restaurados por Deus e por aqueles que se abriram para isso. Então, vi o poder do amor e o que ele pode fazer.

Certa vez, conheci um casal que ficou separado por anos devido a problemas de alcoolismo do marido. A mulher, cansada de esperar a melhora, mudou-se para outro estado com seus filhos. O sofrimento faz essas coisas. A pessoa se vê numa encruzilhada, entre escolher sofrer a perda ou escolher sofrer pela espera de algo que pode nunca acontecer.

Foi o que aconteceu. Ela optou por sofrer a dor da perda do casamento. Até que tempos depois eles se reencontraram e viram o desejo de uma nova tentativa, passo a passo, com novas descobertas, com respeito, como se estivessem aprendendo a engatinhar e se conhecendo pela primeira vez. Estão juntos desde então, pois dessa vez ambos agiram de forma diferente e buscaram ajuda.

Imagine agora se esse casal não tivesse tentado outra vez e tivesse se conformado com o fim? Ao se permitir outra chance e ao se abrirem para mudanças e respeito mútuo, eles entenderam que quem guia a correnteza do “rio da vida” que Deus permitiu somos nós. Esse tipo de vitória existe, mas você deve saber que o contrário também acontece.

Há situações em que o “rio” dá todos os indícios e sinais de que ele está conduzindo para outro caminho, e que é inútil ficar dando braçadas contra a correnteza. E a gente se nega a aceitar. Sofremos e fazemos sofrer. Insistimos e persistimos em continuar dando braçadas inúteis nessa jornada contrária. Contrária não ao que desejamos, porém, talvez, contrária àquilo que nos espera.

É bem verdade que, no fundo, cada um sabe o que a vida tem mostrado para si. Cada um sente em seu interior os chamados “pressentimentos” do que vale a pena insistir – seja em qualquer área – ou do que se reluta por teimosia.

E que tal aceitar? Sim, aceitar. Porque nem sempre se trata de evitar que o fim chegue. Nem se trata de se culpar ao sofrer por isso, pois ninguém é robô. Trata-se de sofrer aceitando ou sofrer rejeitando, sofrer refém ou sofrer reagindo e buscando

transformação de vida. Há, inclusive, momentos em que o fim já chegou faz tempo e não há o que fazer. Persistir pode ou não trazer a mudança de cenário, só que nem sempre traz o que esperamos. E, às vezes, quando se prende a uma situação que não irá se reverter, isso pode trazer a extensão do sofrimento para um tempo maior do que o necessário. Acorrentamos certas jornadas, não deixando seguirem seu rumo e nem concluírem aquilo pelo qual vieram. Nossas atitudes só conseguem expressar: “Não largo, não solto, não deixo, não vou, não pode ser”.

Em muitas crenças sobre as formas de perseverança, há quem sintam que vale a pena ter fé, lutar e persistir, e realmente estão praticando a esperança. Há virtude nisso. Porém, mesmo nesses grupos, há quem esteja com engano, pensando que está exercendo a esperança, quando, na verdade, está se iludindo, se enganando, sofrendo imposições, sem coragem ou sofrendo influências. Se o fim chegou, se lutou, não se culpe. Deixe o fim concluir o que precisa ser concluído.

Precisamos exercitar o discernimento a todo tempo. Pensar, refletir, analisar, pesar na balança, e acima de tudo praticar a fé e a esperança de forma consciente e sem cegueiras (e de preferência pedindo ajuda profissional “certa”). Dentro das igrejas, nas muitas religiões, e fora delas, muitos não concordam com essa minha forma de pensar. E não peço que concordem. É direito de cada um expressar sua própria interpretação e entendimento. Não compartilho a falta de fé em um Deus que nos ajuda a mudar situações e nos capacita para isso. Como também não compartilho a descrença no ser humano que pode

transformar histórias e alcançar objetivos. Pelo contrário. É justamente nesse Deus Poderoso e Misericordioso e em pessoas capazes de evoluir e vencer que acredito. Acredito que o inimaginável possa ser conquistado.

Contudo, crenças diversas (e falta delas), racionalidades e otimismo à parte, o que não compartilho é pessoas presas a situações que nunca mudarão, por dogmas, por pressões diversas, por vontades, por falsas promessas e por manipulações, sendo torturadas emocionalmente (ou até fisicamente) e ainda se sentindo com culpa por isso. Culpa por não ter alcançado ou vencido. O que não compartilho é a ilusão disfarçada de esperança, ou a opressão disfarçada de conselho.

Na minha forma de compreensão, isso é limitar demais a grandiosidade de Deus, a engenhosidade do universo, da natureza, da criação que Ele fez, que no meu ver, transforma-se e se supera a todo momento. Triste é ver pessoas (e isso pode me incluir) empacadas naquilo que querem e que talvez nunca aconteça.

O que não quer dizer que indico quebras de alianças a todo o tempo, como se não houvesse respeito, esforço e esperança. Ou que aconselho a desistir sempre sem nunca tentar, pois se desistir facilmente nunca saberá se era possível mudar o contexto. Amo a esperança e admiro as tentativas.

Inclusive, eu mesma sou um fruto de tentativas. E pude experimentar sabores e dissabores diversos de tentativas e da falta delas.

Sei que hoje em dia, em qualquer área, as pessoas estão acostumadas a desistir muito facilmente de tudo. Não. Não acho

que esse é o caminho da felicidade, seja qual for o tipo de aliança ou área em questão (lembrando que isso pode variar conforme o caso). Mas a persistência não cabe em qualquer lugar.

Que tal criar o hábito de meditar e analisar algumas questões? Questões essas que podem auxiliar a resolver algumas zonas de conflitos. Todos nós, em todas as perdas e ganhos, precisamos nos perguntar: “É isso mesmo? É realmente necessário? Há sentido nisso? Será que vale a pena? É isso o que a vida me reserva? Será que parou por aí? Será que tem mais a oferecer? Será que já chega? Quais as consequências disso?”. Sim. Nada melhor do que uma conversa da gente com a gente mesmo, desde que nos permitamos falar e ouvir o que é necessário.

Temos de tomar cuidado até com os conselhos que podem nos influenciar. Porque sendo bons ou ruins, são reflexos do que as pessoas acreditam, pensam e opinam. Só a nossa voz interior conhece de fato o que realmente queremos, sentimos, acreditamos, pensamos e precisamos.

E o problema não está em ouvir conselhos. Conselhos sempre são bem-vindos, pois na troca de experiências há muito aprendizado. O risco está em ouvir somente os outros e não se ouvir (e no meu caso, não discernir a voz de Deus). Pois de todas as vozes humanas, a nossa é a mais importante.

Vamos exemplificar. Tente recordar quantos casos você conhece de pessoas que continuam chorando pelo amor que foi embora e que nunca voltará, enquanto outro amor pode estar somente esperando uma oportunidade?

Quantas pessoas estão sofrendo abusos, violências e riscos

em relacionamentos tóxicos que nunca melhorarão? Porque numa relação saudável, ambos precisam estar dispostos a tentar e a querer fazer dar certo com respeito e amor. Acredite, algumas pessoas até tentarão melhorar e conseguirão, porém, muitas passam a vida sem transformação, desprezando a relação, egoístas, agressivas e sem querer mudanças.

Quantas pessoas vivendo fora do seu propósito de vida? Quantas pessoas esperando uma melhora que não virá? E dentro desse grupo, há aqueles que não aceitam isso, e que querem fazer acontecer a todo custo. No futuro, perceberão que foi perda de tempo. O que não quer dizer que se deva perder a fé. Entretanto, até a fé ensina sobre a sabedoria, indicando aquilo que possa trazer alegria, cuidado, carinho, ou sofrimento, perigo e dor. E para quem não tem fé também existem valores que norteiam aquilo que merece o esforço e o que não merece.

Nas formas diferentes de crer ou não crer, somos orientados quando estamos num caminho de edificação ou de destruição, de alegria ou de tristeza, de paz ou de guerra, de ignorância ou de evolução, e quais os riscos de insistências perigosas.

Tem muita gente deixando de se apoiar na fé para satisfazer seus prazeres e caprichos, como tem gente se apoiando demais na fé para não melhorar de vida. Porém, em tudo isso, imagine os perigos das muitas opiniões nos influenciando e dos ensinamentos equivocados por todos os lados.

A verdade é que temos dificuldades em compreender que nem tudo na vida sai como queremos ou como os outros querem.

Continuar insistindo em algo que demonstrou falência, e que

só traz tristeza e problemas mesmo depois de inúmeras tentativas, já é um tipo de fim, independentemente se está registrado ou não em certidões, carteiras profissionais, status de redes sociais e relatórios.

E quando me pego nessas teimosias e insistências que não são frutos da esperança, e sim de alguém que não quer “dar o braço a torcer”, olho no espelho e digo: “ ‘ É sério mesmo, Cíntia? Você pode mais do que isso”.

Por isso, busque uma releitura das situações. Como naqueles filmes que reprisamos constantemente, e a cada reprise vemos detalhes que antes não tínhamos percebido. Entenda os sinais que tentam mostrar a você se vale a pena persistir ou se vale a pena se conformar, se cabe a luta ou se cabe a aceitação, se merece se agarrar com todas as forças ou se merece que abra mão, diante das decisões que impactarão no presente e no futuro.

“Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço” (Romanos 7: 15).

Refleta:

O fim das ideias

Certa vez fui convidada a ministrar em determinado local. Então cheguei em casa e comecei a folhear a Bíblia sobre o que queria falar. Li referências, pesquisei e mergulhei naquilo que gostaria de levar como explanação do tema. E adivinhe qual foi o resultado? Nada. Ou melhor, nenhum. Uma página em branco, com frases soltas e sem sentido. Aquilo foi trazendo angústia, pois as horas estavam passando, e eu não conseguia sequer construir um esboço de qualquer coisa digna de ser ministrada.

Pensei “Como pode isso? Estava tudo mais ou menos elaborado dentro da minha mente e eu tinha uma noção do que queria produzir, mas de repente tudo se apagou.” As ideias sumiram! Perdi totalmente o foco da mensagem e minha inspiração espiritual sumiu de uma hora para outra. Será que sumiu mesmo ou estava adormecida em algum lugar?

Foi quando respirei fundo e uma voz dentro de mim disse: “Está dando espaço para sua mente fluir ou está presa àquilo que as pessoas querem que você diga e faça? Está elaborando algo em que acredita ou está se forçando a buscar algo que tenha a aceitação de todos? Porque se for a última opção, esqueça. Não irá ter sucesso nessa explanação”.

Foi assim que me dei conta de que a maneira como desenvolvia projetos, ideias e trabalhos alternavam muito em

resultados com base naquilo em que estavam apoiados para a elaboração: a capacidade dada por Deus existente na natureza humana para explorar e expandir o processo criativo e de conhecimento, ou a busca de sucesso e aceitação popular.

Os conflitos dentro de mim iam desde os lugares que minha “alma voava e percorria” com liberdade na mente até os lugares de dogmas, conceitos, teorias, doutrinas, costumes, ensinamentos familiares e opiniões alheias que faziam minha mente limitar “minha alma, já não tão livre assim”.

É lógico que qualquer trabalho que tenha um público-alvo, a aprovação da maioria costuma ser sinal de que o trabalho foi bem-sucedido.

Porém, até para entregar um bom resultado, seja qual for o projeto e o trabalho, é preciso dar espaço para que seja construído com base na nossa capacidade de criação e não com base na resposta final. E nem sempre um projeto malsucedido significa que foi um projeto ruim. Porque vai depender muito do interesse de quem idealizou: apresentar aquilo que acredita ou alimentar o que os outros acreditam.

Da mesma forma, nem sempre um projeto de sucesso significa que era um excelente trabalho desempenhado. Pode ser que seja incompleto ou até mal elaborado, só que tenha “atendido” à necessidade daqueles que o receberam.

Veja que incrível. Depois de ter ouvido essa voz interior alertando para eu me desprender da necessidade de agradar aos outros, tudo começou a fluir naturalmente. Aparecia na minha mente tudo muito bem desenhado e narrado, e as ideias faziam a “alma” passear levemente e sem amarras.

No dia seguinte, depois de ter explanado, o resultado foi melhor do que esperava. Pessoas foram impactadas e tocadas de uma forma que eu nunca imaginaria, pois captaram a essência da mensagem de forma bem receptiva (e nem sei se era isso que esperavam receber, mas receberam).

Outra situação em que isso se mostrou muito real foi quando trabalhei em uma instituição financeira. As projeções de metas e vendas de produtos bancários eram gigantescas. Então, eu ficava frustrada de ver que outros colegas da equipe surgiam com resultados de 150%, levando seus nomes ao topo da lista de reconhecimento da região, e eu mal conseguia bater 50% do que havia sido determinado a mim.

Aquilo tirava minhas noites de sono. No dia seguinte, eu tentava novamente copiar a forma como eles trabalhavam, ou projetar ações com base nos resultados dos colegas. Mais uma vez, eu não saía do lugar.

Como poderia ter ideias usando a mente dos outros? Como poderia enxergar uma solução com os olhos dos colegas? E como sairia do lugar usando as pernas alheias? Era como nadar sem sair do lugar. Minha capacidade de produzir não tinha morrido, mesmo sendo essa a sensação, a de que eu tinha alcançado o esgotamento de raciocínio.

Simplemente estava limitando a minha forma de trabalhar, de superar, de criar e de desenvolver os resultados com formas de trabalho que não me identificava. Todas aquelas tentativas não foram tentadas como Cíntia, e sim como sendo alguém que não eu mesma. Aquele não era o meu jeito de produzir, de buscar metas e nem de exercer a função.

Estava muito preocupada com números e prêmios, com reconhecimentos e competições internas, e não em me enxergar dentro daquele contexto e descobrir o que tinha a oferecer dentro do meu método de trabalho. Oferecia produtos usando as estratégias dos colaboradores que tinham aptidão para aquilo, e não aproveitava os meus próprios dons e aptidões para definir minhas estratégias. Lógico que devemos levar em conta sempre os aprendizados com as trocas de experiências, pois é com elas que aprendemos muito, mas não podemos com isso sufocar a nossa capacidade.

Decidi sentar-me ao lado do meu chefe e desabafar: “Essa não sou eu. Não consigo trabalhar dessa maneira. Preciso colocar em prática a minha forma de trabalhar e o meu jeito para buscar os resultados. Isso implica em agir totalmente diferente dos colegas, com outras estratégias, até meio estranhas e informais, porém dentro das minhas capacidades, dentro daquilo que acredito que seja correto e usando as ferramentas que sinto serem úteis, já que o habitual para mim não deu certo”. Ele sorriu, e disse: “Vai fundo! Faça do seu jeito, pois sei que é capaz à sua maneira. Só tente fazer dar certo”.

E o que seria à minha maneira? Sempre tive uma postura mais informal, até por ser criada em meio a um ambiente simples. Com essa mesma forma que havia aprendido a falar com as pessoas de todos os níveis e situações, em todos os lugares, expressando com sinceridade, sem frases decoradas, de forma objetiva, porém, usando certa familiaridade, assim comecei a estreitar a relação profissional com cada cliente e, como consequência, entendendo as necessidades deles.

Então, consegui uma oportunidade para dentro disso abordar e ofertar cada produto. Era sincera em dizer o que acreditava ser útil para os clientes e o que achava que era perda de tempo, independentemente se fecharia a venda ou não.

E para todos os grupos, ricos ou pobres, doutores ou pessoas sem estudo algum, humildes ou soberbos, jovens ou idosos, usava a mesma linguagem de igual para igual com todos. Olho no olho, sem rodeios, sem máscaras ou vantagens e sem aceção de pessoas. Gostassem ou não. Comprassem ou não. Mas dentro da ética e do profissionalismo, pois mesmo do meu jeito, ali era um ambiente de trabalho e não o quintal da minha casa.

E o resultado foi surpreendente. Por alguns meses fui destaque de vendas na região e até comecei a treinar novos funcionários como sendo referência. Estreitei os laços com clientes de vários segmentos, e muitos me procuravam, porque queriam ser atendidos somente por mim. Diziam que eu transmitia confiança e sinceridade para solucionar seus problemas, ainda que muitas questões estivessem fora da minha alçada. Sim. Pessoas de muitas posses, grandes empresários e comerciantes querendo ser atendidos pela “moça negra da periferia de linguagem simples e de fala direta que não bajulava ninguém. Mas que também não mentia, não se vendia e nem se corrompia”. Sim, um lindo equilíbrio de relações.

Totalmente fora das estratégias de bajulações, aceções e de frieza que são às vezes, não sempre, presentes no ramo. Usava ações totalmente diferentes daquelas comumente usadas para se vender. Algumas pessoas costumam atuar em todos os lugares, inclusive no serviço. Só que, para mim, o fato de não

atuar e ser eu mesma trouxe um leque muito maior de possibilidades. Quando se atua demais na vida, não se sabe como agir diante de situações inusitadas em que tiver de ser você.

E não digo isso somente em questões profissionais, mas para tudo. Ser eu mesma e não me corromper ou influenciar com os demais, para alguns, era decreto de derrota. Eu ouvia: “Não dá para só você querer agir diferente no meio da multidão que segue o mesmo padrão”. Porém, ao parar de imitar os comportamentos dos outros, minhas ideias encontraram espaço para iniciar.

Percebi que existia uma profissional esperando para ser desenvolvida com base nela mesma e não com base em sucessos ou estratégias de terceiros. O sucesso é maravilhoso sim, porém como fruto e não como alicerce. Como resultado de uma jornada de satisfação e não como resultado de uma jornada vazia e infeliz.

Ainda que muitos busquem se aprimorar e se desenvolver para um dia alcançarem esse resultado. Um trabalho bem-sucedido não pode se limitar ao que os outros esperam. Isso seria como “podar” nosso potencial que pode ir além do que as pessoas querem ou fazem.

Convivo com muitas pessoas que em diversas ocasiões se anularam por conta daquilo que era o sucesso esperado, ou em identidades que não eram as delas.

Como haveria espaço para o novo dentro de uma mente cheia de pensamentos impostos e predeterminados? Não se limite. E se for preciso, dê um fim a tudo aquilo que tem sufocado suas

aptidões e seus dons. Permita-se cada vez mais liberar espaço para sua própria expansão. Quando fazemos algo porque acreditamos, isso por si só é um grande resultado. Afinal, o sucesso deve começar nos outros ou em nós? E o que realmente é sucesso? Você é a sua melhor ideia!

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento...”
(Romanos 12: 2).

Refleta:

De onde vim? Do fim

Sabemos que todo processo de desconstrução traz em si perdas, ganhos, mudanças, descobertas, escolhas, e dentro disso, algo difícil ou não, positivo ou não. Tudo irá depender das decisões, objetivos e motivos que ocasionaram essa desconstrução. Parcial ou radicalmente, as transformações tendem a nos direcionar para determinado rumo.

O que ocasionou o “fim do velho eu” para dar “início ao novo eu”? Ou o que foi modificado no que você era para a construção de quem você é?

O que se desconstruiu era o que não pertencia mais à sua personalidade, algo que estava perdido e sem lugar, ou era o seu verdadeiro “eu” que foi desconstruído para que seu novo “eu” fosse aceito?

A desconstrução surgiu para dar lugar a você ou foi para o anular? O objetivo valeu a pena?

Essa mudança aconteceu naturalmente como parte da edificação do seu ser, parte da sua história e de quem você se tornou ou você se pressionou a isso?

Se você se impôs essa transformação, foi para dar lugar a uma identificação mais verdadeira de si ou para sufocar um “eu” que você não aceita?

E continuando ainda esse momento reflexivo. Você está com a mente aberta para que esse processo de desconstrução e construção seja gradual e constante?

Está flexível para adicionar ou retirar peças desse quebra-cabeça interior sempre que for preciso? Ou acredita que quem você é hoje lhe basta e não precisará mais de alterações? É a versão suficiente de você?

Por fim, será que alguma vez na vida você já se desconstruiu? Isso foi algo bom ou ruim?

São perguntas que faço a mim mesma constantemente.

Uma vez ouvi de um rapaz divorciado que um dos principais motivos que o levou a essa decisão foi o fato dele ter se anulado por anos. Alegou que nunca teve voz ativa para as decisões da família, que era humilhado e que nunca teve liberdade de escolha para seus sonhos e projetos. Ou seja, não conseguia mais se encontrar e ter autonomia. Segundo ele, estava se sentindo sem identidade e sem respeito no meio onde vivia.

Dizia ainda que essa forma de vida o levou a ser uma pessoa diferente do que realmente era, um homem mais frio, menos sensível, prático, egoísta e que não sonhava mais.

Por outro lado, o que ele alegava ser uma anulação de si próprio o levou a ter algumas vantagens, mordomias e regalias ao se encaixar nas exigências familiares. O que talvez tenha influenciado para que ele se permitisse ser anulado.

Quando ouvi esse relato, logo pensei: “Será que a vida, o casamento, a família e as pessoas do seu núcleo o forçaram a essa mudança de comportamento? Ou será que quando ele se

deparou com a oportunidade de obter benefícios cumprindo o que esperavam dele, ele mesmo se forçou a ser outra pessoa?”

E dentro dessa reflexão também questionei em meus pensamentos: “Será que se ele não tivesse as vantagens batendo à sua porta, teria se anulado dessa maneira? Foi uma anulação obrigatória, permissiva ou as duas coisas?”.

Só quem saberá essa resposta é ele mesmo, se é que se pergunta sobre isso. Muitas vezes as pessoas nem se dão ao trabalho de perguntarem por que chegaram a determinado ponto da vida como são ou estão. E não digo isso por achar que ele deva explicações por suas decisões, pois isso só compete a ele e aos envolvidos. Mas, no intuito de aprender e me colocando no lugar dele. Se tivesse feito esses questionamentos, poderia ter se encontrado e talvez resolvido seus conflitos pessoais, com ou sem divórcio.

Trazendo para nossas vidas em áreas que nos culpamos ou culpamos situações e pessoas para justificarmos aquilo que nos tornamos, pensemos um pouco o que nos levou a isso. Citando mais um exemplo, lembro-me de uma conhecida que sempre se lamentava e chorava no portão de todos porque seu marido havia a abandonado por uma mulher muito mais nova e deixado ela na miséria.

Ele havia destinado todos os bens e frutos do casamento ao novo relacionamento. O ex-marido deixou somente uma pequena pensão para a ex-mulher, que mal dava para os gastos da casa.

Sabemos que isso ainda é muito comum. Pessoas companheiras de muitos anos saírem de uma relação com uma

parcela injusta perto daquilo que ajudaram a construir.

Dentro desse desabafo, também tinha a frustração de ter abandonado sua profissão há muitos anos, no início do casamento, pois o marido havia decidido que ele ganhava o suficiente para sustentar a família, e que então ela deveria cuidar dos filhos e da casa. Nesse filme triste da vida real, dia após dia ela chorava sua atual situação.

Eu me compadecia com essa história e imaginava a dor que ela sentia nessa condição frustrante em que se encontrava. Só que me perguntava quando presenciava essa cena: “Essa realidade foi forçada ou permitida? E ainda que tenha sido forçada (o que culturalmente não é novidade, infelizmente), a situação agora depende do retorno do marido para que ela volte a ter dignidade diante dela e diante de todos? Ou depende dela mesma entender que essa desconstrução pode ser ponte para uma nova construção? Será que a culpa foi somente do marido para o que ela se anulou? E será que realmente ela perdeu a dignidade?”.

Meu objetivo é apontar culpados nesses exemplos? Não. Não estou definindo erros ou acertos, réus ou vítimas, promotores ou defensores de cada um. Não cabe a mim as pedras e juízos. Creio que o que tiver de ser aprendido por todos será aprendido. Debaixo de um teto, só quem esteve lá sabe a realidade e o que cada um viveu. Se perguntarmos, todos terão suas justificativas e razões. Quanto aos direitos, cabe a cada um lutar pelos seus.

O que quero trazer como apontamento é que nessas situações e em muitas outras, as pessoas precisam acreditar que existem outros caminhos. Tem um acúmulo de coisas que força o

indivíduo ou que o indivíduo força a si mesmo a ter comportamentos que não condizem com quem ele é. Mudanças de pensamentos e sentimentos nos quais as pessoas descobrem que quem elas se tornaram não condiz com quem elas são de fato. Ou até quem elas pensam que são não condiz com quem realmente elas são. Sim. Pessoas que descobrem que não se conhecem de verdade. Outros se deparam com um lado sombrio ou um lado iluminado dentro de si mesmos que nem imaginavam que existisse.

Mas estacionar procurando culpados nem sempre é o melhor caminho. Porque se somos permissíveis para deixar que nos anulem, mesmo mudando de contexto, isso pode continuar acontecendo. A raiz do problema, o hábito de se anular e as ferramentas para que isso não aconteça devem ser o nosso alvo.

Cada um sabe como se vê no seu histórico, o que fez, o que lhe fizeram e o que passou. São vidas repletas de incontáveis ingredientes. A cada pitada adicionada ou a cada falta dela, mudam a receita a todo instante, podendo conduzir escolhas, forçadas ou não, corretas ou não, capazes de mudar as vidas de uma hora para outra.

O interessante é que nem sempre isso é algo que queremos, esperamos, estamos preparados para lidar ou encaramos como parte da vida. Nesses exemplos citados acima, seria muito mais fácil se o divórcio não acontecesse, ou se o ex-marido deixasse a amante para voltar a cuidar da esposa que um dia abandonou a carreira pela família. E pronto. Problema resolvido. Porém, será que precisamos esperar por isso como sendo a solução que a vida espera de nós? Será que esse retorno é a única escolha que

resta para a “conhecida” ser feliz e vitoriosa? Será que temos de nos conformar sempre como a realidade sendo a única opção?

Creio que não. Mas vejo que nessas horas esperamos que a solução venha pelo caminho mais fácil. Quando, na verdade, somos colocados diante de algo que nos faz repensar nossas escolhas e comportamentos, e o que queremos dali em diante. E se isso acontece é porque a vida está nos dando a oportunidade de colocar as coisas em seu devido lugar. Como elas deveriam ser ou estar e, por algum motivo, tiveram seu desvio de percurso.

Chance de arrumar dentro de nós, limpar o que precisa ser limpo, fortalecer o que precisa ser fortalecido, aceitar o que precisa ser aceito. Chance de corrigir, abastecer, esvaziar, desenvolver, encontrar, perder, entender, tirar, colocar, crer, descrer, ou simplesmente aprender e ajustar.

O rapaz com discurso de ser manipulado muitas vezes representa cada um de nós nos deixando manipular. “Desde que nos convém, que mal tem?” Tem sim.

Infelizmente, mesmo no século presente, muitos se anulam por questão de vida ou morte. Culturas em que as pessoas sofrem verdadeira ameaça e risco caso não “cauterizem” seus pensamentos e vontades. E, ainda assim, digo que deveriam esperar a ocasião certa para buscar uma oportunidade segura de combater tal opressão ou fugir dela. Pois ninguém deve aceitar para sempre, ainda que com riscos, afinal, continuar vivendo assim também é um risco.

Contudo, há quem se deixe ser dominado, num ambiente favorável ou não, por simples covardia, medo, comodismo,

interesse próprio, preguiça, costume, falta de iniciativa ou de amor-próprio. Tem gente que precisa do famoso “empurrãozinho” para começar a olhar mais para si. O problema é que há momentos que só cada um de nós pode se “empurrar”.

Se deixarmos um pouco de lado “o motivo”, e passarmos a levar mais em conta “de que isso me serve e o que faço agora que isso aconteceu?”, acredito que seria muito mais proveitoso. Perderíamos menos tempo. Se pararmos de achar culpados e aproveitarmos essa desconstrução como ponte para nos edificarmos, pensaremos:

Se perdi, que tal aproveitar para tentar ganhar?

Se fracassei, que tal aproveitar para tentar algo novo?

Se sofri, que tal aprender a descobrir novas formas de alegria?

Se senti a dor do amor, que tal me permitir um novo amor?

Se passei por violência e abusos, que tal transformar a dor para ajudar as pessoas?

Pensem juntos. Podemos ir a muitos lugares, alcançar conquistas, viver emoções, sentimentos e descobertas através dos nossos pensamentos. Vamos passear um pouco.

Que tal quem parou no tempo aproveitar para recuperar o tempo perdido resgatando ou descobrindo aptidões?

Que tal quem se anulou experimentar se aceitar?

Que tal quem sente um vazio dar espaço para ser cheio?

Que tal buscar se conhecer mais, procurar outros caminhos, novas teclas, novos laços, novos vínculos, novas formas de pensar e agir?

Que tal viajar, conhecer, passear, mexer, vasculhar as coisas?

Perceber os motivos pode ajudar a entender o problema, mas se prender aos motivos nos impede de avançar em nossa desconstrução para transformá-la em construção e reedificação. E não pense que isso é somente para perdas e tristezas. Não, não.

Isso também serve para quem ganhou, quem está amando, quem está feliz, quem conquistou e quem aparentemente vive a vida perfeita, se é que isso existe. A desconstrução envolve todas as áreas e experiências diversas para todos. Precisamos nos resignificar.

Que tal quem é vitorioso fazer disso algo útil em várias formas?

Que tal quem conquistou descobrir novos horizontes?

Que tal quem vive o amor canalizar para novas formas de expressão e expandir esse amor?

Que tal quem é alegre aproveitar para aumentar o campo de alcance dessa alegria?

Que tal quem é próspero aproveitar a oportunidade para se redescobrir e desenvolver novos dons? Que tal expandir o sentido e o alcance dessa prosperidade?

O ser humano facilmente se apoia em justificativas para não se movimentar.

Tudo depende da forma como você e eu reagimos a tudo. Nós decidimos se os tijolos caídos serão um muro em ruínas ou se serão alicerces para novos muros.

Com qual embasamento ou autoridade digo essas coisas?

Acredite, a partir daquilo que vivo, do que me trouxe dores e alegrias, perdas e vitórias e, principalmente, daquilo que sinto

como necessidade de maior entendimento. E é por isso que não trago respostas, mas pensamentos e tentativas.

Trago dúvidas e certezas que constantemente tentam se encaixar na minha caminhada, e que pode ser que não sejam só minhas. Falar, ouvir, escrever e refletir sobre tudo isso é tão natural quanto deveria e é tão estranho quanto deveria, tanto para você quanto para mim.

Boa coisa é tentar tirar das experiências da vida, que não são poucas, algumas lições, para que, assim, tenha valido a pena tanto o que foi bom quanto o que foi ruim.

E não é fácil fazer isso e sugar os aprendizados de tudo. Por isso que algumas coisas consigo colocar em prática e outras não. Até aquelas que ainda não consigo, não deixam de ser lições por causa disso. Ainda são. Ainda têm a ensinar, e muito. Com base nisso que tenho experimentado afirmo com conhecimento de causa:

Parou no tempo? Aproveite então o tempo que lhe falta!

Sente que há esperança? Tente outra vez.

Sente que é inútil? Não perca tempo. Mude a forma de tentar ou mude de rumo.

Sofreu por amor? Tente um novo amor.

Sente que não se conhece? Procure se encontrar.

Sente que não se ama? Tente até conseguir.

Sofreu traição? É duro o que vou dizer, porém pode não ter sido a primeira e nem a última vez. E ainda que tenha sido, se apegue naquilo que foi verdadeiro para você e prossiga. “Bola pra frente”. Você pode se afastar, ou perdoar e continuar. Só que

é preciso enfrentar e fazer o que achar necessário para continuar caminhando em paz, e decidir aquilo que lhe trará um sentimento bom, e não uma decisão apoiada no medo, no ego ou na obrigação.

Sofreu alguma decepção? Não se iluda. Hoje fizeram com você, amanhã você pode fazer com alguém, se é que não tenha feito, ainda que de outra forma. A condenação que lançamos é traiçoeira e sempre espera uma brecha, um pretexto para voltar e nos condenar também.

Para definir quem você é ou pretende ser, não se apoie em pessoas – como você, elas também são falhas – ou em coisas e situações que constantemente podem mudar.

Permita que suas peças internas mudem ou troquem de lugar. Tente aproveitá-las de várias formas. Reposicione, tire e coloque, faça o que for preciso para melhorar seu caráter e seu modo de pensar e agir, tanto na paz quanto na guerra interior, tanto nos dias bons quanto nos dias maus. E lembre-se, isso não se trata somente de você, só que também do que você tem impactado no mundo onde vive e às pessoas ao seu redor.

Negar a si por conta da sociedade, dos que o rodeiam ou por vergonha de ser quem você é? Ilusão. Ninguém conseguirá se negar para sempre. Uma hora, o que tiver de se consolidar na sua forma de ser se consolidará. Há coisas que mudam, mas há coisas que permanecem.

Desprezar conselhos, costumes, crenças, ideias, maneiras de ser ou outras opiniões pelos seus conceitos e achismos é uma cilada. Às vezes de onde menos esperamos surgem as lições mais valiosas. Concordando ou não, aprenda com tudo. E

aprenda até a discordar.

Busque sua missão e seu lugar no mundo. Lembre-se: se a destruição chegou, a restauração também chegará. Se você é uma pessoa que foi anulada, pode ser confirmada; se foi presa, pode ser livre; se conquistou muito, pode ir além do que vê; se perdeu, pode conquistar; e se apanhou, pode ter se tornado forte. E o objetivo dessa força nem sempre se trata de “bater” ou “atacar”. Pois muitos confundem o propósito dessa força.

Sente muita cobrança e expectativa de todos ao seu redor quanto à sua vida, ou até você se cobra demais?

O problema não é a expectativa, pois ela sempre existiu e sempre existirá. A questão é dar espaço para que isso conduza seus caminhos ou não. É você quem permite que isso oprima você, sufoque e defina seus passos.

Foi dura a dor, a perda, a decepção ou a frustração? Sente medo ou mágoa? Pois é. Quem não sente? Se sim, isso é um bom sinal, pois faz você ser humano. E a dor tem mesmo de doer. É de direito senti-la diante de tudo o que se passou. Não acredito que deva ignorar o que sente. Esses sentimentos estão aí justamente para serem sentidos. Só não é feliz ficar marinando esses sentimentos “no vinagre” por um longo período.

Pois com essas emoções podemos estacionar, chorar a vida toda, tornar-nos inseguros ou buscarmos forças para recomeçar e tentar o que for preciso. Na verdade, já teremos aprendido que é possível não morrer disso. Se dói, também passa. E se doer de novo, vai passar de novo. Teremos experimentando o quanto a vida tem nos capacitado para a resistência e superação.

Não consegue? Isso não deve ser motivo de vergonha.

Também é humano assumir que não encontra meios de superação. Ninguém é super-homem e mulher maravilha na vida real. E para ser bem realista, até eles expõem suas fragilidades.

O que precisamos entender é que se for necessário devemos buscar ajuda e recursos como ferramentas para nossa edificação. Procurar meios (espirituais e profissionais) que estimulem o fim daquilo que impede de romper e avançar, e meios para superar os fins indesejáveis.

E continuar tentando sempre. Não conseguiu hoje? Tente amanhã novamente. E depois, e depois... Assim por diante. Uma hora dá certo.

Buscamos muito a aceitação e compreensão de todos. Não almejamos o principal, que é nos conhecermos e nos aceitarmos. Não trabalhamos em prol da nossa própria compreensão.

Quem nunca mudou de roupa para obedecer a alguém? Quem nunca “engoliu um sapo”, para satisfazer quem te manipulou?

Desde as escolhas mais simples até as que definem nossas trajetórias não podem ser feitas dessa maneira, pois irão impactar o presente ou toda a vida, nossa e de muitos. Até porque a realidade não pode ser vivida só de aparências. Há quem faça, mas não para sempre.

Nossas escolhas devem ter a nossa assinatura, ainda que com influências (étnico-raciais, culturais, religiosas, sociais, intelectuais), mas que somente nós podemos registrar. Deve ser flexível a alterações, inclusões ou exclusões que vão de acordo com aquilo que acreditamos nas etapas vividas e com o

contexto que estamos, e não um baú fechado, trancado, com chave jogada ao fundo do mar.

É algo que deve ser respeitado, primeiramente por nós e depois pelos outros, aceitando ou não, concordando ou não. O que não significa que isso nos dê o direito de invadirmos os limites e direitos das pessoas, porque isso não é nos descobrir e sim uma desculpa para agir sem consciência social, individual e coletiva.

Alguém que não respeita o próximo não somente deixou de compreender o outro, como deixou de se compreender. Porque se antes de qualquer coisa tivesse se compreendido, entenderia a necessidade do respeito que se espera como sendo a mesma necessidade do respeito que se dá.

Logo, se me compreendo e me enxergo, conheço o meu papel como ser em aprendizado e em construção e não consigo enxergar a outra pessoa de um jeito diferente desse. Começo a entender que o outro, assim como eu, precisa se descobrir, desenvolver, evoluir, cair e levantar. Se tenho sentimentos, emoções, medos, dores, crenças, fé, história, ousadias, fraquezas e pessoas que amo ou não, com certeza o outro também tem.

Na desconstrução, não conseguimos somente nos ver. Conseguimos enxergar muitos. Sim. Com um simples olhar para nós mesmos, vemos muitos seres em aprendizado. E não se iluda achando que quando buscar o entendimento de si, encontrará uma cartilha pronta com respostas para tudo. Se assim fosse, não estaríamos em constante transformação.

Assim como no quebra-cabeça, que a cada nova peça vai criando forma e dando mais sentido a tudo, bem assim acontece

conosco. Cada nova peça que entendemos e encaixamos dentro de nós vai dando mais sentido a todo o resto.

Desconstruir-se não é sinônimo de se destruir. É se reformular, sentir e ver a si mesmo, permitir, desabafar, encontrar-se. É se amar, aprender, perdoar a si mesmo e acreditar, encaixar consigo e com o mundo ao seu redor. E desse fim, partir.

“Os propósitos do coração do homem são águas profundas, mas quem tem discernimento os traz à tona”

(Provérbios 20: 5).

Refleta:

O sucesso acabou ou começou?

Neste livro me referi muitas vezes à palavra “sucesso”. E optei por utilizá-la para que conseguisse conduzir você a pontos de reflexão que dentro do conceito de sucesso ficaria mais fácil de ser compreendido. Afinal, o que é o sucesso?

Para Richard Shell, professor de Direito e Negociação de Wharton, “sucesso é quando você se sente bem consigo mesmo, com suas decisões (...); não significa apenas alcançar metas, mas sentir prazer nisso (...)”.

Já o escritor americano Henry Thoreau explicou que “o sucesso vem para aqueles que estão muito ocupados para ficar procurando isso”.

E para mim e para você, o que seria sucesso? Pode ser o conjunto dessas ou de muitas outras teorias, mas que, por fim, são filtradas na interpretação daquilo que nos é importante. Não podemos resumir a uma única vertente de conceito, entendimento ou importância, tendo em vista que muda de pessoa para pessoa, que há interpretações e objetivos distintos. Ao ouvir as experiências dos que se consideram “bem-sucedidos” e “malsucedidos”, coloco em prática uma das coisas que aprendi na Bíblia: “ouvi de tudo, retive o que era bom”.

Por que será que o sucesso é tão perseguido, tornando-se até obsessão para alguns? Existem aqueles que acreditam até que

encontraram a fórmula mágica para isso, como o trabalho constante e árduo, a persistência e até mesmo o pensamento positivo no resultado para atraí-lo.

E com certeza esses tiveram suas próprias vivências pessoais para defenderem suas definições. Isso precisa ser respeitado. A questão não é comparar as fórmulas e conceitos para encontrar a mais correta. Porque cada um terá uma forma de buscar e aplicá-lo. E sim juntos tentarmos entender um pouco o que representa ser bem-sucedido para cada um de nós.

Qual é o lugar do sucesso dentro dos nossos projetos de vida? Até que ponto virou um objetivo ou uma obsessão? Quando ele tem sido ponte e quando ele tem sido alicerce? Como tem sido saudável ou como tem sido doença? De que forma tem sido estímulo e de que forma tem sido obstáculo? Até que ponto é instrumento para nos exaltar ou para nos abater? E qual o limite para definir se esse sucesso libertou ou aprisionou?

Em uma ocasião, trabalhei com um homem muito admirado pela sua capacidade de produzir resultados de vendas. Era impressionante como ele conseguia conduzir seu trabalho e dos demais de forma tão leve, natural, com facilidade para resolver as situações mais difíceis e alcançar excelentes desempenhos. Por esse profissionalismo singular, as coisas começaram a fluir de forma muito rápida para ele.

Em pouco tempo fez seu nome obter lugar de destaque na empresa, com ótimas propostas de promoção, ganhando cada vez mais credibilidade entre os colegas de trabalho, na família e entre os chefes que estavam de olho nele e com grandes planos. Cada conquista, cada degrau, cada prêmio reafirmava nele a

vontade de crescer e alcançar um cargo mais elevado. E, com certeza, pela capacidade, tinha tudo para isso se concretizar naquele ambiente.

Porém, o que estava acontecendo naturalmente foi se tornando uma obsessão. Quando seu nome não estava em alguma premiação, ele se cobrava muito, como se fosse uma obrigação que as premiações fizessem parte do seu cotidiano, e um dever ter sido destaque. O que era uma característica invejável de sua forma de trabalhar e produzir sendo leve acabou se tornando um peso, para ele e para os outros funcionários que estavam ao seu redor.

Não era mais possível ver o brilho e o reflexo da sua simpatia e garra. Pouco víamos seu sorriso. Sua mesa era repleta de planilhas e mais planilhas, relatórios com os nomes destaques do mês, destaques da semana, premiados por cada produto, e seu nome aparecendo cada vez menos em todos.

Então, como não aceitava outra realidade que não fosse “ser bem-sucedido” em sua posição, começou a mudar sua forma de trabalhar, com atitudes que o levavam a buscar o sucesso de forma mais agressiva e pesada. Apelos, parcerias duvidosas, troca de vantagens começaram a ser degraus para subir, subir e continuar subindo. Aquele que antes era visto como o “queridinho” da empresa agora estava envolvido em confusões, disputas profissionais, crises, fofocas e com a imagem cada vez mais desgastada.

Na tentativa de acelerar sua projeção para uma promoção de cargo, começou a participar de diversas dinâmicas simultaneamente e em sigilo, cortando caminho, o que

acarretou desconfiança geral para aqueles que estavam auxiliando e promovendo as etapas necessárias para sua promoção.

Em que isso tudo resultou? No fim do seu sucesso naquele lugar (o que não impede o sucesso em outro).

Aonde quero chegar com isso é simples. Um homem com tudo para ser vitorioso naquela instituição, com alto salário, ótimos benefícios, com uma família próspera que o apoiava em tudo, com um futuro promissor, possuidor de uma alta capacidade de produzir resultados elevados e que não foram o suficiente. O que seria uma concepção de uma pessoa bem-sucedida para ele?

Por que as conquistas que caminhavam para um futuro promissor não bastaram?

Por que estar em determinada posição e usufruir de um modelo de vida para uns são motivos de regozijo e para outros de insatisfação? Algumas pessoas lutam a vida toda para conquistar o que muitos têm, mas são incompletos por tê-lo.

Qual o limite do sonho de ser bem-sucedido e a obsessão de vencer?

Ele queria ser destaque por satisfação, por sentimento de superação e vitória ou queria ser destaque para que os outros o vissem como destaque?

Ele competiu com a concorrência, com sua própria equipe e empresa, ou com ele mesmo?

O sucesso era objetivo ou muleta para efetuar um bom trabalho? Qual era seu verdadeiro foco? Onde se perdeu?

Em meio a todos esses palpites e indagações, ainda assim, é muito delicado um julgamento ou conclusão, pois só a própria pessoa sabe o que carrega dentro de si e seus reais motivos, assim como cada um persegue aquilo que acredita ser “sucesso”. Para nós ele podia estar perdido, para ele podia estar no caminho certo conforme o sentido do que buscava alcançar.

Analisando pelo ângulo de que possivelmente estivesse perdido, muitos de nós em diversos momentos nos perdemos dessa forma, e não sabemos mais se buscamos aquilo que acreditamos ou aquilo que queremos que os outros vejam.

Como ele, em inúmeras situações não sabemos se estamos apoiados em realizar sonhos ou se estamos decididos em não mostrar que perdemos. Muitos de nós somos bem-sucedidos em diversas áreas, só que para nós isso também não é o suficiente.

Ser bem-sucedido é ter muito dinheiro? Alguns trocariam todo o dinheiro do mundo pelo amor de seus familiares; para ter de volta alguém que se amava e que se perdeu; ou por saúde, ou por paz...

Ser bem-sucedido é ser visto por todos? Há quem trocaria toda a fama pela felicidade de ser livre; pela liberdade do anonimato; pela alegria no lar; ou simplesmente pelo respeito e pela independência.

Ser bem-sucedido é ter a profissão que se sonha? Certas pessoas conquistaram a profissão dos sonhos, mas são sozinhas, rodeadas de multidões e, ao mesmo tempo, de ninguém sincero e verdadeiro.

Muitos acreditam que o sucesso está em ter condições de comprar o que se deseja, em ter a família unida, em casar-se

com quem ama, em trabalhar naquilo que satisfaz a alma, ou em ter autonomia, ganhando muito dinheiro ou não.

Independentemente do que representa para nós, é importante que não façamos disso uma busca desenfreada e que atrapalhe nossos caminhos. Alguns impulsos podem conduzir ao abismo. Seja lá qual for a sua percepção sobre esse assunto, que seja saudável, leve e livre. E não seja um peso que traz resultado satisfatório, porém com percurso de infelicidade e vazio.

Que suas buscas por realizações também tragam edificação e preenchimento interior, permitindo desfrutar as muitas coisas boas que a vida tem a oferecer, para que não conquiste somente uma satisfação exterior. Seja lá o que sucesso representa para você e para mim, que traga liberdade, alegria, paz e descobertas, e não cadeias, dor e solidão.

Certas vezes, quando colocamos um fim em algumas buscas desenfreadas por alguns objetivos, aí então é que os alcançamos. E isso não só financeiramente, mas em várias áreas e propósitos, como o sucesso no amor, o do corpo perfeito, da fama, da popularidade, dos milhões de visualizações, dos projetos, dos estudos e muitos outros.

Conheço pessoas que há anos vivem sozinhas à procura frenética por um relacionamento estável, para se casarem e dividirem sonhos. Só que quanto mais procuram, mais permanecem solteiras. Estão presas focando no pódio do altar, porém não conseguem sequer enxergar ao redor e o que a vida tem oferecido. Miram no foco e deixam passar despercebidas vivências e oportunidades.

Seus namoros mal começam e já despencam, pois pressionam seus relacionamentos com muitas cobranças logo de início. Sem perceber, impõem o peso do que almejam sobre a outra pessoa que mal conhecem, assustando e repelindo (e isso independente da orientação sexual).

Ao invés de aproveitarem cada momento desfrutando da relação, vendo o ritmo natural tomar seu próprio rumo, atrapalham-se apressando o desenrolar das coisas. Fazem com que seu parceiro ou sua parceira, que antes se sentia bem ao seu lado, que gostava de conversar, que estava nutrindo um sentimento mais profundo, deixe de nutrir tudo isso por sentir um sufocamento.

A pressa, a impaciência, a insegurança em excesso, a autoconfiança exagerada e a obsessão pelo objetivo desejado contaminam percepções e decisões. A base que você escolhe se apoiar pode alterar percursos e caminhos. Assim como muitos se enganam tendo como alvo o topo, quando o segredo está no alicerce.

Ouço de quem busca relacionamentos nos aplicativos, que a maior dificuldade que encontram é o desespero e a pressa de pretendentes, que mal conhecem a pessoa que está do outro lado da tela e rapidamente falam sobre namoro, casamento, ciúmes, como se quisessem algemar e não se relacionar.

Porém, o que dizer? Muitas vezes, temos a tendência de desejar o sucesso no amor, sem nos atentarmos para os caminhos que levam a isso. Queremos a felicidade materializada numa coisa ou pessoa, e não como forma de vida. Há mais preocupação no troféu da aliança do que na descoberta

da pessoa certa para se caminhar ao lado. Há mais preocupação em encontrar o amor instantâneo e acabar com a solidão, do que em construir algo sólido e verdadeiro. E mesmo sabendo que não tem garantia alguma, nem para os que planejam e nem para os que não planejam, existem problemas e dores que podem ser evitados.

Como alcançar um destino sem caminho? Ou como sobreviver no topo sem ter onde se apoiar?

Ao invés de sermos modelados somente para as “linhas de chegada”, deveríamos ser mais preparados a sentir os caminhos, os meios, os rumos e as escolhas que podem nos levar a esses destinos.

E esses podem mudar, sendo alcançados ou não. Os objetivos podem ser concluídos, só que a história de vida, aquilo que vivenciamos, é o que realmente importa e tem valor. Talvez se pensássemos dessa forma, não sofreríamos tanto quando o fim acontece, pois teríamos a segurança de que outros caminhos nos esperam, e seríamos alimentados pelos momentos de aprendizados que a vida nos permitiu experimentar. Saberíamos inclusive que os sabores e dissabores que nos alcançaram podem até nos presentear com destinos melhores.

Tem objetivo que se cumpre. Tem sonho que se realiza. Tudo isso pode ser real ou não. Mas a jornada, essa sim é real. Se apegue um pouco mais a ela e viva. E talvez, mirando no que temos vivido, encontremos troféus que brilhem muito mais. O prazer das vitórias, conquistas e sucessos é incrível, mas saibamos aplicar o fim naquilo que é necessário, para que possamos ter uma vida feliz associada a todos eles. Se conhecer

é um grande sucesso.

“Posso todas as coisas Naquele que me fortalece.” (Filipenses 4:
13).

Refleta:

Até quando, oh hipocrisia, se alimentará do meu fim?

Desde criança ouço falar das fases da vida. Que vida? A real ou a que criaram? A vida com máscaras ou a vida nua e crua? Nesse período de pandemia e quarentena, em que as pessoas foram expostas a sentimentos dos mais variados (desde as mais sensíveis mazelas e aflições até a demonstrações mais profundas de união e amor), fiquei assustada com algumas expressões e atitudes das quais nem todas pude identificar se eram encenações ou realidade.

Ao mesmo tempo em que a fragilidade da vida e do planeta ficaram tão “em cheque” ou em questão, vi muitas pessoas e coisas se perdendo dentro delas mesmas. E me assustei com o que vi. Embora não devesse porque não há novidade nisso, no desalinhamento dos seres enquanto indivíduos e coletivos há muito tempo. E não tenho vergonha de dizer que as primeiras máscaras que caíram foram as minhas.

Nos últimos tempos estava me perguntando se havia perdido a conexão com o mundo ou se ele havia perdido a conexão comigo. Olhava ao redor e via certo padrão de comportamento tomando dimensões cada vez maiores, mesmo em grupos ou pessoas com pensamentos, bandeiras e ideologias iguais ou

diferentes. Verdades absolutas, falácias, posturas e falta delas, argumentos sem argumento, bandeiras sem alicerces, discursos presos a lábios e distantes do coração e da mente, que demonstraram opiniões desajustadas.

Tudo se tornando tão normal dentro das anormalidades que estava quase acreditando. Discussões vãs se levantaram com a justificativa de defender crenças, conceitos e opiniões, porém, as atitudes estavam longe do que estavam defendendo. Desentendimentos e intolerâncias que a cada dia se multiplicavam por pessoas que nem sabiam mais em que acreditavam e nem lembravam o real motivo pelo qual estavam lutando. A bagunça da verdade que virou mentira e da mentira que virou verdade.

Presenciei pessoas que pregavam a paz usando discursos de ódio.

Outras que repudiaram o discurso de ódio usando mais ódio ainda.

Pessoas que:

... diziam falar em nome de crenças agindo totalmente diferente do que pela crença foram ensinadas;

... procuraram combater a perseguição religiosa com perseguição, discriminação e generalização;

... falaram da crise mundial com lágrima no olhar e voz embargada de choro, mas esbanjando coisas caras e supérfluas;

... diziam lutar contra o racismo com ataques preconceituosos étnico-raciais;

... passaram por cima da dor alheia para satisfazerem seus

egos, suas ambições, politicagens e opiniões;

... exigiram respeito desrespeitando;

... discutiram “o isolamento” com base somente em interesses próprios, ao invés de discussões de interesses “coletivos” que trouxessem equilíbrio para todos;

... discursaram sobre respeito, amor, compreensão e flexibilidade, agindo no inverso de seus discursos;

... mostraram ter a mente aberta, que não fazem acepção de pessoas, mas desde que esteja sendo colocado em prática nos mesmos grupos que frequentam e no mesmo círculo ideológico;

Quando sufocada por tudo isso, eu me vi sem fé, pregando a fé, sem força, com discurso de força, inerte, com discurso de ação. Sim. Eu não estava louca. Eu estava imersa em hipocrisia ou com pensamentos desalinhados tanto quanto as pessoas que eu questionava.

Percebi, então, que esse “desalinhar” entre pensamentos e atitudes se manifestava conforme aquilo que eu alimentava, e com isso enfraquecia ou ganhava força. Semelhante a hipocrisia, que pode em nós não achar espaço ou fazer morada.

Quando eu o alimento e quando você o alimenta? De que maneira ganha espaço, a ponto de não conseguirmos mais definir a realidade e a ilusão, a mentira e a verdade, quem somos e o que fazemos?

A primeira resposta que encontrei nessa autoanálise foi um choque. Pelo menos em mim, algumas contradições cresciam quando negava que estava indo na contramão, ou quando só conseguia identificá-las nos outros. Você se chocou também?

Pois é! Só espero que você tenha se chocado por mim.

Porque brincadeiras à parte, como posso me desprender de tudo aquilo que tem ido contra o que acredito, se continuo sendo influenciada e agindo igual ao que repudio? Como seguir um caminho, indo contra meus princípios, contra o que prego, contra o que acredito, lado a lado com o que recrimino?

E não digo que não podemos caminhar em sintonia e respeito com aqueles que discordamos ou divergimos de pensamentos. Considero uma vitória pessoal e social cada vez que vejo pessoas diferentes se enxergando como iguais. Trago esse questionamento no sentido de não aplicarmos verdadeiramente o que propagamos.

É como se a cada gesto ou a cada palavra houvesse um “alerta amarelo” dizendo: “É isso mesmo? Tem certeza? Você jamais concordaria com isso que está fazendo. Ou jamais diria isso que está dizendo. E nem agiria como está agindo. Peço a senha de liberação para continuar, caso contrário tal ação será bloqueada”.

E dentro de nós respondemos: “Senha concedida”. E ainda pensamos: “Que voz idiota é essa? Por que estou me condenando?”. Porém, a suposta voz interior que pedia a senha só estava tentando mostrar para nós mesmos quem somos e quem estamos nos tornando.

É normal, no processo de construção de cada um, de vez em quando, agir no sentido oposto aos nossos ideais. Só fica estranho se isso vira um hábito, e se esse oposto é algo ruim. E se para alguns essa voz nem aparece mais, e agir tão contrariamente àquilo que você acredita se tornou tão normal, o

caso é ainda mais estranho. Até quando continuaremos nos fraudando?

Mencionei sobre esse período de pandemia, em que observei isso tão exposto, entretanto a hipocrisia está presente desde os primórdios e em toda a História. Talvez tenha sido “vomitada” e escancarada pela sensibilidade de todos com o isolamento social, o qual isso só explicitou o que a maioria carrega faz tempo.

Se o momento é defender ou atacar algo sem sentido para nós só para satisfazer a muitos, que mal tem? Ou que mal há em idolatrar alguém ou alguns, mesmo que esses tenham sido nossos opressores de alguma forma? E qual o sentido de agregar, de compreender, de unir, de respeitar, se podemos competir, não é mesmo?

Presenciei pessoas entregando doações para moradores de rua e usuários de entorpecentes e, ao mesmo tempo, rindo deles e ironizando por conta de suas falas perdidas decorrentes dos vícios. Seria uma nova modalidade de “caridade sarcástica”?

Dessa forma continuamos desalinhados, em desajuste e a hipocrisia agradece.

Pode parecer algo bobo e sem valor algum, porém, se não nos atentarmos às nossas ações, podemos criar uma crise de identidade e não sabermos mais quem somos. Se bem que talvez a gente não se conheça tão a fundo assim. Porque aquele que sabe quem é e que mantém seus ideais em sintonia com suas atitudes, não tem medo do novo, do diferente ou de se renovar. Ainda que oscile por ser flexível a mudanças, a inclusões e exclusões de opiniões na sua construção. Pode até se deparar

com dúvidas e discussões, porém, sempre dentro de um sentido que agrega, acrescenta e edifica, e não tóxico e destrutivo. E ainda que tropece, não permanece preso a enganos e não se debruça nas situações ao redor para sempre. Sabe quem é. Sabe o que construiu a formação de sua história e de seu caráter, e não permanece à mercê da manipulação externa.

Duras palavras, Cíntia. Pode ser que as pessoas estavam se desconstruindo, como você mesmo disse, não é mesmo? Quem sabe? O desconstruir não faz de nós pessoas de muitas personalidades, e sim reafirma nossa identidade mesmo dentro de um leque muito grande de pensamentos, ideias e de uma pluralidade de contribuições.

Do mesmo modo, nesse período de isolamento, vi pessoas que eu menos imaginava surpreendendo muitos.

Pessoas:

... aparentemente egoístas ajudando multidões;

... fechadas e introspectivas compartilhando mensagens de ânimo;

... de diferentes crenças e ideologias, unidas em prol da vida e da caridade;

... que entenderam que, fazendo isso, não estavam agindo ao contrário do que costumam, e sim se desconstruindo através da dor e do sofrimento humano para acrescentarem peças que fazem parte do seu interior e estavam adormecidas. Aproveitaram as diferentes relações para unirem, compartilharem, praticarem e melhorarem.

Pode ser que aquela voz que mencionei (que fala dentro de

nós) esteja tentando nos mostrar que em algumas áreas precisamos de mudanças, de manutenção e de cuidado. Porque aquele que deixa entrar de tudo na sua mente e abraça todas as ideias está sujeito a ser um depósito receptor do que presta e do que não presta e, com isso, deixar refletir em seus atos.

Saber quem você é preenche os espaços necessários que limitam a manifestação da hipocrisia, até que seja reduzida a nada. Porém, se ao refletir sobre si descobriu que a hipocrisia faz parte do seu caráter, significa que precisa descobrir sua verdadeira face, até que nunca mais precise de muitas faces.

Tome o seu espaço no seu interior. Preencha com tudo aquilo que lhe explica e lhe compõe para seu autoconhecimento e isso fortalecerá suas ações. Conduzirá você aos pontos finais necessários, e a transpor os fins que surgiram. Não tem sentido ter a oportunidade e a dádiva da vida se não for para vivê-la por você mesmo, sendo você.

Meus desajustes tanto tempo alimentados não se agradaram pela fome que passaram pela reflexão dessas palavras. Um dia minha voz interior, cada vez mais em sintonia com minhas atitudes, irá me agradecer.

“Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vocês, dizendo: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens” (Mateus 15: 7-9).

Refleta:

Eu gosto do fim. Meu amigo fim! Será?

O fato de ter uma adolescência um pouco conturbada em meio aos vícios de álcool do meu pai e o desemprego dele, que trouxe muitos problemas financeiros, além de ter uma personalidade tempestuosa e instável semelhante à dele, colaboraram para minha juventude de fases rebeldes, se comparada com a vida das pessoas que cresceram comigo. Para bagunçar ainda mais tudo isso, estava a minha baixa autoestima decorrente dos preconceitos e desvalorizações vividos por ser negra. Criei, então, uma personagem de fama briguenta e namoradeira, que costumava agir fazendo da vida um malabarismo com ímpetos e impulsividades.

Na vida sentimental, quando começava um namoro mergulhava numa paixão doentia. Mas da mesma forma que a paixão vinha avassaladora como um tsunami, ia embora rapidamente como o recuo das ondas. Quando novinha era sempre “um drama” com medo de perder as pessoas ao redor, e posteriormente na mocidade, “o drama” se tornou o inverso ao me desprender com facilidade das paixões e relações.

A mãe da minha comadre brincava: “Você parece uma vassourinha. Aonde passa, sai varrendo e recolhendo o que está

no caminho”, referindo à minha facilidade de me apaixonar e rapidamente engatar um namoro, como também de deixar de gostar e terminar. Que ambiguidade! Como poderiam existir “dramas” tão distintos dentro de um único ser?

No começo, na juventude, isso se tornava até motivo de piada e parecia divertido e engraçado. Só que com o tempo, com o amadurecimento espiritual e mental, vamos percebendo que nem tudo é sempre tão normal e nem sempre tão engraçado.

Somos feitos de fases, mudanças e transformações, e nesse percurso muita coisa vai sendo agregada, alterando nossa maneira de ver e pensar. Há comportamentos e circunstâncias que temporariamente nos agradam e nos divertem, porém, tempos depois incomodam e trazem vazio.

Quando nada muda e permanecemos com os mesmos hábitos por anos e anos, sem transformação, sem crescimento e sem sentir incômodo, talvez algo precise ser revisto. Usando o meu exemplo de “vassourinha” mesmo.

Quem optou por ter uma vida de “vassourinha” perpetuamente é da sua própria consciência, já que cada um sabe de si. Só que eu não tinha optado por me tornar assim. Não era o objetivo planejado para minha vida. Simplesmente quando percebi, estava agindo dessa forma. É tudo tão rápido. Você dorme de um jeito e anos depois quando acorda se tornou outra pessoa.

Hoje, olhando a vida num panorama mais amplo (como de um “telão”), vi quantas pessoas eu fiz sofrer, não levei a sério, não valorizei ou fiz perder tempo com falsas esperanças. Quantas coisas importantes desmereci, quantos sentimentos

desprezei e quantos julgamentos fiz precocemente. Vivi a rejeição e a desvalorização e, assim, era isso que eu tinha a oferecer.

Entre outras atitudes que prefiro nem mencionar para não virar um livro de lamentações. Sim, eu sei. Era o meu entendimento na época ou era aquilo que tinha a oferecer no momento. Mas acho importante lembrar, perceber e identificar, pois muitos males que vivi posteriormente (como quando não fui levada a sério, não fui correspondida ou fui julgada por atitudes), fizeram com que eu aprendesse na pele o que eu tinha ensinado na pele dos outros. A percepção é uma das nossas melhores e mais aliadas amigas.

A verdade é que usando esse exemplo dos namoros, você e eu podemos levar a reflexão para diversas áreas que estejamos vivendo, ainda que na sentimental isso não se encaixe com você. Pois o que percebi, com mais experiência, era a minha necessidade de colocar rapidamente um fim a tudo, para não correr o risco de viver o que minha mãe vivia com meu pai. Ou para não viver os desprezos que antes eu tinha experimentado.

Eu desacreditava de todo mundo e ninguém conseguia transmitir um projeto seguro para mim a ponto de continuar tentando. Logo eu pensava: “minha mãe sofre tanto pelo alcoolismo do meu pai que não quero passar por isso. O melhor é cortar o mal pela raiz e não levar as relações adiante, assim, não correrei o risco de sofrer da mesma forma”.

Mas agindo desse modo foi que aproximei para mais perto o sofrimento. Na cegueira constante de podar as relações para não sofrer, não atentei para a minha obsessão de querer consertar os

outros. Eu me prendi ao medo de viver, associando às pessoas o que gostaria de consertar no meu pai.

Fiquei tão focada em não sofrer, que não percebi as verdadeiras deficiências e influências que estavam me levando como um “guia turístico” para o passeio da dor. Olhei demais para um lado só e me esqueci do outro. Olhei demais para o fim e não prestei atenção no percurso, no meu interior e nos meus comportamentos.

A insegurança faz com que percamos oportunidades. Sim. Sei que existem pessoas que não se prendem a nada ou a ninguém, porque são felizes vivendo essa liberdade. Não estou generalizando. Às vezes viver de muitos fins pode ser um reflexo da nossa insegurança. Namorar demais, sem conseguir se firmar com ninguém, pode ser um sinal de que você está se autossabotando e cortando as relações como tentativa de se proteger, para que no futuro essa relação não exponha você a algum tipo de dor.

Viver na inércia, sem muitas ambições ou projetos de vida (não generalizando novamente), pode ser você podando novos caminhos somente pelo medo de fracassar ou perder.

Ser uma pessoa fechada, pouco sociável, com o pretexto de um estilo de vida introspectivo, pode ser uma armadilha pessoal, na qual você se boicota em amizades e descobertas por medo de ter de enfrentar seus verdadeiros sentimentos, medos, prazeres e emoções.

Assim como viver demonstrando alegria, mostrar-se extrovertido 24 horas (nada contra quem é feliz) pode ser uma fuga para esconder tristezas e fragilidades.

Não sei. Não sabemos. Cada um sabe o que verdadeiramente sente ou é. Por isso não há uma regra que generalize todos os casos, pessoas ou estilos de vida. E sim só um vaguear de possibilidades.

Até porque em todos esses exemplos acima mencionados, as dores e decepções não podem ser evitadas para sempre, não é mesmo? Não se pode controlar tudo a todo tempo.

Então, é muito válido prestarmos atenção se estamos nos enganando, achando que trazendo o fim constantemente para algumas áreas, isso nos tornará imunes à dor (se é que algum dia ela chegaria).

Pois quem sabe se realmente não seria feliz nos relacionamentos que tantas vezes terminou? Ou que não construiria uma bela história nas tantas oportunidades de se abrir para alguém que você pôs por “água abaixo”?

Quem garante que aqueles “nãos” que tantas vezes você disse, na desculpa de ser o seu jeito, não foram, no fundo, você podando sonhos, amizades, projetos, casamentos, momentos alegres e divertidos?

Como saber se o fato de você pular de emprego em emprego, com a justificativa de estar se descobrindo, não tenha sido uma fuga do seu constante medo de fracassar? Se tivesse persistido em alguma dessas portas, teria se desenvolvido, encontrado a si mesmo, prosperado, superado desafios e descoberto sua vocação?

Precisamos investigar se existe outra verdade camuflada dentro de nós que esteja nos levando na contramão da felicidade e do que realmente gostaríamos. São nesses momentos de

dúvidas, se é que existem, que seria bem oportuno procurar a “tal amiga percepção”, para entendermos se estamos quebrando as pontes das nossas vidas que nos levariam para alegrias ou as que nos levariam para sofrimentos. Sem esquecer, é claro, que toda ponte leva a algum lugar.

O “sim” e o “não” que você falou ou deixou de falar, acertando ou errando, são sinais de que tentou e fazem parte da sua história. Isso mostra seu lado humano. Então, precisamos parar de ver certas tentativas como fraquezas e crimes. E com isso, quem sabe, termos mais coragem de avançar e prosseguir com algumas escolhas.

Lógico que digo isso para pessoas que não costumam dar continuidade por medo de fracassar. Há casos e casos. Há situações em que é melhor cortar o mal pela raiz mesmo, por ter percebido sinais de que aquilo não é para você ou não acabará bem. Assim como é importante lembrar que em qualquer atitude teremos de lidar com consequências. Tem ponte que antes de você pisar nela já consegue prever o que o aguarda do outro lado. Pensa que é fácil suportar o peso de algumas escolhas? Já alerta que há colheitas que são como “feridas” de tanta dor. Então, que também não haja uma empolgação para que façamos dos erros um “oba-oba do errar é humano”.

Mas não é do fim preventivo que estou falando, apesar de que vale citar que esse também existe. E sim aquele fim que usamos como muleta para nossas vergonhas, egos, traumas e incertezas. Aquele que usamos como maquiagem para esconder nossas fragilidades e que funcionam como obstáculos para concluirmos alguns objetivos.

Quando alguém se bloqueia pela dificuldade em dar continuidade por traumas passados, é preciso lembrar que sempre há diversos métodos de estimular a confiança e a libertação da mente. Você pode procurar ajuda profissional, espiritual (pois ambas se completam) e muitas outras. Só que para todas essas, o mais importante é perceber isso e confessar para si mesmo. Pois independentemente de qual ferramenta você utilizará para conquistar coragem, escolha a que leve para dentro de você, que é a única pessoa que pode decidir se edificar e ser feliz. No meu caso, que optei por buscar em Deus forças e ensinamentos, tudo que com Ele aprendi conduz para o meu interior e como vou agir diante de tudo que absorvi. Assim como a terapia com base em ciência, que tem sido fundamental para equilibrar o que penso e sinto, e inclusive praticar uma fé saudável.

Nesse processo de equilibrar o que destrói e o que constrói, podemos avançar, retroceder ou estacionar. E se o que nos levou a colocar um fim em tudo está dentro de nós, também dentro de nós está a força para romper qualquer bloqueio, medo e insegurança. Em mim e em você estão todas as respostas, quer sejam aprendidas pelos olhos da fé ou pelos olhos da razão, para o que precisa ser mudado e o que precisa ser mantido. Há momentos em que precisamos de ajuda, mas há momentos em que somos nossa própria ajuda. Não importa. Em nós está o desafio de colocar em prática o que foi aprendido para a edificação e evolução.

Se a velha pessoa está dentro de nós, a nova também se encontra no mesmo lugar. E se conseguimos colocar um fim em

tantas coisas até aqui, por que não conseguiríamos colocar um fim naquelas que são mesmo necessárias? Não duvide. O fim não precisa estar presente a todo tempo de forma negativa.

“Loucos! O que fez o exterior não fez também o interior?” (Lucas 11: 40).

Refleta:

Quem venceu? Ganhei e perdi!

Cansei de fazer da vida um constante jogo de queda de braço. E você cansou? Ou conhece alguém que está com dificuldades por continuar remando contra a correnteza? Hora queremos provar que ganhamos, hora queremos justificar o motivo pelo qual perdemos. Hora deixamos ser vencidos, hora não deixamos que mais ninguém vença além de nós.

Há sempre um pretexto para competirmos com os outros, competirem conosco ou competirmos com a gente mesmo. E em muitos momentos, quando a competição se faz verdadeiramente importante, deixamos de competir. Essa “queda de braço”, necessária ou não, relevante ou não, faz-se presente em quase tudo, e pode ser saudável, só que até um certo ponto.

Uma das maiores lições que aprendi é que muitas coisas pelas quais tanto lutei e briguei foram em vão, diante da fragilidade da vida e do que realmente tem importância.

Tanto tempo perdido em discussões, em fazer valer minhas opiniões e conceitos, em querer mostrar meus achismos, e de que isso me valeu, se por fim muitos deles mudaram? Quem dera tivesse entendido antes que minhas verdades, sendo

verdades ou nem tão verdades, eram as minhas verdades e não as dos outros. Como teria sofrido menos se tivesse entendido o quanto antes que compartilhar aquilo que acredito nem sempre é certeza de que me compreenderiam. E do contrário, isso não deveria me fazer sentir inferior ao ponto de duvidar daquilo que acredito, e nem me sentir superior ao ponto de querer impor minha forma de pensar.

Expressar não deveria ser impor, persuadir, convencer ou competir. Também ser incompreendido não deveria ser desistir de crer, deixar de ter voz ou se amedrontar.

Somos *experts* em nos classificarmos como possuidores da verdade, porém não temos a mesma desenvoltura e nem somos tão *experts* em reconhecer quando estamos errados, em voltar atrás, e em dizer para o outro: “Você estava certo o tempo todo”. Temos dificuldades em entender que as pessoas do mesmo modo têm suas “verdades” e acreditam que são detentoras delas. Pensamos: “Como pode essa pessoa achar que está certa e ainda querer me fazer concordar com isso?”. É simples a resposta. Do mesmo jeito que queremos.

Sabe aqueles ringues de lutas, em que a pessoa fica segurando o troféu para entregar para o vencedor? Suponhamos que nesse ringue, estamos nós e nossos opositores, ou nós e pessoas que pensam totalmente diferente umas das outras. Cada um com sua verdade, com sua opinião, crença, partido, ideologia, religião, doutrina, conceito, mentalidade, cultura, posição social, visão de mundo, sempre tentando fincar as estacas das certezas. O problema é que todo mundo tem certeza de que está com a certeza. Nessa luta de ideias, visualize a expressão da

pessoa que segura o troféu naquele ringue que mencionei. Para quem ela deve entregá-lo?

Bem, pode ser que você responda, “para quem conseguir convencer ou ficar de pé”. Será? Nem sempre quem prevaleceu, quem convenceu, quem persuadiu, quem venceu, quem ficou de pé era a pessoa mais coerente. Diversos fanáticos, manipuladores e opressores conseguiram persuadir multidões com suas loucuras e carnificinas em nome de “suas verdades” que convenceram muitos, e que não deixava de ser loucura por isso. Aliás, loucuras para mim, pois para eles ainda eram verdades.

Vejo agora, nos meus devaneios, a mesma pessoa segurando o troféu e pensando: “Então qual é o motivo de tudo isso? Se quem prevalece nesse ringue nem sempre está certo, e até mesmo pode ser que todos tenham um pouco de razão, qual é o motivo da luta? Aliás, o que estou fazendo com esse troféu nas mãos?”.

Se ela não sabe, eu muito menos. Porque aprendi que um confronto de opiniões deve ser para reflexão, edificação de todos, para conquistas, para esclarecimento, para a busca de liberdade, ainda que traga mudanças na maneira de pensar de cada um ou não.

Porém, hoje o que vejo em alguns casos é que há mais ataques do que formas de buscar entender o outro ou ser entendido. O expressar virou ofensivo, assim como os olhos e os ouvidos atacam tudo que veem e ouvem. Pessoas não sabendo expressar e pessoas não sabendo interpretar o que se expressou. E principalmente, pessoas não sabendo fazer valer o que pensam.

Essa reflexão me fez lembrar do que minha mãe dizia sobre

meu pai. Apesar do alcoolismo, ele era muito inteligente, mas não sabia se expressar, mesmo estando certo. Ele tinha razão em muitas coisas, porém brigava, gritava e não ouvia ninguém na hora da raiva. Então ela dizia: “Você está certo no que diz, só que perde a razão pela forma como faz”. E, meu Deus, como me assemelho a ele! Estou diariamente me desconstruindo para aprender como e quando fazer ouvir a minha voz.

Já estive em ringues com discussões que me ensinaram que não ganhei e nem perdi. Debates que não produziram, não edificaram e que por vezes mal consegui expressar o que realmente tentava dizer.

Quantas vezes não dei ouvidos para conselhos e orientações (de pessoas mais velhas ou mais novas), e valorizei demais minha opinião, querendo provar que estava certa de qualquer jeito. Não respeitei outras vivências só porque tinha as minhas vivências. Não compreendi histórias, experiências e nem pontos de vista, como se o mundo girasse somente ao redor da minha maneira de pensar. Debrucei no arquivo mental dos muitos livros lidos, acreditando que tinha encontrado o “resumo da sabedoria”. Relutei em dar o “braço a torcer”, até ser engolida pelo meu próprio ego.

Queremos viver a tolerância sendo intolerantes.

Pais que não demonstram que podem aprender com filhos e filhos que não se permitem aprender com os pais. Mais velhos que não respeitam as vivências dos mais novos e mais novos que desprezam a bagagem de vida dos mais velhos.

Amigos e parentes trazendo divisão só por não pensarem igual. Casais que não respeitam as diferenças e as

individualidades. Profissionais que, ao invés de se unirem em prol da empresa e do crescimento de todos, esforçam-se para derrubar um ao outro e para buscar somente os próprios interesses e ideais.

Professores e alunos que não se ouvem. Políticos que não conseguem enxergar além de suas ambições. Religiosos de diversas crenças fechados em seus próprios entendimentos. Meios de comunicação que não se comunicam uns com os outros. Líderes que não respeitam aqueles que querem liderar. Pessoas que querem mais holofotes do que serem, de fato, ouvidas.

Enfim, não se pode ter paz só com quem pensa da mesma maneira.

Desde criança aprendi que o mundo está em evolução. E me esforço para tentar enxergar os sinais disso. Mas, infelizmente, tenho dificuldades de vê-la da forma como gostaria. Tinha a esperança de que as muitas dores e lutas que a humanidade enfrentou ao longo da existência, assim como as muitas formas de se ensinar sobre paz, respeito e igualdade, tivessem causado um equilíbrio melhor entre todos os seres. Só que não sei não! Queremos “bater o martelo” e isso basta, não importa a quem doa.

Quando competimos de um jeito injusto, será que vencemos? E se vencemos, o que realmente ganhamos?

Há sim disputas necessárias, inclusive para o tal processo da evolução. Quedas de braços que se tornam inevitáveis para algumas conquistas, para se ganhar alguns espaços, para algumas causas e para se conquistar o direito de ter voz. Porém,

essas lutas produzem frutos que dão respostas naturalmente, pois são para a edificação de algo maior.

São vozes que lutam para conquistar seu lugar de direito. Trazem como veracidade a sua própria essência, como lutas por liberdade, por igualdade, e por espaço em vários setores da sociedade. Lutas que trazem consigo consciência, respeito, força e vão além do que muitos gritos podem alcançar.

Só quem conhece a dor e o desespero de uma voz oprimida entende o valor da voz do outro, como também suas dores. Só quem conhece as sequelas de sofrer desrespeito e desvalorização sabe a importância de se lutar por respeito e valor.

Você e eu temos sido ferramentas do fim para a evolução ou para a involução? Temos produzido o fim para dar lugar ao que é construtivo ou destrutivo?

Aquilo que sai da nossa boca, o que tem sustentado nossos ideais, o que tem fundamentado nossas discussões e, principalmente, nossas ações atingem, agridem, afetam, desrespeitam, destroem, impõem, desmoralizam, desconstroem, ou dão espaço a harmonia, parcerias, inclusão, respeito, liberdade, justiça e propagação do bem? Nossa justiça não pode ser injusta. Pensar nisso me faz refletir se o que tenho feito com base no que acredito tem produzido frutos ou não.

Por fim, cito a queda de braço dentro de nós, quando sabemos que devemos seguir um rumo e seguimos outro, teimando com a gente mesmo. Tudo isso é muito particular e uma reflexão muito subjetiva que cada um deve trazer para si em todos os campos da vida. E fazendo a minha, percebi que um dos lugares menos produtivos tem sido o ringue.

Prefiro descer. Porque algumas batalhas não ganhei na guerra, nem nos ataques, nem nos julgamentos, nem no grito, nem na imposição. Mas quando agi, quando busquei direitos, quando ajudei a buscar direitos, quando li, quando estudei, quando trabalhei, quando respeitei, quando me fiz ser respeitada, quando fiz por onde e quando debati e lutei com sabedoria. E nesses casos, venci o que para mim era realmente ganho. Se não tivesse feito tudo isso, estaria ainda estacionada na mesma discussão sem efeito.

Com base nisso, declaro o fim de alguns *rounds*. Pelo menos para mim. Então, você pode se perguntar: “Mas isso não é desistir?”. Nem sempre. O que parece ser aparentemente perda pode ser, na verdade, ganho. Porque afinal, existem muitas formas de se lutar.

“Combati o bom combate, encerrei a carreira, guardei a fé” (II Timóteo 4: 7).

Refleta:

Sentimento: onde começa e onde termina?

Eis aí antigos alvos da humanidade: os sentimentos. Por que será que hoje as pessoas não sabem ao certo o que sentem, amando e odiando, ficando tristes e se alegrando, com a mesma facilidade com que trocam de sapatos? Odeiam com a mesma intensidade com que deveriam estar amando, ou não conseguem amar, ou acreditam que amam tanto que sufocam. Afinal, você sabe mesmo o que sente?

Há muitas formas de sentir ou de pensar que sente. E muitos dão fim aos sentimentos cortando-os como se estivessem cortando a linha extra pendurada na roupa. Mas vamos falar um pouco (alguns exemplos) das pessoas que sentem ou deixam de sentir o amor.

Existem pessoas ...

... que não se amam;

... que pensam que amam, porém ainda não conheceram o amor;

... que pensam que não amam e só descobrem que amam depois que perdem;

... que têm vergonha de amar;

... que confundem amor com obsessão e com superproteção;

... que acham que amam duas ou mais pessoas e não amam ninguém. Ou até que amam. Quem sabe?

... que entendem que a única forma de amar é anulando, maltratando o outro ou a si;

... que acreditam que amar é deixar o outro fazer o que quer, ou pensam que por amor podem fazer o que querem;

... que odeiam com o pretexto ou com a causa de não receber amor. Ou quem sabe procuram pretextos diversos só para odiar?

São tantas as confusões sentimentais que nos acompanham e que ainda vão nos acompanhar a vida toda e, ainda assim, mesmo com experiência, estaremos aprendendo a lidar com elas.

Fácil é distribuir receitas: “Ame desse jeito. Faça tal coisa para amar. Deixe de amar. Faça tal coisa para deixar de amar. Pare de odiar. Odeie”.

Como é fácil. Difícil é colocar em prática o que muitas vezes aconselhamos.

Dizer para si próprio: “Isso não é amor; ou aprenda a amar e a deixar que amem; liberte-se desse ódio; mude a forma de amar; lute contra esse sentimento; deixe o amor ir ou vir...” corresponde a uma batalha gigante. Ter que aplicar em nossas vidas e falar para nós mesmos, meu Deus, que dificuldade!

Estabelecer limites a nós mesmos, definirmos onde começa e onde termina, onde precisamos acelerar e onde precisamos puxar o freio de mão, onde precisamos seguir e onde precisamos mudar o percurso, tudo isso traz a sensação de sermos vilões na nossa história. E pode ser que às vezes sejamos. Utilizamos

como guia nossos desejos e emoções que querem nos conduzir para um território conveniente, que nem sempre é o melhor para nós ou que nem sempre tem relação com os sentimentos. Uma única pessoa sentindo e emanando sensações num labirinto diário repleto de emoções. É como jogar ingredientes diferentes no liquidificador, misturar tudo, e ao final, ver no que dá.

O que tenho feito, então, para não ser o resultado de um liquidificador sentimental? Tenho tentado esmiuçar as sensações para entendê-las, “triturando” os sentimentos que estão muito grosseiros e organizando os afetos que estão desordenados. É basicamente o exercício de separar coisa com coisa, sem me deixar levar, sem confundir, sem generalizar, aprendendo a entender momentos e pessoas que se diferenciam umas das outras. E logicamente não consigo procurar entender isso sozinha, e sim com a ajuda espiritual e profissional.

Por exemplo, quando percebo que não é amor e sim paixão (e vice-versa)? Quando consigo separar raiva ou mágoa de ódio ou rancor? Percebo quando uma situação não tem relação nenhuma com a outra, que cada caso é um caso? Se vejo tudo confuso e misturado, sentirei tudo confuso e misturado e, conseqüentemente, agirei nessa desordem.

Muitos anos vivi dessa forma. Se lá atrás tivesse aprendido sobre isso da forma como penso hoje, teria amado bem mais, odiado bem menos e compreendido melhor o que poderia dar e o que poderia receber, o que estava sentindo e o que as outras pessoas ao redor sentiam.

Em um mundo onde as pessoas têm aprendido a viver de

forma cada vez mais fria, sendo insensíveis, práticas, apelativas, despreparadas, céticas, desapegadas, enganadoras, tendenciosas e influenciáveis, a primeira lição que teria me ensinado é: ame a Deus, ame a si, aprenda a amar o próximo, e não se deprecie por nenhum desses amores.

Pois se eu aprendesse a amar a Deus, transbordaria amor-próprio e amaria toda a criação (pois somos a extensão Dele). Se eu me amasse primeiro, como consequência não aceitaria menos do que o respeito e o valor de quem quer que seja. Se eu amasse o próximo, teria mais empatia.

Teria me permitido amar ou ser amada de maneira que não precisasse fingir meus gostos, nem me sentir violada em meus sonhos e opiniões, nem precisasse ser manipulada ou manipular.

Amar a mim mesma teria me ensinado a valorizar somente o que edifica, que faz crescer, que faz amadurecer. Ao invés de me prender a sentimentos ou pessoas egoístas, tóxicas, que adoecem, machucam, fazem sofrer, invadem e podam. E ainda que alguma forma ruim de sentimento tivesse me alcançado, eu teria sugado o que fosse bom e verdadeiro e o resto teria encaminhado ao setor de reciclagem ou de devolução.

Amar a si fará com que você se respeite e, com isso, respeite também os demais, como também conquiste respeito.

Essa teria sido a minha segunda lição. O respeito que quero seja o mesmo respeito que dou, e que eu também não aceite receber menos do que isso. Quantas vezes, usando o amor como desculpa, impus, obriguei, invadi, não ouvi, pressionei, desconfiei, machuquei, como se somente eu sentisse as dores

das feridas e as outras pessoas não sentissem. E outras muitas vezes permiti que me destruíssem, que me desvalorizassem, calei diante de violências domésticas e relacionamentos abusivos. Como respeitar alguém que não se respeita ou que não respeita o outro? Ou como você pode dizer que ama alguém, seja qual for o amor, se suas ações não respeitam essa pessoa? Como conquistar liberdade, se somos coniventes com nossa prisão emocional?

O que será realmente esse sentimento? Essa seria outra pergunta que teria me feito. Porque sexo, paixão, amizade, carência, medo de ficar só, atração, afinidade, entre outros ingredientes, são facilmente confundidos com amor. Não que um amor de verdade não possa ter “alguns” desses ingredientes, porém, isso não define o amor como um todo.

As lições da vida me ensinaram que muitas vezes nos perdemos no que sentimos. Veja, por exemplo, quantos coleguismos confiamos como amizades e, com isso, tantas vezes nos decepcionamos. Ou quantas vezes pensamos que gostar é igual a amar. E até que precisamos gostar de quem agimos com amor. O que são coisas totalmente distintas. Podemos agir com amor diante de um ser humano, tratando com dignidade, e nem por isso gostar da pessoa.

E o ódio carrega a mesma característica confusa. Pois quem conhece o amor de verdade pode sustentar o ódio? Como encontra espaço para isso, se já conheceu o amor na sua sublime forma? E quem odeia como consegue amar? Quando a pessoa é preenchida por sentimentos bons, como pode existir espaço para sentimentos negativos? São diversas teorias que passeiam

sobre esses dilemas. Entretanto, uma coisa sabemos: cabe muita coisa dentro de nós, e ganha mais território aquilo que mais alimentamos. E se nós alimentamos, também somos nós que podemos deixar de alimentar.

Alguns sentimentos (mágoas, decepções...) são facilmente confundidos com ódio. E ainda que não tenham chegado a tanto, conforme a direção que dermos pode se tornar.

“Alimentar e direcionar”? Nós podemos direcionar os sentimentos? Então por que quem é maltratado continua amando (se é que ainda ama mesmo)? Ou por que quem quer perdoar não consegue fazê-lo (se é que quer mesmo)?

Não mandamos nos sentimentos tão facilmente e nem deixamos de sentir da mesma maneira como quem deixa de comer chocolate (se bem que para muitos, deixar de comer chocolate está mais difícil do que deixar alguns sentimentos). Porém, nós decidimos as atitudes que com certeza irão influenciar a condução desses sentimentos.

Escolhemos se damos sequência à ilusão, à dor, ao coração fechado para novas relações ou se seguimos a vida (ainda que doa) e damos lugar a novas sensações. Nós optamos por criar possibilidades que darão espaço para mudanças, até que por fim, lá dentro, aquele “liquidificador” que mencionei vai triturando tudo de novo, até misturar novamente e proporcionar novas receitas.

Decidimos se ficamos remoendo memórias que prolonguem o ódio ou a dor; se vasculhamos situações que vão nos deixando com mais raiva ou se evitamos aquilo que aumente a ira; se procuramos contendas ou se ignoramos; se acrescentamos atos

de carinho e afeto ou se praticamos o distanciamento e o desprezo; se queremos lutar pela felicidade ou não. O liquidificador está nas nossas mãos. A cada ingrediente adicionado ou a cada dosagem modificada, a receita vai mudando, não é mesmo?

Esforce mais para o que tiver de diminuir ou aumentar, acrescentar ou retirar. Com certeza esse teria sido o meu alerta no passado, se tivesse a mentalidade de hoje. Não com receitas prontas (pois elas mudam), e nem com imposições a mim mesma, mas sim com encorajamento, precaução, cuidado ou ousadia, o que fosse necessário.

Eu me aconselharia a tentativas mais saudáveis ou mais ousadas, com menos arrependimentos ou menos covardias. Diria: “Cíntia! Não veja o fim dessa relação (seja qual for) como sendo o fim do mundo, pois ainda tem muito para vivenciar; Cíntia! Veja essa relação como a última do mundo, pois alguém tão especial assim será difícil de encontrar”. E isso para todas as relações.

Teria agido com minha família de outra forma, olhado algumas amizades de maneira diferente, teria me afastado ou me aproximado melhor de algumas pessoas. Buscaria dedicação para manter relações que menosprezei ou que simplesmente se foram e que valiam mais atenção, e não teria valorizado demais as que só trouxeram decepção.

Eu me questionaria sobre sentimentos que estariam contaminando minha vida e das pessoas ao meu redor, e perceberia que eles não valeriam o esforço, o desgaste e nem a atenção.

Sei lá. Teria conversado comigo, ao invés de tentar calar tudo que estava sentindo. Teria me dito “se doe mais ou se doe menos, cobre mais ou cobre menos, aceite mais ou aceite menos”. Entenderia melhor o que cada pessoa representava verdadeiramente para mim.

Em quantas circunstâncias agi diferente até do que esperava, porque simplesmente achei que dava menos trabalho não tentar do que alinhar as coisas.

E não que eu esteja choramingando sobre o leite derramado. Só estou colocando para fora pensamentos que precisava exteriorizar. Porque, na verdade, por outro lado, não consigo parar de pensar na gratidão que tenho pelas minhas vivências. Foram elas que me permitiram aprender tudo que aprendi. O que vivemos com sentimentos bons e ruins pode ser visto como algo bonito, se pensado pelo ângulo daquilo que contribuiu para o que somos e seremos. E mais bonito ainda se fizermos dessas lições algo produtivo para uma transformação positiva.

É lógico que não tem como entender tudo isso de forma tão resumida. Desde a antiguidade até os dias de hoje, muitos estudiosos continuam procurando respostas para o que sentimos. Quem saberia compreender totalmente os conceitos e limites do amor, do afeto, do ciúme, da afinidade ou da falta dela, da raiva, das paixões, do medo, da soberba?

Não pense ser autopiedade. É simplesmente um desabafo em que convido você a falar o que normalmente não falamos, e ouvir o que não costuma ser ouvido. Amores e felicidades, aquilo que mais buscamos. São lindos de serem falados, mas quais os fins que também os acompanham? Fale disso. Ensine

sobre isso.

E se você é uma daquelas pessoas que acham que aprenderam tudo com seus conhecimentos e experiências, saiba que você ainda nem começou. No meu caso, pretendo manter esse ciclo de ensinamento e aprendizado para sempre. Ou pensa que é fácil crescer bombardeada de informações, e depois descobrir que estavam erradas? Descobrir que homem chora sim, que cabelo crespo é lindo sim, que amor não é essa possessão que aprendemos, que sua crença pode não estar te ensinando da forma correta, que mulher deve ser tratada o oposto do que te ensinaram, que ciência e religião podem andar juntas sim, e diversas outras coisas que nem caberiam.

Precisamos nos conectar com nossa história para conseguirmos conduzir o que sentimos até um lugar saudável. Precisamos nos conectar dentro de nós.

As histórias que vivi não trouxeram imunidade para que não me abale com alguns fins, ou para que não me confunda com alguns sentimentos. Elas contribuíram para este presente e me lembram que preciso visitar minha alma todos os dias.

Se não consigo interagir comigo mesma dia após dia, como conseguirei interagir com as pessoas ou fases que me alcançarem?

Se prefiro sufocar o que penso e o que sinto, ou o que a outra pessoa pensa e sente, somente para pegar atalhos na resolução dos problemas, porque isso é muito mais fácil, como saberei resolvê-los quando eles novamente aparecerem e não tiverem atalho? Como identificarei quando os atalhos são oportunos ou não? Então, percebi que é melhor enfrentar do que fugir. Fugir

dos outros, fugir de situações, fugir de nós mesmos. Perceber isso pode trazer as respostas que precisamos.

A dor enfrentada pode liberar perdão de algo pendente. O amor chorado pode trazer descoberta de algo que estava faltando para nos preencher. O amor confessado pode liberar em alguém o amor. Quem sabe?

Essa compreensão pode ser exercitada no início da vida, no meio ou perto do fim. A diferença é que conforme a fase, mudam os impactos e frutos.

Então por que não hoje? Por que não amanhã?

Que tal nos apresentarmos mais vezes. Apresentar para quem? Para nós, para o outro, para os de perto, para os de longe, para os alcançáveis e inalcançáveis.

O que sentimos não pode estar apoiado:

... em como todos irão nos enxergar;

... no medo de demonstrar fraquezas ou de demonstrar forças;

... na opressão, em ameaças, inseguranças, manipulações ou incertezas;

... no receio de não compreenderem ou corresponderem;

... em não compreender ou não corresponder;

... em não ser a mesma coisa ou ser exatamente igual;

... no medo do novo e do diferente;

Mesmo que tudo isso possa acontecer, porque também pode ser que não. Se pode haver medo, pode haver coragem. Se pode haver fraqueza, pode haver força. Se pode haver tristeza, ódio, dor, também pode ter alegria, amor e cura. Se há insegurança,

pode existir seguranças e certezas.

Todos os momentos em que estava rindo ou chorando, eu perguntava para Deus “por que estou vivendo isso?”, mas ao mesmo tempo falava “obrigada por tudo que estou aprendendo”. Na sua fé e percepção, olhe para si por um instante e “sinta” o que estiver precisando sentir. Ainda existe tempo de encaixar e desencaixar o fim ou o começo nos sentimentos necessários que envolvem a sua vida para continuar escrevendo a sua jornada.

Não se conforme somente com o que descobriu até agora e nem com o que conhece até o presente momento. Não se apoie na sua única opinião ou em um único ângulo de visão. Comece a tirar camadas, abrir leques, horizontes, caminhos, relações, trocas de experiências (sejam culturais, religiosas, sociais, formas de pensar, sentimentais) e a entender que o limite somos nós quem colocamos. Quando saímos da zona de conforto, conseguimos ter uma visão mais ampla para reafirmarmos e empoderarmos nossa identidade.

Continuará sendo difícil lidar com algumas coisas? Provavelmente sim. Mas resignificar o que pensamos e sentimos ajudará a dar mais sentido e verdade para tudo que temos vivido.

A ponta do carretel? Ela está no começo e no fim que queremos.

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas,
e perverso. Quem o conhecerá?” (Jeremias 17: 9).

Refleta:

Começo, meio e fim. Talvez não nessa ordem

Além das tragédias da pandemia, inúmeras outras tragédias que já existiam (e que aumentaram) continuam assolando todo o planeta, como crises econômicas, catástrofes da natureza, entre outras. São tempos difíceis. E como sempre, o remédio é ter fé e esperança, porque o que sempre fez a humanidade superar suas mazelas foi continuar lutando e acreditando.

Olhando para o mundo inteiro, e para o caos gerado de tempos em tempos, percebemos que nem sempre as coisas acontecem como esperamos, e isso no sentido positivo ou negativo desse “esperamos”.

É uma das únicas certezas que temos: passaremos pelos altos e baixos da vida. Altos e baixos que estão além do nosso alcance, da nossa compreensão, por mais dinheiro, estudo, conhecimento, poder e experiência que se tenha.

Somos alertados a todo tempo (mesmo antes da pandemia) para aprendermos de uma vez por todas a olhar para a vida de frente, em todos os aspectos, com tudo que a engloba. Ela tenta dizer “decida e faça alguma coisa”, pois você vai ter que conviver ou superar, vencer ou perder, aceitar ou lutar, suportar ou tentar curar, adaptar ou consertar, conquistar ou abrir mão,

mudar ou permanecer, seguir ou prostrar, chorar deitado ou marchando, mas que alguma coisa você vai, isso você vai.

Nessa crise sobre a qual tanto se tem falado, alguns tiveram no fim trazido por ela o decreto de falência, enquanto outros a partir do fim empreenderam novas ideias. Alguns se trancaram em suas casas na quarentena e aproveitaram para fazer coisas novas (cursos, atividades, projetos), outros trancados caíram em depressões, alcoolismos, vícios e destruição. Alguns utilizaram a situação para criar pontes e laços de amizade e de afeto com pessoas desconhecidas, de outras crenças, povos e culturas diferentes. Enquanto outros utilizaram a desculpa do desgaste emocional da situação para atacarem, ofenderem, julgarem, ironizarem e se apartarem. Outros não fizeram nada, não decidiram nada, não planejaram nada e sentiram a necessidade de sair um pouco da zona de cobranças, optando por ficarem mais reclusos para poderem sentir melhor esse momento que o mundo está vivendo e onde suas vidas encaixam. O que também é uma opção super normal e que deve ser respeitada.

Sabemos que todas essas coisas podem variar conforme a situação e visão de cada um, como sua estrutura emocional e psicológica, sua condição durante a pandemia, sua realidade financeira, seu estado físico, os impactos sofridos, entre outros. Não estou condenando ou competindo as escolhas, e sim mostrando como a mesma realidade pode gerar jornadas diferentes.

Conheço quem arrumou namorado na quarentena e esteja muito feliz, como também quem na quarentena se divorciou depois de muitos anos de casamento.

Com as mortes não há o que fazer. Não há como substituir pessoas e nem trazê-las de volta. É um tipo de dor que só tem passagem de ida. E nenhuma palavra de conforto pode tratar essas dores. Só que lá na frente, ainda assim, para quem está sofrendo a dor do luto, haverá um momento em que a vida vai dar a opção de continuar chorando prostrado em depressões e traumas, ou chorar caminhando, lutando, vivendo, sendo curado, para encontrar o bálsamo que alivie a dor a seu tempo.

Querendo ou não querendo, concordando ou não, independentemente da gravidade do fato ou da área da vida, sempre estará dentro de nós aquilo que é necessário para se fazer alguma coisa. Isso pode vir por vários meios, pela fé, pelos tratamentos, pela espiritualidade, pela autoajuda, pelo incentivo das pessoas ao redor, mas, no fim, todos os caminhos conduzem a tomarmos alguma atitude, mesmo que seja não tomarmos atitude alguma.

Pessoas (como eu) que acreditam que a força vem de Deus também acreditam que essa força se manifesta dentro de cada um, capacitando e ajudando para fazer o que for preciso.

Outros encontram recursos e ferramentas nas muitas formas de crer. Há quem ache apoio em um livro, nos estudos, na família, nos hobbies e até dentro de si. De todo jeito caberá a cada indivíduo decidir o que fará ou deixará de fazer no contexto em que se encontra.

Até dentro da minha fé, não posso imaginar que Deus queira me ver paralisada e esperando Ele fazer tudo em meu lugar. Essa percepção de um “Ser Supremo” preso aos meus caprichos, mandos e desmandos, fazendo no meu lugar tudo aquilo que Ele

me ensinou a fazer, para mim não tem sentido. Mesmo porque se fosse para Deus fazer o que concerne às minhas responsabilidades, Ele não teria me ensinado e capacitado. Pare de olhar para o céu e esperar as “maletas de dinheiro voadoras”, e as “varinhas mágicas” de transformação de vida do que você se nega a praticar. Com pontes quebradas ou inteiras, nós precisaremos saber como, quando e por que avançar, ainda que sintamos ser guiados por Ele.

Os inícios e términos podem representar coisas diferentes. Uns estacionam, outros avançam, uns se apegam ao lado negativo, outros procuram uma fagulha positiva. E eu, que estive nos dois lados, posso dizer que ninguém estaciona só porque quer ou por fraqueza, pois nem tudo se resume somente ao nosso querer. Existem inclusive influências externas diversas que podem pressionar o nosso querer. É muito doloroso esse processo que leva um ser humano a acreditar que não consegue continuar. E por conhecer as dificuldades, posso dizer que é possível caminhar a “passos curtos” mesmo na opressão, até que ela não exista mais. Pequenos gestos contribuem para nos libertarmos dia após dia.

Quando meu ex-marido sofreu um acidente e quase morreu, além das preocupações com o risco que ele sofria, perdemos quase tudo que tínhamos construído. A sensação foi como se estivesse caindo num poço. Por um tempo me vi perdida e não conseguia reagir. Procurei naquilo que creio, em Deus, nas minhas filhas e família, dentro e fora de mim, algo que pudesse me impulsionar. A sensação foi como a de escalar um poço, mesmo sofrendo, e voltar à jornada.

Ontem estava sentada numa mesa confortável de uma instituição bancária, em seguida sentado numa roda de empresários conversando sobre meu empreendimento, tempos depois de joelhos lavando carros, com as unhas cheias de graxa, na tentativa de consertar os erros do meu segundo casamento. Ou seria tentando consertar novamente os meus erros?

De novo Deus? Ou de novo Cíntia? Ou de novo maridos? Ou de novo dedos acusadores? Qual o propósito de tudo isso? Será que lá atrás não aprendi com os fins do meu pai? Ou quantos fins não superados fico tentando consertar?

Dizem “você tem que suportar, você tem que ter fé, você tem que entender, você tem que ajudar, você quem escolheu então tem que aguentar, foi você quem errou. Se você acreditasse mesmo em Deus você esperaria o milagre, mesmo sofrendo”. Será? As religiões e instituições precisam ajudar de forma realista, mesmo exercendo a fé ou a razão. É preciso falar sobre relacionamentos abusivos, preconceitos, depressão, violência doméstica e tantos outros assuntos que são maquiados, mal interpretados e tratados de forma incorreta. Quem sofre com os “fins”, mesmo decorrentes de más escolhas, precisa de apoio e de instrução, e não de condenação e manipulação.

Presenciei sim muitos milagres, transformações e restaurações. Só que nem todos alcançam essas mudanças. Eu me pergunto: “Os riscos e os sofrimentos estão dentro ou fora do que se tem pregado sobre discernimento?”.

Novamente réus ou inocentes à parte, e não querendo entrar nesse campo, vi que começo, meio e fim chegam para todos, porém nem sempre aparecem nessa ordem. Nossas ações,

sentimentos e compreensões podem alterar a sequência e o sentido do que irão representar para nós.

Isso assusta você? A mim sim. Por isso, o exercício diário. Para lembrarmos, quando possível, que nem sempre a vida se resume aos que os olhos estão contemplando e ao que pensamos que sabemos.

A vida pode se apresentar vasta, pois a criação é multiforme e incalculável. Então, se você está numa zona segura e confortável ou insegurança e desesperadora, lembre-se que sempre tudo pode mudar. Crie o hábito de refletir sobre possíveis começos, possíveis meios, possíveis fins, já que você poderá se deparar com eles a qualquer momento e mais de uma vez. Existem coisas explícitas e implícitas em tudo que nos rodeia e em tudo que aprendemos.

Olhamos a imensidão dos céus e dos mares e pensamos: “Como somos pequenos e, ainda assim, como podemos encontrar forças para fazer coisas grandes!”.

A nossa imensidão está naquilo que não se pode ver. Na imensidão da dor superada, do luto vencido, do ódio dissipado, do perdão liberado, do vício dominado, do amor que transborda, do caído que se levanta, do sentimento que se doa, da fraqueza que se vence, da vergonha que é atropelada, da cabeça que se levanta mesmo diante da humilhação, da humildade da cabeça que se abaixa mesmo diante da exaltação, da atitude que liberta.

Não se criminalize por ser humano. Por perder, por errar, por fracassar. Nem se subestime por ter fraquezas, por ter falido, por ter sido abandonado, por ter acreditado, por ter tentado.

Não se deixe vencer pelos vírus e doenças que aparecem, mas

também não os subestime com sua ciência e conhecimento.

Tampouco se vanglorie pelo que conseguiu ou conquistou. Você pode ter conquistado coisas importantes, entretanto, sempre achará ao seu redor pessoas que conquistaram coisas bem mais simples e que você, mesmo com todo seu poder, ainda não conquistou.

Não se puna para sempre.

Não se feche para sempre.

Não se abra para sempre.

Não julgue para sempre.

Perdoe-se, acredite em você e se permita... sempre.

Que eu me ajude.

Que você se ajude.

Que nos ajudemos.

Que ajudemos os outros.

Que sejamos ajudados por outros.

E que saibamos não ajudar quando esse for o caso.

Que o discernimento nos ensine e que a percepção se alinhe.

Que possamos nos surpreender com lugares, pessoas, atitudes, pensamentos, ideias e emoções nunca visitados. Eles podem ter muito a nos ensinar.

Que caiam as escamas de nossos olhos para que possamos, a cada FIM, enxergar melhor, e que com eles sejamos presenteados com alguns começos felizes.

Que a humanidade possa vencer os fins de hoje e os fins que virão.

E que eu não me envergonhe de quando meus joelhos tocam o chão, na tentativa de recuperar as forças, resgatar a fé, recuperar o fôlego, e no poder de Deus ser fortalecida (dentro do que creio), levantar de novo e continuar prosseguindo para a vida que sonho construir. Pois com tantas dores, ainda vivo muitas conquistas e alegrias. Só posso crer que tenha um propósito muito lindo, para mim e para você, dentro de tudo que vivemos e nas desconstruções que somos construídos. Se na sua maneira de pensar e na sua fé, você puder também acreditar, será um prazer acreditarmos juntos.

“... apagaram o poder do fogo e escaparam do fio da espada; DA FRAQUEZA TIRARAM FORÇA...” (Hebreus 11: 34).

Refleta:

Refleta

Foi muito gratificante refletirmos, mesmo com tudo que concordamos e discordamos. Como eu sei? Porque minhas reflexões e os devaneios que tive a oportunidade de compartilhar com você, ainda assim, são para mim.

E as reflexões que visitaram o seu coração sobre ideias, experiências, pensamentos, situações, fases, descobertas, dores, alegrias, amores e desamores, ainda que tenham sido registradas, e que sejam compartilhadas ou não, comigo ou com outras pessoas, ainda assim, serão para você.

As percepções das desconstruções e construções da vida são para que possamos edificar a nós. E se alguém receber o transbordo dessa edificação, será lucro.

De qualquer forma, independentemente do que conseguimos dar e receber, o verdadeiro alvo para todas essas questões sempre foi e sempre será o nosso “eu”.

É para nós mesmos que essas perguntas devem ser feitas, como somente por nós conseguirão ser respondidas. Precisamos registrar realmente o que concordamos e discordamos, o que cremos e não cremos, o que almejamos e o que dispensamos, o que precisa findar e o que precisa começar, o que precisa ser visto como fim e o que precisa ser visto como recomeço.

Se o livro ao menos conseguir fazer você dialogar consigo,

terá cumprido um dos seus muitos objetivos.

Por fim, agradeço a oportunidade dessa nossa conexão por meio dessas reflexões, e estarei sempre aberta para um *feedback* com sua forma de pensar.

Que esse diálogo perpetue e seja cada vez mais produtivo.

Como autora, saúdo a você.

Mas quem realmente agradece esse momento de conexão, são os nossos “eus” e “fins”.

Sobre a autora

Cíntia Franco é uma empreendedora de São Paulo, com formação em Comunicação Social e Mercadologia. Cristã e mãe de duas filhas, a ex-bancária partiu do mundo financeiro para lavar carros e montar o próprio negócio. Sua influência familiar a levou para o catolicismo, umbanda, candomblé, kardecismo e cristianismo. Com essa bagagem aprendeu a respeitar o ser humano nas suas múltiplas percepções, crenças e culturas. Dentro de hospitais, presídios, asilo, manicômio, orfanato, cracolândias, nas comunidades carentes, ou nas mesas de diretores de multinacionais e condomínios de luxo que teve a oportunidade de trilhar, foi aprendendo sobre as conquistas e perdas, encontros e desencontros. Com as lutas vividas até mesmo na vida conjugal, percebeu como os “altos e baixos” alcançam todos e conectam as pessoas muito mais do que pensam. Nas muitas lutas e adversidades, entendeu o quanto os “fins” fizeram parte de sua história de forma positiva ou negativa e quantos deles se tornaram “pontes” para novidades de vida.

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Convite](#)

[A ponta do carretel](#)

[Recomeço – A agulha no palheiro](#)

[O fim bumerangue](#)

[Não precisam saber. O fim é meu e de mais ninguém!](#)

[O fim que tinha acabado de começar](#)

[O fim que paralisa](#)

[O fim que começa](#)

[O fim da sombra](#)

[O fim que eu não aceito](#)

[O fim das ideias](#)

[De onde vim? Do fim](#)

[O sucesso acabou ou começou?](#)

[Até quando, oh hipocrisia, se alimentará do meu fim?](#)

[Eu gosto do fim. Meu amigo fim! Será?](#)

[Quem venceu? Ganhei e perdi!](#)

[Sentimento: onde começa e onde termina?](#)

[Começo, meio e fim. Talvez não nessa ordem](#)

[Refleta](#)

[Sobre a autora](#)

[Sumário](#)

[Sobre a Viseu](#)

Sobre a Viseu



Essa e outras obras em:

eviseu.com

facebook.com/editoraviseu

twitter.com/editoraviseu

instagram.com/editoraviseu

Contatos:

[*contato@editoraviseu.com*](mailto:contato@editoraviseu.com)

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

[*originais@editoraviseu.com*](mailto:originais@editoraviseu.com)